

POLIANA DORNELES PASA

**TELEVISÃO E ENQUADRAMENTOS TRANSNACIONAIS:
DEZ ANOS DO 11 DE SETEMBRO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Cristiane Finger Costa

Porto Alegre
2013

Catálogo na Publicação

P277t Pasa, Poliana Dorneles
Televisão e enquadramentos transnacionais : dez anos do
11 de setembro / Poliana Dorneles Pasa. – Porto Alegre,
2013.
142 p.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, PUCRS.
Orientadora: Dra. Cristiane Finger Costa.

1. Comunicação. 2. Televisão – Aspectos Sociais.
3. Globalização. I. Costa, Cristiane Finger. II. Título.

CDD 301.16

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

POLIANA DORNELES PASA

**TELEVISÃO E ENQUADRAMENTOS TRANSNACIONAIS:
DEZ ANOS DO 11 DE SETEMBRO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 15 de março de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Ana Cláudia Gruszynski – UFRGS

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt – PUCRS

Prof. Dra. Cristiane Finger Costa – PUCRS

Porto Alegre
2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo auxílio material e pelo conforto nos momentos difíceis da jornada acadêmica.

Ao meu marido pelo incentivo e pela compreensão.

À Professora Doutora Cristiane Finger Costa por acreditar na proposta desta pesquisa e indicar os melhores caminhos teóricos.

And the vision that was planted in my brain
still remains
within the sound of silence.
(Simon and Garfunkel, *The sound of silence*)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e avaliar a presença de enquadramentos jornalísticos transnacionais nas coberturas dos dez anos do 11 de setembro de 2001 da emissora brasileira Globo News e da norte-americana CNN International. Na análise qualitativa do conteúdo, a partir dos preceitos teóricos do *framing*, também foram utilizadas técnicas quantitativas para a identificação de termos e imagens predominantes nas narrativas audiovisuais. A partir da gravação de todo o material, foi estabelecido um recorte temporal das transmissões para o estudo. As passagens escolhidas foram decupadas nas categorias de áudio e vídeo. Em seguida, os elementos mais significativos foram ressaltados de acordo com sua repetição e potencial de ressonância cultural. Os dados obtidos revelaram a produção de quadros de sentidos muito semelhantes em ambas as transmissões. Tal descoberta confirmou a hipótese inicial de que a conjuntura global da produção do jornalismo de televisão pode levar à constituição de enquadramentos transnacionais, ou seja, da representação comum de um evento de escala internacional por duas emissoras vinculadas a nacionalidades diferentes. As narrativas analisadas nesta dissertação remetem a questões complexas da contemporaneidade, como a dissolução de fronteiras dos imaginários e das identidades culturais locais. Além disso, a homogeneização das ideias transmitidas pelos veículos jornalísticos, em detrimento do debate e do posicionamento crítico, pode apresentar uma ameaça aos valores da democracia.

Palavras-chave: Globalização; Televisão; Enquadramento; 11/9; CNN; Globo News.

ABSTRACT

This research aimed to identify and evaluate the presence of transnational framings in the coverage of the ten years of September 11, 2001 from both the Brazilian television channel Globo News and the American network CNN International. In the qualitative content analysis, regarding the framing theoretical stipulations, some quantitative technics were also used in order to identify prevailing terms and images in the audiovisual narratives. From the entire material recorded, a determined period of time was established for examination. The chosen passages were scripted with detailed audio and video features. Then, the most meaningful elements were highlighted according to repetition and potential for cultural resonance. The obtained data revealed the production of very similar frames of significance in both broadcasts. Such a discovery confirmed the initial hypothesis to which the global conjuncture in journalistic television producing can lead to transnational frame-building. In other words, it indicates a common representation of an internationally scaled event by two channels from different national backgrounds. The narratives analyzed in this dissertation refer to complex contemporary matters, such as the vanishing frontiers when it comes to local cultural identities and imaginaries. Furthermore, the homogenization of ideas broadcasted by journalism companies, opposed to debate and critical thinking, may represent a threat to democratic values.

Keywords: Globalization; Television; Framing; 9/11; CNN; Globo News.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Logo da cobertura especial do canal Globo News.....	85
Figura 2 - Elementos presentes no logo da cobertura especial do canal CNN International.....	85
Figura 3 - Início da cobertura da CNN International.....	86
Figura 4 - Na cobertura da Globo News, a correspondente Sandra Coutinho participa ao vivo do World Trade Center e os apresentadores recebem convidados no estúdio.....	87
Figura 5 - Na transmissão da CNN International, ex-presidente George W. Bush discursa após segundo momento de silêncio.....	96
Figura 6 - Na transmissão da Globo News, ex-presidente George W. Bush discursa após segundo momento de silêncio.....	96
Figura 7 - Familiares lêem nomes das vítimas dos atentados na cerimônia oficial transmitida pela CNN International.....	103
Figura 8 - Familiares lêem nomes das vítimas dos atentados na cerimônia oficial transmitida pela Globo News.....	103
Figura 9 - Outra dupla de familiares lê nomes das vítimas. Transmissão da CNN International.....	104
Figura 10 - Outra dupla de familiares lê nomes das vítimas. Transmissão da Globo News.....	104
Figura 11 - <i>Close</i> de mão sobre nomes gravados nas fontes. Transmissão da Globo News.....	106
Figura 12 - Emoção durante performance de “Amazing Grace”. Transmissão da Globo News.....	106
Figura 13 - Mulher chora durante performance de “Amazing Grace”. Transmissão da Globo News.....	107
Figura 14 - Voluntários reparam bandeira dos escombros do 11/9 em Joplin, Missouri. Transmissão da CNN International.....	110
Figura 15 - Tela dividida mostra, à esquerda, <i>close</i> da restauração de bandeira em Joplin, Missouri. À direita, <i>close</i> do símbolo norte-americano fixado na nova torre em construção no World Trade Center. Transmissão da CNN International.....	110
Figura 16 - Bandeiras norte-americanas em miniatura fixadas entre os nomes de vítimas gravados na borda de uma das fontes do memorial do 11/9. Transmissão da CNN International.....	111

Figura 17 - Torres Gêmeas em chamas são lembradas na cobertura dos dez anos do 11 de setembro. Transmissão da CNN International.....	114
Figura 18 - Ex-presidente George W. Bush e presidente Barack Obama, acompanhados pelas famílias, chegam ao memorial no World Trade Center. Transmissão da CNN International.....	114
Figura 19 - Menino se emociona durante a cerimônia em homenagem aos dez anos do 11 de setembro. Transmissão da CNN International.....	115
Figura 20 - Barack e Michelle Obama chegam a Shanksville, na Pensilvânia. Transmissão da Globo News.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Coberturas ao vivo dos dez anos do 11 de setembro.....	88
Tabela 2 – Onde e quando na cobertura da CNN International.....	90
Tabela 3 – Como e por que na cobertura da CNN International.....	90
Tabela 4 – Lembrança e homenagem na cobertura da CNN International.....	92
Tabela 5 – Sentimentos na cobertura da CNN International.....	93
Tabela 6 – Lembrança e homenagem na cobertura da Globo News.....	94
Tabela 7 – Símbolos citados na cobertura da Globo News.....	95
Tabela 8 - Atores citados na cobertura da CNN International.....	99
Tabela 9 - Atores citados na cobertura da Globo News.....	100
Tabela 10 – Como e por que na cobertura da Globo News.....	101
Tabela 11 – Onde e quando na cobertura da Globo News.....	108
Tabela 12 – Símbolos citados na cobertura da CNN International.....	109
Tabela 13 – <i>Framing</i> da CNN International.....	117
Tabela 14 – <i>Framing</i> da Globo News.....	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 GLOBALIZAÇÃO: PROCESSO ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL.....	14
1.1 Comunicação internacional e o poder da mídia na sociedade em rede.....	16
1.2 11 de setembro: em evento global.....	29
2. O GLOBAL AO ALCANCE DA TELA.....	36
2.1 A televisão nas entranhas da sociedade contemporânea.....	40
2.2 Tecnologia do imaginário e poder: a televisão como laço social.....	47
2.3 Cobertura global e televisão no 11 de setembro.....	52
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: rumo a enquadramentos globais.....	56
3.1 <i>Agenda-setting</i> e enquadramento: contornos teóricos.....	56
3.2 <i>Framing</i> : conceito em evolução.....	61
3.3 Proposta metodológica.....	64
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO OBJETO.....	75
4.1 CNN International e Globo News: emissoras em um contexto transnacional.....	75
4.2 As coberturas dos dez anos do 11 de setembro.....	84
4.3 <i>Frame-building</i> e enquadramentos transnacionais.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXO A – Decupagem dos trechos analisados.....	132
ANEXO B – Outras tabelas de referência.....	139

INTRODUÇÃO

O mundo vive tempos paradoxais e as sociedades, por todo o planeta, deparam-se, cada vez mais, com dificuldades estruturais e identitárias, intrínsecas ao aprofundamento dos processos de globalização da esfera econômica e mundialização de valores sociais e políticos. Nesse contexto, em que a idéia de Estado-nação enfrenta dúvidas quanto a sua pertinência, as mídias desempenham um papel fundamental na divulgação de conceitos, valores e imagens que atuam na coesão de comunidades sociais e políticas.

A televisão, mídia que por essência reflete discursos nacionais e locais, tornou-se veículo inseparável de uma realidade social permeada, tanto pelo espetáculo, quanto pela iminência de uma sociedade em rede. Em tempos de fluxos globais, no entanto, a televisão é obrigada a acelerar ainda mais a sua lógica do presente e investir em coberturas que atendam a interesses cada vez mais internacionais. A facilitação tecnológica para transmissões ao vivo e a crescente interconexão entre os países tem feito com que determinados acontecimentos se tornem eventos globais, a exemplo do 11 de setembro de 2001 e da passagem dos dez anos do atentado.

Tais eventos recebem coberturas midiáticas, instantâneas e de longa duração, as quais configuram um sistema de agendamento noticioso baseado em um contexto jornalístico e empresarial de trocas internacionais. Muitas emissoras locais, contudo, não têm condições estruturais e financeiras de cobrir tais eventos com a urgência e qualidade técnicas exigidas pelo atual cenário de produção televisiva. Por isso, utilizam-se de parcerias comerciais com grandes redes de emissoras, as quais funcionam, em certos casos, como espécies de agências de notícias.

Desta forma, muitos dos enquadramentos e discursos produzidos pelas coberturas televisivas em nível nacional podem ser influenciados pelas narrativas independentes inevitavelmente formadas pelas sequências de imagens distribuídas pelas grandes emissoras. Tal conjuntura pode levar à constituição de enquadramentos transnacionais que ultrapassem – ou simplesmente desconsiderem – imaginários e identidades culturais locais. Por isso, o presente trabalho propõe a investigação do enquadramento construído em duas coberturas jornalísticas dos dez anos do 11 de setembro: do canal brasileiro Globo News e do norte-americano CNN International.

Se os fluxos transnacionais de produtos e conteúdos midiáticos configuram a emergência de um enquadramento transnacional, uma representação comum de um evento internacional em ambas as emissoras, é possível que o papel da televisão enquanto meio de difusão de uma visão de mundo a partir da cultura nacional e de interesses locais se encontre em um período de modificações. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa é verificar, a partir da identificação e da análise dos enquadramentos jornalísticos, se existe a construção de uma narrativa midiática transnacional acerca da passagem de uma década dos atentados terroristas aos Estados Unidos.

Da mesma forma, o presente trabalho também procura verificar os potenciais impactos de tal configuração em relação às identidades coletivas ligadas aos Estados-nação; se há a sobreposição de um imaginário midiático de características globais em detrimento do posicionamento crítico da produção jornalística local. Para tanto, foi produzida uma revisão teórica das questões pertinentes ao tema a fim de sustentar a investigação de tal problemática a partir da análise das duas coberturas dedicadas aos dez anos do 11 de setembro.

No primeiro capítulo, são expostas as referências teóricas em relação à globalização. Entendida como um processo econômico, político e cultural, sua influência nos processos de comunicação e de configuração da mídia em âmbito internacional são elencados. Seu aprofundamento, representado pelo conceito da sociedade em rede, é exemplificado pela natureza global e absolutamente inédita do evento de 11 de setembro de 2001. Os atentados não apenas fizeram parte da agenda global, como foram transmitidos ao vivo e de forma simultânea por diversos países.

A transmissão televisiva é abordada no segundo capítulo, em que teorias acerca do meio televisão e de sua influência na sociedade contemporânea são apresentadas. Os principais autores referidos nessa parte do trabalho são Dominique Wolton (1996) e Joan Ferrés (1998). As características da televisão enquanto tecnologia do imaginário e provedora de laços sociais são abordadas também em relação à cobertura global dos ataques de 11 de setembro, dia em que as agendas jornalísticas convergiram para o mesmo tema.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação da teoria do *agenda-setting* e de sua evolução para o conceito de *framing*. A metodologia do enquadramento é explicitada, principalmente, a partir da obra de Robert Entman (2004). A partir desse contexto, a proposta

metodológica desta pesquisa é construída para a análise do conteúdo midiático em questão. Finalmente, as coberturas jornalísticas do 11 de setembro são descritas e avaliadas em relação ao *framing*, no quarto capítulo.

1 GLOBALIZAÇÃO: PROCESSO ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL

Nas últimas décadas do século XX e, sobretudo, na virada do período, o mundo passou por profundas transformações nas diversas áreas referentes às relações internacionais e também às realidades internas dos Estados. Lógicas e logísticas, técnicas e tecnologias, novas práticas, enfim, provocaram alterações nos conceitos tradicionais de economia, política e cultura. Como afirma Ortiz (1999), as raízes da chamada globalização estão na expansão do capitalismo desde o século XV, na industrialização das sociedades e na modernidade característica do século XIX.

Thompson (2008) coloca os mesmos períodos como fundamentais para o desenvolvimento da globalização. Segundo o autor, graças ao comércio marítimo entre os séculos XV e XVI, relações regulares foram estabelecidas entre a Europa e outras partes do mundo. Tal prática teria formado o núcleo da emergente economia mundial. Contudo, foi entre os séculos XVII e XIX que a globalização se firmou e adquiriu características mantidas até os dias atuais (THOMPSON, 2008). Entre elas, estariam as desigualdades e assimetrias, principalmente, na distribuição do poder.

É preciso ter em mente que o sistema global emerge a partir de um processo que envolve, para além das nações, os grupos sociais e os próprios indivíduos. No final do século XX, de acordo com Ortiz (1999), consolidam-se fenômenos políticos, econômicos e culturais que justamente ultrapassam as constrictões de nações e povos. Fazem parte desse contexto a interligação dos mercados nacionais e os fluxos internacionais da indústria do entretenimento e da informação. Nesse sentido, o caráter transcendente da globalização recai sobre a própria noção de fronteira, conceito cada vez mais diluído frente a palavras-chave do contexto global como fragmentação, desterritorialização, flexibilização e transnacionalização (ORTIZ, 1999).

Mais do que expandir as conexões e as fronteiras entre Estados nacionais e outros grupos, Thompson (2008) propõe que a globalização surge quando atividades são organizadas, planejadas ou coordenadas com a previsão de uma escala global. Nesse sentido, são atividades que “envolvem algum grau de reciprocidade e interdependência, de modo a permitir que atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras” (p. 135).

O impacto de tais características na organização social é o que leva Thompson (2008) a considerar o poder simbólico das relações na globalização, com vistas à chamada teoria do imperialismo cultural e suas alternativas. Em relação aos poderes econômico, político e coercitivo – marcadamente o poder militar -, o autor define o quarto tipo de poder como cultural ou simbólico, pois nasce da produção, da transmissão e da recepção de significados. Nesse sentido, Ortiz (1999) também diferencia as implicações da esfera global nos processos econômicos e nos processos culturais. O autor divide os fenômenos em duas categorias: a “globalização das sociedades”, para tratar de fluxos econômicos e comerciais, e a “mundialização da cultura”, para abordar as trocas simbólicas e identitárias, permitidas pelas relações em nível global (ORTIZ, 1999, p. 17).

O poder simbólico, como definido por Thompson (2008), está intimamente ligado aos meios de comunicação e informação enquanto instituições capazes de transmitir e fixar conteúdo simbólico. Certamente, a comunicação foi uma das esferas mais atingidas pelo processo de globalização. E, devido à emergência das redes de comunicação global, o aspecto da mundialização ficou mais evidente, considerando o alcance e a importância do poder simbólico e de suas implicações culturais. Para Castells (2009), inclusive, uma forma fundamental de poder está justamente na habilidade de modelar a mente humana. Segundo o autor, o próprio poder, no mundo contemporâneo, está ligado ao controle da informação e da comunicação.

Ainda de acordo com Castells (2009), o aprofundamento do processo de globalização levou a um novo tipo de sociedade, em que o poder é expressado por meio da comunicação codificada pela cultura. O conceito de poder, nesse sentido, refere-se à capacidade relacional de um ator social em influenciar ações e decisões de outros atores sociais. Da mesma forma, a noção de poder simbólico, de Thompson (2008), remete à capacidade de intervenção, no curso dos acontecimentos, por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas.

Castells (2009) propõe a definição de sociedade global em rede para a contemporaneidade. Segundo o autor, as forças que movem a globalização só são efetivadas porque há uma capacidade global de atuação em rede à sua disposição. Tal teoria será abordada com mais detalhes no decorrer deste capítulo. Neste momento, cabe salientar que, para Castells (2009), o poder da comunicação está no centro de toda a estrutura e dinâmica da

sociedade atual. Mas o protagonismo da ação comunicativa, neste contexto social, só se tornou possível a partir da globalização das próprias estruturas da comunicação.

1.1 Comunicação internacional e o poder da mídia na sociedade em rede

Segundo Thompson (2008), a partir do século XIX, as redes de comunicação passaram a ser organizadas e sistematizadas em escala global. O processo de globalização, para o autor, foi firmado nesse contexto, em que determinadas inovações são consideradas fundamentais. Entre o final do século XIX e o início do século XX, os sistemas de cabos submarinos foram desenvolvidos por países europeus, o que possibilitou o estabelecimento das agências internacionais de informação. Na mesma época, formaram-se as primeiras organizações internacionais com interesses na distribuição do espectro eletromagnético.

Tais novidades configuraram um cenário em que as quatro maiores agências de notícias¹ dividiram o mundo em esferas de operação exclusivas, a fim de ter alcance global com a manutenção de determinados territórios – e, portanto, a garantia de uma fatia de mercado. A função primeira de fornecer informações e dados a veículos de comunicação sobre temas internacionais foi rapidamente influenciada pelo caráter comercial e político das grandes agências.

Cada agência trabalhava estreitamente ligada às elites políticas e comerciais das nações que lhes serviam de sede, desfrutando certo grau de patronato político e fornecendo informações que eram valiosas para a administração do comércio e da diplomacia (THOMPSON, 2008, p. 140).

A comunicação internacional, portanto, esteve exposta a interesses nacionais e mercadológicos desde o início de sua configuração global. A ordem estabelecida, no entanto, deixava muito a desejar quanto ao contexto das informações distribuídas. Notícias sobre o mundo inteiro eram produzidas a partir das visões de mundo unilaterais das agências e não atendiam à diversidade cultural dos mais diversos países a utilizar seus serviços. Em muitos casos, para um jornal de abrangência nacional, a economia que representava não ter correspondentes ou estruturas internacionais tinha o custo da ideologia imbuída nas notícias

¹ *Reuters, Associated Press, United Press International e Agence France-Presse*, de acordo com Thompson (2008). Anterior a essas empresas, há ainda a francesa Havas, cujas operações iniciaram em 1835. Histórico disponível em <http://havas.com>.

importadas de agências. Segundo Thussu (2006), essa lógica estrutural havia criado um modelo de dependência, “com efeitos negativos na política, na economia e na sociedade dos países em desenvolvimento” (p. 31)². Tal estrutura operou com poucas modificações durante a maior parte do século XX. Foi somente na década de 1980 que o debate sobre a atuação das agências internacionais ganhou caráter oficial.

A demanda por uma Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NOMIC) teve início alguns anos antes, em uma série de reuniões e encontros de líderes internacionais cujo resultado foi a *Mass Media Declaration*, documento construído na Conferência Geral da UNESCO³, em 1978. No final do mesmo ano, a Organização das Nações Unidas, em sua assembléia geral, adotou uma resolução para a nova ordem. Em 1980, um relatório final foi produzido pela comissão encarregada do tema. Entre suas diversas recomendações, o relatório sugeria medidas de democratização da comunicação, o que implicaria menos controle comercial e mais controle público.

Certamente, a sigla NOMIC representa um debate repleto de resistência por parte de governos e grupos empresariais. No entanto, como afirmam Thussu (2006) e Thompson (2008), a discussão ajudou a aumentar a consciência sobre as desigualdades relacionadas ao processo de globalização no que diz respeito à comunicação. E, mais do que isso, o relatório da UNESCO foi o primeiro documento a considerar questões de informação e comunicação como parte de uma agenda global.

Esta sucinta contextualização serve para demonstrar o emaranhado de interesses que envolveram a esfera da comunicação na sociedade global, desde suas primeiras configurações. De acordo com Thussu (2006), a globalização da comunicação só foi possível devido ao surgimento de novas tecnologias de informação e de comunicação, as quais se integraram, cada vez mais, a uma infraestrutura global privada do setor. Para o autor, a “compressão tempo-espço que as novas tecnologias encorajaram fez com que fosse possível para as corporações de mídia e telecomunicação operarem em um mercado global, parte de um sistema internacional capitalista neo-liberal” (p. 39).

² Tradução livre do original: “with negative effects on polity, economy and society of developing countries” (THUSSU, 2006, p. 31).

³ Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

Nesse sentido, a recuperação histórica apresentada anteriormente também colabora na compreensão de como “a globalização da comunicação no século XX é um processo dirigido principalmente por atividades de conglomerados de comunicação em grande escala” (THOMPSON, 2008, p. 143). Além de circular em uma arena global, os conteúdos midiáticos, hoje, são produzidos e distribuídos por meio de uma cadeia de fluxos internacionais propiciada, em grande parte, pela desregulação e pela liberalização do setor de comunicação a partir da década de 1990 (THUSSU, 2006). Tal conjuntura atingiu as indústrias da mídia ao mesmo tempo em que novas tecnologias, como satélite, cabo e mecanismos digitais ajudavam a criar um mercado global para os produtos midiáticos, seja no ramo de notícias, seja no de entretenimento.

A convergência de mídias e tecnologias, e o processo e integração vertical das indústrias midiáticas para atingir esse objetivo, resultou na concentração do poder midiático nas mãos de poucas grandes corporações transnacionais, enfraquecendo a pluralidade das mídias e o discurso democrático (THUSSU, 2006, p. 98)⁴.

A maioria das corporações incluídas nesse contexto tem bases nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ainda que não se considere o mérito de teorias inclinadas à determinação do imperialismo cultural, é preciso admitir que empresas ocidentais, lideradas pela nação norte-americana, dominam as redes de informação e entretenimento mundiais. Torna-se, assim, fácil e natural controlar também o estabelecimento de uma agenda internacional. Neste caso, além de falar em mundialização da cultura, cabe pensar em uma cultura mundial da própria comunicação.

Contudo, Castells (2009) aponta para o fato de que uma cultura global não é, necessariamente, uma cultura norte-americana. Mesmo que a chamada informação global, permeada por técnicas e fluxos compartilhados de forma internacional, não seja neutra, ela é formada em um contexto supranacional. Contudo, o autor afirma que a diversidade cultural do mundo precisa ser sobreposta com enquadramentos comuns que representem interesses próprios da sociedade global. Nesse sentido, a linguagem compartilhada para a circulação de produtos culturais na esfera global é a da mídia. A esse fenômeno, Castells (2009) dá o nome de *protocolos de comunicação*, os quais não são baseados em valores comuns, mas no ato de

⁴ Tradução livre do original: “The convergence of both media and technologies, and the process of vertical integration in the media industries to achieve this aim, have resulted in the concentration of media power in the hands of a few large transnational corporations, undermining media plurality and democratic discourse” (THUSSU, 2006, p. 98).

partilhar o valor da comunicação. Trata-se de uma cultura feita mais de processo do que de conteúdo.

Segundo Steinberger (2005), inclusive, a intensificação da globalização e as novas tecnologias da informação teriam desencadeado um sentimento de desterritorialização e provocado a necessidade de uma “nova ordem de compreensão geopolítica dos sentidos, assim como das identidades que circulam no espaço mundial hoje” (p. 96). O que a autora chama de Geopolítica da Cultura tem a ver com o poder conquistado pelo meios de comunicação de massa de configurar mentalidades em diferentes territórios. Para Steinberger (2005), se há uma nova ordem internacional a partir da globalização, esta é uma ordem internacional midiática. A autora afirma que “o papel da mídia na formação de um imaginário geopolítico social vai além de mero campo de projeção dos vários interesses institucionais. A própria mídia, como instituição capitalista por excelência, é também parte interessada nesse processo” (p. 24).

Castells (2009) concorda que o poder, na sociedade contemporânea, passa inevitavelmente pelo poder da mídia. Contudo, segundo o autor, ainda que o capital seja global, há poucas organizações midiáticas verdadeiramente globais – assim como são escassos os casos de corporações singularmente locais. Nesse caso, o que é, de fato, global, são as redes organizadas em torno de núdulos de poder e capital. Quando Castells (2009) propõe o conceito de *sociedade global em rede*, ele enfatiza que o poder, nesse contexto, é multidimensional e construído por meio de redes programadas a partir de interesses e valores de determinados atores sociais – marcadamente as grandes corporações multinacionais e os veículos midiáticos sob seu comando, mas também os grupos organizados que funcionam como núdulos de contrapoder com base em identidades comuns, ainda que transnacionais.

Tais grupos também podem configurar redes de comunicação, as quais, segundo Castells (2009), são consideradas fundamentais para o estabelecimento do poder, sejam elas corporativas ou baseadas em laços comunitários. Nesse sentido, o autor coloca até mesmo o Estado como entidade de importância diminuída na contemporaneidade, considerado uma espécie de “rede-padrão” ou pano de fundo para o funcionamento de outras redes de poder. Em um mundo de Estados soberanos, no entanto, cabe lembrar que o pensamento da

comunicação social é uma expressão, ainda que inconsciente, da cultura geográfica de um determinado Estado-nação (SCHLESINGER, 2000).

O processo de globalização e a interconexão entre diferentes culturas, proporcionada pelos avanços tecnológicos, colocaram a humanidade rapidamente em um contexto de preocupação com o global. Mas ainda não é possível, de acordo com Schlesinger (2000), pensar em um cenário completamente pós-nacional. Contudo, no mundo pós-11 de setembro, de eventos globais e experiências transnacionais virtualmente interligadas, é preciso cogitar o possível surgimento de espaços midiáticos geoculturais que ultrapassaram fronteiras nacionais.

Steinberger (2005) afirma que, embora as práticas geopolíticas tradicionais, como declarar uma guerra ou uma invasão, sejam consideradas decisões de Estado, atualmente elas precisam ser sustentadas na ordem da cultura e da sociedade. O que a autora denomina de *práticas representacionais* refere-se a uma espécie de apoio menos evidente, no qual se inclui a mídia, às políticas de Estado. No contexto do emergente Estado em rede (CASTELLS, 2009), apenas a sociedade civil global, a partir do impacto das mídias e das redes de comunicação na opinião pública, poderia alterar práticas dos Estados-nação.

Tal reflexão parte do princípio de que os Estados nacionais existem, não apenas como unidades políticas, mas essencialmente como unidades de poder. E essa concepção, quando confrontada pela expansão do processo de globalização, revela alterações nos preceitos até então utilizados para lidar com projetos políticos e questões de relações internacionais. Noções como soberania e fronteiras, tão caras à idéia moderna de sujeito e Estado, começam a ser relativizadas a partir da inserção de novos atores no âmbito do sistema internacional. Grupos políticos, comunidades, organizações não-governamentais e até mesmo os indivíduos passam a ser legitimados como fontes de poder no mundo contemporâneo.

O conceito de *Estado moderno* não é capaz de indicar como a condição do Estado se desenvolveu desde a metade do século XX. A essência do Estado, assim como a instituição da soberania, mudou e tais alterações impactam significativamente as relações internacionais, incluindo o modo como os países enfrentam problemas de segurança, liberdade e bem-estar para a população (JACKSON; SORENSEN, 2003, p. 383).

Assim, as mudanças na condição do Estado desafiam as teorias mais tradicionais das Relações Internacionais (RI), como o realismo e o liberalismo. Segundo Jackson e Sorensen

(2003), a premissa realista é baseada na noção de que as relações internacionais são necessariamente marcadas por conflitos, os quais se resolvem, geralmente, por meio da guerra. A preocupação com a segurança nacional também é uma característica da teoria realista, pois ela supõe que o sistema internacional é regido pela anarquia. O pessimismo dos teóricos realistas é, em parte, amenizado pela teoria liberalista.

O liberalismo aposta na razão e no progresso para mediar as questões internacionais. Essa teoria, ainda de acordo com Jackson e Sorensen (2003), propõe que a cooperação racional entre as nações, principalmente no campo econômico, leva ao progresso e pode evitar conflitos bélicos. Ambas as teorias, a realista e a liberal, encaram o Estado como ator central do processo de relações internacionais. Contudo, enquanto o realismo estabelece uma hierarquia entre Estados e atrela o poder às grandes potências, em nome segurança nacional, a teoria liberalista concebe grupos de indivíduos, corporações e organizações como coletivos relevantes para estabelecer a cooperação internacional.

As diferenças entre as duas teorias revelam um dos principais e históricos debates das pesquisas em RI. Ao final do século XX, com o fim da Guerra Fria e a derrota do comunismo, o liberalismo parecia estar mais consolidado. O cientista político Francis Fukuyama (1992), inclusive, decretou o “fim da história”, com vistas a uma aplicação universal da democracia liberal. No início do século XXI, porém, tal afirmação precisou ser relativizada. Como afirmam Jackson e Sorensen (2003, p. 153), o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 “é um revés para o otimismo liberal”.

Os atentados estampam discussões diferenciadas no campo de RI, as quais foram desenvolvidas nas últimas décadas do século XX. Encaradas como pós-positivistas, as novas abordagens metodológicas incluem a teoria crítica, o pós-modernismo, o construtivismo e a teoria normativa (JACKSON; SORENSEN, 2003). Também consideradas pós-estruturalistas, essas teorias surgiram na tentativa de abarcar as mudanças globais enfrentadas pelos Estados e pelas sociedades. Essas linhas de pensamento, mais do que propor metodologias ou certezas teóricas, admitem a complexidade do mundo contemporâneo e a influência de muitos fatores, além do Estado, na configuração das Relações Internacionais.

Jackson e Sorensen (2003) explicam de forma didática essas correntes teóricas. A teoria crítica, por exemplo, coloca os cientistas sociais como instrumentos de poder no mundo

globalizado. Já os pós-modernistas apostam na desconstrução e contestam as noções de realidade e verdade, endossadas pelas teorias tradicionais de RI. Os construtivistas, por sua vez, valorizam o conhecimento comum e não acreditam na anarquia como condição natural, mas como construção social das relações dos Estados. Por fim, a teoria normativa ocupa-se de questões morais do campo internacional, a partir de conceitos como cosmopolitismo e comunitarismo.

Dentre as abordagens consideradas *complexas* na disciplina de Relações Internacionais, a que mais se aproxima dos estudos da Comunicação Social é a pós-moderna. Nos dois casos, a origem do termo é a mesma: “O pós-modernismo foi criado por um grupo de filósofos franceses do pós-guerra que rejeitavam a filosofia existencialista predominante no país no final dos anos 40 e início dos anos 50” (JACKSON; SORENSEN, 2003, p. 337). Segundo Sodré (2010), a problematização do tema foi intensificada nos anos 1970 e 1980 por teóricos europeus críticos do modelo de sociedade que sustentava um padrão idealista do homem e excluía do campo de pesquisa questões como identidade e linguagem.

Um desses teóricos é o filósofo Jean-François Lyotard (2002), para quem a postura pós-moderna se traduz na incredulidade em relação aos metarrelatos e às certezas de grandes narrativas, como o Iluminismo ou o Marxismo. Sob o risco de simplificar demasiadamente um conceito tão complexo, cabe dizer que a pós-modernidade, em geral, questiona idéias e crenças herméticas, postas, objetivas e indubitáveis. O autor situa a cultura pós-moderna na sociedade pós-industrial, em que diversas transformações sociais passaram a desafiar a legitimidade de estruturas tradicionais da ciência e do saber – e, portanto, dos Estados, dos governos, das ideologias. A desconstrução da realidade leva ao que Harvey (1992) define como aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico. Segundo o autor, o pós-modernismo abandona o sentido de continuidade e memória histórica, mas, ao mesmo tempo, é capaz de acumular aspectos históricos e trazê-los para o presente.

A relativização da realidade social e das representações também se dá no campo da comunicação. Assim como nas Relações Internacionais, uma das principais dúvidas postas pela pós-modernidade é a questão das fronteiras. No caso comunicacional, das fronteiras de expressão. A mediatização da sociedade contemporânea desenha um cenário em que “as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de

comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido” (SODRÉ, 2010, p. 27-28).

Há, portanto, um deslocamento de mecanismos da ordem social, tradicionalmente controlados pela instância do Estado, para o campo da comunicação. No processo de globalização, diante das correntes de pensamento pós-modernas, o poder é, muitas vezes, desviado de suas fontes habituais, os Estados, para a esfera dos meios de comunicação. Segundo Lyotard (2002), o próprio saber é um instrumento de poder na pós-modernidade. No contexto da mediatização, em que a presença transversal das mídias é percebida no cotidiano dos sujeitos, o saber está cada vez mais ligado às narrativas midiáticas. Nesse sentido, a mídia, enquanto aglutinadora dos discursos, firma-se como a maior articuladora de significações sociais, inclusive nas matérias de relações internacionais.

Discurso, como entende Sodré (2010), é todo ato de produção de linguagem ou ato de fala: “enquanto estratégia interlocutória do sujeito social, é o fundamento *ontológico-existencial* da linguagem, a prática que a recorta ou organiza no empenho da compreensibilidade, suscitando a participação simbólica dos indivíduos” (p. 12). O discurso se apresenta, nessa abordagem, como elemento de laço social e de coesão para as sociedades. Dessa forma, o termo se aproxima do conceito de *imaginário*, também valorizado pela corrente de pensamento pós-moderna.

O discurso é, em si, uma disciplina complexa, assim como a pós-modernidade. No entanto, para o universo desta pesquisa, basta compreender o conceito como produtor de sentido no nível simbólico das sociedades. Da mesma maneira, o termo *narrativa* é entendido no presente trabalho como um modo específico de contar uma história (SODRÉ, 2010). Trata-se, segundo Flusser (2007), de um modo de difusão e conservação de saberes. Ainda mais no caso das narrativas midiáticas, as quais, de acordo com o autor, englobam um movimento complementar e paradoxal, pois repetem enredos semelhantes à vida cotidiana, criando a verossimilhança que legitima a própria narrativa.

Assim, tanto o conceito de discurso quanto o de narrativa colaboram para a construção do imaginário. Outro caso de conceito que designa amplas abordagens teóricas, é aqui compreendido como “uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2006, p. 11). O autor, que baseia sua análise nos trabalhos

de Gilbert Durand e Michel Maffesoli, entre outros, também afirma que todo imaginário é uma narrativa.

O imaginário é o patrimônio individual ou grupal apropriado à cultura (mas formador dela) por meios diversos e choques perceptivos: situações paroxísticas de gozo ou de trauma, de êxtase ou de perplexidade, que deixam vestígios no DNA imaginal de cada um. Assim, o imaginário é sempre interação, convulsão, inscrição e absorção (SILVA, 2006, p. 58).

Desde Durand (1998), o imaginário está vinculado à idéia de *bacia semântica*, a qual pressupõe um sistema sociocultural comparável ao curso de um rio, na junção de fluxos afluentes. O autor avalia o imaginário como uma representação praticamente incontrolável, uma faculdade de simbolização de onde medos, esperanças e outros aspectos culturais jorram na história das sociedades. Maffesoli (1988), considerado um sucessor de Durand, adiciona ao imaginário a função de sinestesia social do *conhecimento comum*. Nesse sentido, o imaginário se torna o elemento de ligação entre os indivíduos de uma sociedade. E, no contexto da mediatização, os meios de comunicação estão na centralidade da criação, da organização e da legitimação do imaginário.

Contudo, para além da diversidade das mídias, é preciso considerar o jornalismo, em todas as suas formas técnicas, como representante fundamental dessa lógica. Segundo Sodré (2010), a notícia, baseada em acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano, está mais próxima de verossimilhança narrativa da realidade social.

Tal hipótese parte do reconhecimento de que a realidade social dos indivíduos no mundo contemporâneo é construída por fatos noticiosos, ou seja, de acontecimentos jornalisticamente interpretados (...). A notícia converte-se, assim, numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora de real – é história que cria história. O real assim produzido aspira a uma visibilidade plena, em consonância com as teletecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre ver e crer (SODRÉ, 2010, p. 133).

O papel do jornalismo, nesse sentido, torna-se ainda mais relevante no contexto da globalização pela capacidade de compartilhar narrativas nacionais e internacionais em diversos setores das sociedades. “O imaginário noticioso ou imaginário jornalístico é, ao lado da ciência, da arte e da religião, uma das mais poderosas matrizes de compreensão do mundo pós-moderno”, afirma Steinberger (2005, p. 144), indicando que o imaginário geopolítico se constitui com base no imaginário jornalístico. Assim, a autora conclui que as geopolíticas são definidas por processos lingüístico-discursivos, por meio de visões de mundo.

O que ela chama de “modos sociais de dizer o mundo” (STEINBERGER, 2005, p. 184) seriam narrativas aptas a inventar mundos, ainda que sujeitos à legitimação social em meio a comunidades interpretativas. Hall (2006) também aponta que a idéia de cultura nacional é baseada em um discurso, composto por símbolos e representações. Ou seja, uma construção de sentido capaz de vincular o sujeito ao Estado numa sensação de pertencimento que justifique determinados projetos políticos. Para Steinberger (2005), o processo de disputa social dos enquadramentos interpretativos é uma negociação que determina um conceito legitimado de mundo.

Segundo a autora, esse procedimento termina por *naturalizar* determinados modos de apresentação do mundo, pois “os grupos hegemônicos conseguem consolidar seus sistemas de categorização (ou porque são hegemônicos, ou porque se tornam hegemônicos ao vencer essa batalha interpretativa)” (STEINBERGER, 2005, p. 185). Na lógica descentralizada e instável da globalização, as guerras ou qualquer outro discurso que se proponha hegemônico precisa passar pela aceitação da comunidade internacional. E, em tempos de flexibilização dos atores que compõem a política internacional, tal comunidade passa a ser integrada pelas sociedades civis, e não mais apenas pelos Estados, enquanto instituições políticas.

Daí a importância da mídia, no sentido de formar imaginários e reafirmar identidades que garantam apoio a determinados projetos políticos. No caso da televisão, objeto de estudo deste trabalho, o peso é ainda maior, pois, como afirma Robinson (2002), a tendência é de que as audiências adotem o enquadramento oferecido pela mídia, o que aumenta a importância de se identificar os discursos (re)produzidos pelas notícias de televisão. Em termos de geopolítica, cabe lembrar a colocação de Wolton (1996): a televisão é sempre nacional, por uma questão de soberania.

Porém, o próprio autor afirma que, nas últimas décadas, as fronteiras do universo foram ampliadas, condição que levou o cidadão ocidental a ser considerado cidadão do mundo. Estamos aí diante de um paradoxo midiático da contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que as características de identificação e a representação justificam a dimensão social da televisão enquanto laço social para uma nação, os mesmos aspectos contribuem para retratar e modificar as representações do mundo.

Para Riegert (2011), por exemplo, o gênero de notícias internacionais é justamente onde as identidades nacionais ficam mais evidentes. É aí, segundo a autora, que as ações dos governos se tornam sinônimos das nações em si. É nesse sentido que as próprias notícias produzidas para televisão constituem também um paradoxo, pois são uma combinação muito particular de processos de produção nacionais e transnacionais. Riegert concorda com Wolton (1996) no aspecto de que esse gênero de notícias é relativamente rígido no que diz respeito à narrativa: as pessoas e os eventos continuam a ser vistos através de prismas nacionais, ainda que a notícia seja internacional.

Contudo, em tempos de fluxos acelerados e desterritorializados, seria possível pensar que tal lógica tenha sido abalada pelo crescente número de experiências globais transmitidas ao vivo. Um bom exemplo desse contexto são os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, em que pessoas do mundo inteiro puderam ver, ao mesmo tempo, as mesmas imagens. Em um nível global, foi possível assistir ao vivo à queda da segunda torre e compartilhar a perplexidade diante do acontecimento.

Nos primeiros momentos, falaram apenas as imagens, não havendo interpretações disponíveis. O recurso aos sistemas de referência conhecidos *encaixotou* o fato na rubrica *acidente* até a chegada do segundo avião, quando se configurou a intencionalidade das ações e passou-se a adotar a rubrica *ataque terrorista*. Só bem mais tarde aparece nos noticiários a menção à categoria *guerra*, ainda que usada de forma precária, porque não havia um inimigo claramente reconhecível (STEINBERGER, 2005, p. 20).

Sob esses aspectos, o 11 de setembro poderia ser pensado como a primeira narrativa produzida de forma simultânea no âmbito nacional e internacional. Riegert (2011) argumenta, assim como Schlesinger (2000), que a disseminação global de imagens e histórias não produz necessariamente um discurso noticioso transnacional. Ainda que haja uma crescente preocupação com a interconexão global que se instala, não se pode estabelecer, ainda, uma definição de pós-nacional. Mas Riegert (2011) admite que as mudanças na estrutura transnacional das mídias - a internacionalização das empresas, por exemplo - tem ajudado a criar uma espécie de consciência cosmopolita entre os jornalistas e que o crescente número de eventos mediados globalmente estaria construindo a base para uma esfera pública global. Não se pode, é claro, tratar da questão a partir da ingênua noção de que essa nova esfera pública, se de fato consolidada, vai permitir a liberdade e a igualdade na manifestação de atores sociais. No contexto do que Castells (2009) chama de Estado em rede, a nova forma de

Estado, redefinida pela fronteiras territoriais da globalização, o espaço do poder é a mídia e o seu controle está no coração da estrutura e da dinâmica dessa sociedade em rede.

Para o autor, uma nação não é necessariamente um Estado. As nações são comunidades culturais formadas nas mentes das pessoas por meio do compartilhamento de histórias e de projetos políticos. Nesse sentido, no campo da comunicação socializada, a construção do poder passa pela construção de imagens e pelo controle, tanto da comunicação, quanto da informação a ser disseminada. O significado dos discursos, segundo Castells (2009), é construído através da ação comunicativa e se estabelece de acordo com o poder de conexão de cada nóculo da rede. Assim, seria plausível pensar em uma identidade ideológica nacional solidificada, não por questões de tempo e espaço territorial, mas pelo compartilhamento em rede de valores que definem uma nova comunidade cultural, a qual é, de certa forma, transnacional.

Já é possível identificar espaços geoculturais formados pela mídia, os quais, afirma Riegert (2011), podem ter conexão geográfica, mas, acima de tudo, são ligados culturalmente através de fronteiras nacionais. A autora os define como “espaços lingüísticos de cultura transnacional”, um aspecto da globalização altamente influenciado pelo avanço tecnológico. O exemplo citado por Riegert (2011) refere os canais de televisão por satélite. Tais emissoras permitem a conexão entre membros de uma diáspora, por meio de uma linguagem comum.

Essa atuação midiática se torna fundamental em um contexto do aumento dos conflitos étnicos e religiosos, principalmente após o 11 de setembro, e a instauração da *guerra global* contra o terrorismo (THUSSU, 2006, p. 64). Por isso, a importância de pesquisas que considerem a mídia, a cultura e a comunicação como processos cada vez mais internacionalizados, também cresce. Segundo Thussu (2006), esse tipo de pesquisa é imperativo, devido às complexidades das interações globais, em uma era de satélites móveis e diásporas digitais.

Na medida em que fluxos multi-vocais, multi-direcionais e multimídia, em tempo real e por meio de tecnologias digitais, tornam-se mais intensivos e extensivos, os contornos culturais das comunicações vão precisar receber a proeminência que merecem (THUSSU, 2006, p. 65)⁵.

⁵ Tradução livre. Trecho original: “As multi-vocal, multi-directional and multimedia flows, in real time and through digital technologies, become more intensive and extensive, cultural contours of communications will need to be given the prominence they deserve.”

Castells (2009) fala de um *efeito de mundo pequeno* surgido a partir das redes que expandem cada vez mais sua conectividade. Nesse sentido, também escreve Robinson (2002) sobre a ubiqüidade de canais como a CNN, por meio de suas versões internacionais. O autor utiliza a expressão *efeito CNN*, como um termo genérico para traduzir a habilidade da tecnologia de comunicação em tempo real, por meio das mídias, de provocar respostas de audiências e elites políticas tanto para eventos globais quanto nacionais. O enquadramento proposto por essas emissoras ubíquas levaria ao depósito mental de princípios para processar informações. Isso seria evidente em propriedades narrativas utilizadas para encorajar determinados entendimentos sobre certos eventos.

Tal capacidade das redes internacionais de emissoras de televisão se torna ainda mais preocupante quando se pensa na própria estrutura do que Riegert (2011) chama de *cultura das notícias internacionais*, já que toda essa rede de informações baseia-se na oferta de notícias por meio de agências transnacionais. É dessa forma que, de acordo com Castells (2009), o global influencia o local. Tal prática fica explícita na atuação de canais de notícia, tanto da televisão aberta como da televisão por assinatura, quando importam conteúdo, não só de agências, como de redes internacionais de notícias, como a CNN International. Nesse caso, além de emissora de televisão, a rede internacional funciona como uma agência de notícias na exportação de imagens e coberturas ao vivo.

Esses fatores fortalecem a ideia de que a diáspora citada anteriormente, no contexto da contemporaneidade, não precisa estar ligada a territórios geográficos, mas pode, certamente, ter sua origem em territórios do imaginário. Na medida em que se consomem localmente conteúdos produzidos em territórios externos e exportados por uma rede global, fica difícil garantir que as noções de identidade e imaginários nacionais não sejam influenciadas ou atingidas por ideologias ligadas a outras nações. Não se trata, aqui, de tentar confirmar um imperialismo cultural norte-americano, mas de propor o pensamento e a reflexão sobre os efeitos das experiências midiáticas vividas em contexto global ainda que transmitidas por emissoras locais.

1.2 11 de setembro: um evento global

Em 11 de setembro de 2001, uma terça-feira, os Estados Unidos sofreram o primeiro ataque em solo americano em quase duzentos anos de sua história. O atentado terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center⁶, no centro financeiro de Manhattan, foi considerado, pela Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas nos Estados Unidos⁷, como “um evento de desproporção insuperável” (2004, p. 339). Às 08h46min⁸, um voo seqüestrado da empresa American Airlines colidiu contra a Torre Norte, entre os andares 93 e 96. No momento, não estava claro se era um ato violento ou um acidente. Em 17 minutos, a maior operação de resgate da história da cidade foi mobilizada. Então, às 09h03min, outro avião, um voo seqüestrado da empresa United Airlines, atingiu a Torre Sul. Este segundo choque foi transmitido ao vivo por emissoras de televisão norte-americanas e internacionais. Assim, de forma instantânea, os Estados Unidos e o mundo tiveram certeza de que a maior potência do planeta estava sob ataque.

O World Trade Center já havia sofrido um ataque terrorista em 1993, quando uma bomba explodiu numa garagem subterrânea. Na ocasião, seis pessoas foram mortas e mais de mil ficaram feridas. O atentado, atribuído a um grupo de muçulmanos extremistas, no entanto, causou muito menos danos do que o evento de 2001. Após o choque dos aviões, a Torre Sul desabou às 09h59min e a Torre Norte, às 10h28min. Enquanto isso, às 09h37min, um terceiro avião seqüestrado tinha como alvo o centro do poder militar norte-americano, o Pentágono, em Washington D.C.. Um quarto voo, também desviado em direção à capital do país, teve a rota abortada pelos próprios passageiros. Às 10h03min, o avião caiu em uma área rural da cidade de Shanksville, no estado da Pensilvânia. Um total de 2.973 pessoas foram mortas nesse dia.

⁶ Complexo com sete prédios, incluindo as Torres Gêmeas, um hotel e um *shopping center* subterrâneo, o qual fazia a conexão entre os dois maiores prédios. A construção do WTC começou em 1966 e terminou em 1970. As duas torres, de acordo com o relatório da Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas nos Estados Unidos (2004), tornaram-se um lugar único e simbólico na cultura de Nova York e do país norte-americano.

⁷ A *National Commission on Terrorist Attacks upon the United States* foi criada no final de 2002 pelo Congresso norte-americano. A comissão independente reuniu dez parlamentares – cinco do Partido Republicano e cinco do Partido Democrata – com a função de investigar fatos e circunstâncias ligados aos atentados de 11 de setembro de 2001. O relatório final, com análises e proposições para o governo, foi apresentado em 2004.

⁸ Informações oficiais do Relatório da Comissão sobre o 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://govinfo.library.unt.edu/911/report/index.htm> Acesso em: 22 de setembro de 2012.

Segundo Baudrillard (2003), o 11 de setembro representou o fim da “greve dos acontecimentos”. A afirmação do autor é provocativa em relação à já referida teoria de Fukuyama (1992) sobre o fim da história, após o encerramento da Guerra Fria. Chomsky (2002) lembra que, desde o século XIX, os Estados Unidos não sofriam um ataque em território nacional. Na chamada Guerra de 1812, a Inglaterra invadiu cidades dos Estados Unidos, inclusive a capital, Washington D.C., em uma espécie de segundo conflito pela independência norte-americana. A vitória nessa guerra de três anos de duração é tida como uma grande incentivadora do patriotismo americano.

Mas, em 11 de setembro de 2001, o ataque não era cogitado. Sem uma desavença prévia concreta, sem envolvimento militar direto, o atentado atingiu mais do que o coração financeiro dos Estados Unidos. A alma patriótica do país também foi abalada. Segundo as conclusões do relatório final da Comissão do 11/9 (2004), os ataques revelaram quatro tipos de falhas internas: de políticas, de capacidades, de gestão e de imaginação. O texto lembra que o país sofrera ataques surpresa no passado, como a ofensiva pela Marinha Imperial Japonesa contra a base naval norte-americana de Pearl Harbor, em 1941. Contudo, além de tais ataques terem acontecido fora das fronteiras nacionais, eles foram exercidos por poderes legitimados, por Estados.

Ainda que não tenha sido tão ameaçador quanto o ato de guerra do Japão, o ataque de 11/9 foi, de algum modo, mais devastador. Ele foi realizado por um grupo pequeno de pessoas, não o suficiente para formar um pelotão inteiro. Medido em uma escala governamental, os recursos por trás dele foram triviais. O grupo em si foi despachado por uma organização baseada em um dos países mais pobres, mais remotos e menos industrializados do planeta (9/11 COMMISSION REPORT, 2004, p. 339-340)⁹.

A inversão da ordem tradicional das relações internacionais talvez seja a maior surpresa revelada pelos atos de terrorismo. Um dia marcado por caos, rupturas e incertezas para o povo norte-americano pode representar também a síntese de mudanças que atingem o mundo todo. Para Chomsky (2002), a atrocidade do 11 de setembro foi algo “inteiramente novo na política mundial, não em sua dimensão ou caráter, mas em relação ao alvo atingido” (p.11-12). Como citado anteriormente, trata-se de um país acostumado a guerras, mas em campos de batalha a pelo menos um oceano de distância. Segundo Baudrillard (2003), porém,

⁹ Tradução livre do trecho original: “While by no means as threatening as Japan’s act of war, the 9/11 attack was in some ways more devastating. It was carried out by a tiny group of people, not enough to man a full platoon. Measured on a governmental scale, the resources behind it were trivial. The group itself was dispatched by an organization based in one of the poorest, most remote, and least industrialized countries on earth.”

o acontecimento simbólico maior foi o desabamento das torres. Derrubar o emblema da potência, para o autor, foi o triunfo da Al-Qaeda.

Baudrillard (2003), com palavras de uma cínica perspicácia, não perdoa nem mesmo os escombros das Torres Gêmeas. O *Ground Zero* ou *Marco Zero*, como ficou conhecido o local antes ocupado pelos altos prédios, é, para o autor, um espaço em que “imperava sozinha uma imensa compaixão do povo norte-americano por si mesmo” (BAUDRILLARD, 2003, p.32). O problema da compaixão, diz ele, é que sua irmã gêmea é a arrogância. A nação mais poderosa do mundo é seguidamente acusada de tomar posições imperialistas e egoístas em relação a outros Estados. Chomsky (2002) é um dos autores a afirmar que a maioria das ações do próprio país seriam consideradas terrorismo, caso não fossem praticadas pela grande potência. Mas, arrogância ou urgência, o fato é que 26 dias após o 11 de setembro, os Estados Unidos começaram a bombardear o Afeganistão, em busca do inimigo. Um inimigo um tanto vago, é verdade, mas representado pelo rosto muçulmano de Osama bin Laden, líder do grupo terrorista Al-Qaeda.

Como afirma Wainberg (2007), Bin Laden é um dos principais responsáveis pela efervescência de uma retórica internacional em relação à chamada *guerra civilizacional*¹⁰. Segundo o autor, após o 11 de setembro, foi impossível evitar que a disputa entre *ocidentalistas* e *orientalistas* ficasse em evidência.

Como se vê, além das mortes e do alarme psicológico, Bin Laden conseguiu provocar ainda este outro resultado grave: acirrou os ânimos e a controvérsia sobre as identidades nacionais, fazendo renascer a discussão sobre o velho tema do papel que a cultura e o imaginário social têm, devem ter e podem ter sobre as alianças estratégicas internacionais dos governos (...) (WAINBERG, 2007, p.18).

A questão das identidades coletivas talvez explique muito do impacto do 11 de setembro sobre o mundo todo. Após os atentados, a mídia ajudou a disseminar a noção de que aquele foi o dia em que tudo mudou. Dez anos depois, na abertura da cobertura especial da cerimônia oficial que marcava uma década do atentado, a apresentadora da CNN International, Candy Crowley, mencionou a manhã clara, de céu azul, daquele domingo de 11 de setembro de 2011. E emendou com a seguinte frase: “você nunca deveria ter medo de uma

¹⁰ Referência à obra de Samuel Huntington, “The Clash of Civilizations and the remaking of world order” (1998). Após o 11 de setembro, a tese de Huntington sobre a rivalidade incontornável entre *oriente* e *ocidente* passou a ser rediscutida pelo campo das relações internacionais.

linda manhã. E nós vimos, dez anos atrás, como isso simplesmente mudou¹¹”. Da mesma forma, a apresentadora Raquel Novaes, da Globonews, na abertura da transmissão da emissora brasileira, afirmou: “O 11 de setembro deixou marcas até hoje em quem acompanhou ao vivo pela TV, os que viram a tragédia de perto e testemunharam o dia que mudou a história”.

É possível argumentar que atentados terroristas acontecem todos os dias em outras partes do mundo, que três mil mortes são muito menos do que os Estados Unidos já causaram em guerras não oficialmente declaradas. Mas é preciso considerar, para além dos aspectos políticos e militares, a força da cultura norte-americana, um conjunto de idéias e ideais capazes de se espalhar por todo o globo terrestre, por meio de redes midiáticas de notícias e de entretenimento. Chomsky (2002) afirma que os Estados Unidos são “uma das culturas mais fundamentalistas do mundo; não o Estado, mas a cultura popular” (p.23-24).

O cinema, a literatura, a televisão, a música norte-americana, as mais variadas formas culturais que os Estados Unidos produzem, entretêm, influenciam e sensibilizam pessoas no mundo todo, por meio das estruturas globais descritas no início deste capítulo. Enquanto produto midiático instantâneo, o próprio 11 de setembro se desenvolveu, nas coberturas ao vivo das emissoras de televisão, como marco da história contemporânea. Após o atentado, filmes, documentários e séries de televisão foram produzidos¹², tornando os resquícios e as conseqüências dos ataques parte da cultura popular norte-americana – e, no contexto da sociedade em rede, da cultura global.

O 11 de setembro ameaçou, ainda que momentaneamente, a idéia de que os Estados Unidos são uma fortaleza, inatingível e indestrutível. No intuito soberano de recuperar a nação, de acordo com o governo da época, foi preciso instaurar a saga da guerra ao terror. Reafirmar o poder dos Estados Unidos perante os supostos vilões do mundo foi, a princípio, uma tática essencial para manter a idéia soberana de uma cultura e um imaginário social

¹¹ Tradução livre do original (transmissão CNN International): “You should never be afraid of a beautiful morning. And yet we saw, ten years ago, how that just turned, it changed.”

¹² Para citar apenas alguns títulos lançados após o 11 de setembro, há o documentário “Fahrenheit 9/11” (2004), de Michael Moore, e os filmes de ficção “Vôo United 93” (2006), de Paul Greengrass, e “Torres Gêmeas” (2006), de Oliver Stone. Muitas séries de ficção televisiva, principalmente as ambientadas na cidade de Nova York, também produziram episódios especiais para tratar dos atentados. A música norte-americana talvez tenha sido, entre as artes, a mais rápida a representar o evento. Ainda em 2001, Neil Young apresentou a música “Let’s roll”, um relato com base na experiência dos passageiros do vôo que caiu na Pensilvânia. Já em 2002, Bruce Springsteen lançou “The Rising”, um álbum inteiro dedicado ao 11 de setembro.

dominantes. Nas palavras de Baudrillard (2003), “para um acontecimento único, exige-se uma reação única, imediata e incontestável” (p.19).

A reação desempenhada pelo governo dos Estados Unidos não foi, nem unânime, nem exatamente eficaz. Mas serviu para intensificar o debate sobre as diferenças entre o *orientes* e o *ocidente*. Segundo Wainberg (2007), a situação criada após o 11 de setembro levou a especulações sobre um possível retorno à bipolaridade nas relações internacionais. Tal ideia pode parecer improvável ou distante num contexto de economias e interesses globalizados. Contudo, cabe lembrar que a dualidade em si é um dos elementos fundadores da política internacional. Desde a definição das fronteiras de uma nação, até a assinatura de acordos e tratados, a maioria dos processos das relações internacionais passa pela lógica dual.

Estar dentro ou fora, pertencer ou não a uma nação, ainda define muito da dinâmica do chamado sistema internacional. A questão do *self* versus o *outro*, nesse sentido, é bastante elucidativa quanto à formação das identidades nacionais. Segundo Neumann (2002), para formar o *eu*, o *self*, é preciso, antes, definir quem é o *outro*, ou seja, o que o *eu* não é. Tal definição é a origem da própria questão da soberania, tão cara às relações internacionais. É por isso, entre outras questões, que o processo de globalização não conseguiu abafar as diferenças ideológicas dos estados-nação. O conceito da *guerra das civilizações* pode parecer exagerado, mas é certo que qualquer guerra se forma a partir de questões culturais.

Contudo, a contemporaneidade tem complexificado as dualidades extremas do campo das relações internacionais. E o 11 de setembro foi uma espécie de marco desta realidade maleável que atinge o sistema internacional. Num misto de confusão e perplexidade, o atentado pode ser pensado como uma representação clara da realidade fragmentada do chamado período pós-moderno. De acordo com Harvey (1992), um fato espantoso em relação à pós-modernidade é justamente a aceitação do efêmero, do fragmentário e do caótico, bem como a sua incorporação aos sistemas simbólicos. Além disso, o autor cita a onipresença da televisão como um dos pontos de influência do movimento pós-moderno. Por isso, a relevância do 11 de setembro, para a configuração do mundo, deve ser pensada também a partir de sua abrangência global.

O pesquisador norte-americano James Der Derian (2001) cunhou a expressão *evento global* como parte de uma teoria maior, a chamada *teoria virtual*. Para o autor, no mundo

contemporâneo, opera uma aliança de poderes virtuais que une forças militares e políticas à indústria midiática e de produção de entretenimento. Tal conjunto seria responsável pela criação de uma imagem verossímil de sociedade, capaz de fazer sentido e produzir presença, “criar o real por meio da diferenciação teatral e da visão técnica” (DER DERIAN, 2001, p. 684). Aos olhos de conceitos pós-modernos, portanto – ainda que essa não seja a nomenclatura utilizada pelo autor - o 11 de setembro pode ser visto como um espetáculo, um simulacro de um ato de guerra.

Os conceitos de Der Derian encaixam-se perfeitamente em outros estudos sobre a natureza do 11 de setembro e sobre os demais conflitos apresentados sob o discurso de terrorismo, mas também abrangem a crescente tendência de virtualização das relações internacionais, “onde conflitos feitos para a TV se misturam aos filmes de guerra de Hollywood, jogos de guerra militar e videogames de computador se mesclam, desastres falsos e acidentes reais colidem” (DER DERIAN, 2001, p. 683). De acordo com a *teoria virtual*, o evento global possui uma natureza imagística inerente à sua própria existência.

Talvez o marco para a tomada de consciência sobre essa nova conjuntura tenha sido exatamente o 11 de setembro de 2001. O evento global daquela manhã de terça-feira foi uma experiência que causou dificuldade de significação, tanto para os aparatos da mídia, quanto para as relações políticas entre Estados. Além das questões já abordadas quanto à dificuldade de significação do evento, em termos de política internacional, o atentado veio sem aviso (ao menos no que diz respeito às informações oficiais divulgadas na época). Com exceção da instintiva resposta de retaliar o acontecido, as ferramentas tradicionais do jogo de forças do campo internacional não deram conta de significar o evento global.

Passada mais de uma década, é possível que o 11 de setembro ainda não tenha sido totalmente decifrado. Apesar do assassinato de Osama Bin Laden por tropas norte-americanas, em maio de 2011, do alto investimento nas guerras do Afeganistão e do Iraque, algo de perplexidade parece ainda rondar o imaginário coletivo sobre o tema. Como afirmam Allan e Zelizer (2002), “o trauma é algo que não desaparece levemente. Ele se demora, arrasta-se pela memória, quase vai embora, mas reaparece quando menos se espera” (p. 1-2)¹³. Dez anos depois do evento global e sem vitórias definitivas na guerra contra o

¹³ Tradução livre do trecho original: “Trauma does not disappear lightly. It lingers, seems to fade, and then re-emerges when least expected.”

terrorismo, o trauma pode ter ressurgido justamente no dia 11 de setembro de 2011. Com ajuda das mídias ao redor do mundo, as imagens e os momentos mais tensos dos atentados puderam ser revividos por meio da narrativa midiática.

Na última década, o senso de dispersão, de fragmentação, de falta de sentido, desencadeado pelo atentado terrorista, ecoa de forma sistemática na sociedade global. Ao tomar o 11 de setembro de 2001 como marco para a estruturação (ou desestruturação) da emergente sociedade em rede, é relevante considerar os impactos permanentes que o evento deixou, tanto na comunicação, como nas demais atividades mundiais. Resende (2010) afirma que, durante o 11 de setembro de 2001, a televisão ajudou a legitimar e a conformar a experiência das pessoas em relação ao atentado, mas também unificou-as e igualou-as. As imagens e as informações transmitidas naquele dia, principalmente pela rede CNN International, divulgaram e marcaram o evento em escala global.

2 O GLOBAL AO ALCANCE DA TELA

A televisão, enquanto meio de comunicação de massa, tem exercido a função de levar diferentes partes do mundo aos mais diversos contextos de recepção. Desde o seu surgimento, ainda na primeira metade do século XIX, a televisão, com o impacto da imagem em movimento, deixou marcas sociais profundas em praticamente todas as nações. A popularização da televisão, nas últimas décadas, foi tamanha que muitos passaram a considerá-la o principal instrumento de informação, cultura e entretenimento da humanidade contemporânea.

Um dos mais relevantes autores a defender essa posição é o francês Dominique Wolton (1996). Ao propor uma teoria crítica da televisão – a qual une a dimensão técnica à dimensão social para compreender o meio -, Wolton (1996) aborda a mudança radical provocada na história da comunicação pelo surgimento da televisão. Segundo o autor, a televisão aprofundou a libertação da distância, já proporcionada pelo rádio. Além disso, a própria característica da imagem, que passou a ocupar um lugar cada vez mais determinante na civilização ocidental, é o que torna a televisão “a principal janela aberta para um outro mundo” (WOLTON, 1996, p. 45).

Na década de 1950, durante o *boom* do consumo televisivo nos Estados Unidos, o país passava por inúmeras modificações. A televisão chegou em meio a um cenário de crescimento econômico, êxodo rural, mudanças no universo do trabalho e do próprio consumo. A sociedade inteira encontrava-se em um processo de rápida transformação e, segundo Wolton (1996), a televisão foi o fio condutor na decifração daquele momento. O meio teria funcionado como um espaço intermediário entre as aspirações sociais conflitantes de individualização e de estandardização.

É dessa maneira que a mídia televisão se constituiu essencial e praticamente ubíqua para as últimas gerações. Se, hoje, a academia investe em discussões e prognósticos sobre a ubiqüidade da Internet e das conexões sem fronteiras, há tempos a televisão tem maior alcance e penetração na sociedade do que qualquer outro meio de comunicação. Cabe lembrar, inclusive, que a expressão *aldeia global* foi cunhada por Marshall McLuhan (1974) com vistas ao sucesso e aos possíveis efeitos da televisão como meio de comunicação de massa.

Dados da Nielsen Company¹⁴, referentes a 2011, revelam que mais de 114 milhões de lares nos Estados Unidos têm ao menos uma televisão, sendo que quase 36 milhões destes possuem quatro ou mais aparelhos. A mesma pesquisa aponta que a televisão tradicional ainda é o meio pelo qual os norte-americanos mais assistem a produtos audiovisuais. Mais de 280 milhões de pessoas continuam com esse hábito, contra cerca de 140 milhões cuja principal maneira de assistir a vídeos já está ligada à internet. No Brasil, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios¹⁵, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2009, mais de 95% dos lares do país possuíam ao menos um aparelho de televisão. Na mesma pesquisa, realizada novamente em 2011, o percentual aumentou para 96,9% na média de todo o país. Na região sudeste, considerada a mais industrializada, mais de 98% dos lares brasileiros tem ao menos uma televisão.

Outra questão importante para se verificar a presença da televisão no cotidiano contemporâneo é o tempo gasto em frente à tela. Segundo pesquisas da Nielsen, os americanos assistem à televisão, no aparato tradicional, durante uma média de 32 horas por semana. A média de tempo destinado a assistir vídeos pela internet, por exemplo, não passa de 30 minutos semanais. Não se trata de negar as mudanças em marcha a partir da evolução tecnológica, cujos impactos nos hábitos humanos já são incontornáveis. Mas há que se levar em conta a ainda enorme influência da televisão enquanto principal meio de comunicação de massa a permear o cotidiano das pessoas.

A televisão é o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade. É o maior instrumento de socialização que jamais existiu. Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, e nenhum havia demonstrado um poder de fascinação e de penetração tão grande (FERRÉS, 1998, p. 13).

Mesmo em um momento em que a convergência das mídias e a cultura digital começam a impactar a transmissão, a distribuição e a recepção de conteúdos televisivos, a

¹⁴ <http://blog.nielsen.com/nielsenwire/mediauniverse/>

Acesso em: 23 de setembro de 2011

¹⁵ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008-2009. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_6_4.pdf Acesso em: 23 de setembro de 2011

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009-2011. Disponível em:

ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/Sintese_I_indicadores/sintese_pnad2011.pdf Acesso em: 23 de setembro de 2011

televisão mantém sua importância na sociedade. Segundo Cannito (2010), o contexto digital tem, inclusive, potencial para tornar a televisão ainda mais televisão, ou seja, evidenciar características tradicionais do meio.

Nossa hipótese é que a experiência de assistir à televisão tem características próprias que continuarão existindo mesmo no ambiente de convergência, e que os novos sucessos serão programas que dialoguem com – e potencializem – os hábitos tradicionais do público (CANNITO, 2010, p. 2).

Para além do fascínio pela tecnologia, portanto, o foco passa a ser o conteúdo televisivo. O autor aponta que, em termos de narrativa, assim como aconteceu com o cinema, a televisão continua a ser matriz do imaginário. De fato, é possível pensar na televisão, como fez Durand (1998), enquanto única mídia onipresente em todos os níveis de representação da psiquê do homem ocidental. No campo do divertimento, a enorme produção de imagens televisivas garante uma manipulação icônica por parte do meio em relação à chamada *civilização da imagem*. Até mesmo a televisão por assinatura, cuja aposta em audiência está em públicos segmentados e mais exigentes em relação aos canais abertos (CAPPARELLI; JACKS, 2006), tem um papel relevante no processo de formação de imaginários sociais.

Nesse sentido, os dados apresentados acima corroboram a designação de *sociedade da imagem* para as últimas décadas. Como afirmam Bucci e Kehl (2004), “vivemos numa era em que tudo concorre para a imagem, para a visibilidade, para a composição de sentidos no plano do olhar” (p. 16). Mais do que isso, a larga presença e a significação social da televisão fazem do meio um dos principais produtores de sentidos e discursos na contemporaneidade. Para Fernandes (2001), por exemplo, a televisão é hoje o grande templo da ritualidade moderna. Segundo Ferrés (1998), mais do que programas, histórias ou personagens, o próprio meio exerce um fascínio sobre a sociedade, desde a sua invenção. Mas a capacidade de sedução, apontada pelo autor, varia de acordo com o conteúdo televisivo apresentado em contexto social.

A questão dos contextos tem uma importância capital na comunicação televisiva, não apenas porque nas mensagens das comunicações audiovisuais se produz uma transferência de valores do contexto para as realidades representadas. Também porque, além do mais, na cultura ocidental a própria televisão funciona como contexto que condiciona a interpretação da realidade cotidiana (FERRÉS, 1998, p. 58).

Certamente, a maioria dos eventos políticos, sociais, esportivos e de entretenimento passou a ser pensada a partir da lógica da televisão. Em geral, grandes eventos pressupõem a

presença e a mediação da televisão na sua organização. Para Machado (1990), tão profunda é a influência da televisão, tanto na vida política, quanto no corpo social, que nada mais lhe pode ser exterior. O modo de vida contemporâneo, de muitas formas, está ligado à lógica televisiva. Contudo, mais do que fonte de representação, a televisão também atua de forma dialógica sobre as audiências.

A televisão, portanto, não só funciona como uma janela para o mundo, como a definiu Wolton (1996), mas pode representar uma invasão do mundo exterior na intimidade pessoal. Tal funcionalidade pode ser percebida no próprio ato de assistir à televisão. Ao tomar conta de todos os sentidos a partir do olhar, o fluxo de imagens transmitido pela televisão é, para Machado (1990), a possibilidade de um contato simbólico com o exterior. Em tempos de intensificação do individualismo, a lógica televisiva, ao espelhar a sociedade, ainda obriga o homem a se interessar pelo que lhe é externo. Ou, como colocou Wolton (1996), ao menos demanda reconhecer a sua legitimidade.

O autor define bem: a televisão se constitui em um consumo essencialmente privado, porém traduz uma atividade coletiva. Principalmente no contexto da chamada *televisão generalista*, as imagens, as narrativas, as realidades expostas pela televisão são compartilhadas, ao mesmo tempo, por um número imenso de pessoas. Wolton (1996) classifica a televisão *generalista* de exploração privada como um fator de integração social e de identidade coletiva, pois oferece, tanto informação, quanto programas de entretenimento. A programação desse tipo de televisão tem o objetivo de atingir o maior número possível de pessoas em um país, enquanto a televisão *fragmentada* é destinada a públicos-alvo específicos. O autor critica o que considera uma proliferação exagerada da televisão *fragmentada* ou especializada em relação à televisão *generalista* justamente porque acredita que a fragmentação reduz ao mínimo o princípio de participação na construção da realidade social¹⁶.

A homogeneização da televisão generalista é importante para o autor porque, ainda que todos assistam às mesmas imagens, ninguém vê a mesma coisa. Wolton (1996) define

¹⁶A respeito da mesma dualidade, Castells (2010) utiliza os conceitos de *broadcast* e *narrowcast* para determinar o alcance e a propostas das emissoras. Segundo o autor, também há cada vez mais investimentos em canais *narrowcast*, destinados a públicos específicos. Mas, para Castells (2010), este é um resultado das características da sociedade em rede, em que os indivíduos têm mais poder enquanto consumidores e são capazes de criar uma espécie de *self-mass communication*, oposta à idéia homogeneizante de grandes emissoras, cobrindo um território nacional ou regional.

esse potencial polissêmico em meio a imagens estandardizadas como o “milagre da televisão” (p. 77). Ainda neste capítulo, a questão do laço social proporcionado pela televisão será aprofundada, mas, antes, é importante refletir sobre como o veículo chegou a ocupar um espaço tão fundamental no mundo contemporâneo.

2.1 A televisão nas entranhas da sociedade contemporânea

Foi Marshall McLuhan um dos primeiros teóricos a se preocupar com os efeitos da televisão na vida humana. Mais do que tecnologia avançada ao alcance dos olhos, o autor procurou ver, através do novo veículo de entretenimento e informação para designar, os impactos da televisão. McLuhan (1974) tratou teoricamente da televisão após os primeiros anos de disseminação desse meio. Muitas de suas avaliações podem hoje ser relativizadas pelo desenvolvimento do próprio veículo e pelo distanciamento histórico em relação ao papel que ele passou a desempenhar na sociedade. No entanto, determinadas reflexões do autor continuam pertinentes para a compreensão do sucesso do meio: “a velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadologistas industriais, os analfabetos com os semiletrados e os pós-letrados” (MCLUHAN, 1974, p. 31).

Também de acordo com o autor, a transversalidade da televisão, sua linguagem acessível e de potencial hipnotizante, são fatores essenciais de sua relevância social. Em um programa de televisão, veiculado em 1977¹⁷, Marshall McLuhan respondeu a questionamentos quanto à natureza imagética do veículo. Perguntado sobre uma possível tendência ao analfabetismo, devido à mudança de uma cultura letrada para a fascinação em torno da imagem em movimento, o autor fez uma distinção importante. Para ele, não se tratava de promover o analfabetismo (havia, na época, preocupação com o distanciamento que a televisão poderia provocar em relação à tradição da leitura), mas de encarar uma nova forma de consciência introduzida pela televisão.

Segundo McLuhan (1977), o processo de alfabetização, assim como o da leitura, pressupõe objetividade, enquanto a atividade de assistir à televisão está em um nível subjetivo devido ao envolvimento que proporciona. Portanto, os efeitos da tecnologia na qual está

¹⁷ Monday Conference on ABC. 1977.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=ImaH51F4HBw

envolta a televisão não poderiam ser medidos de acordo com conceitos pré-concebidos. A influência da televisão estaria ligada, para o autor, às relações entre sentidos e estruturas de percepção.

O algodão e o petróleo, como o rádio e a televisão, tornaram-se “tributos fixos” para a inteira vida psíquica da comunidade. É este fato que, permeando uma sociedade, lhe confere aquele peculiar sabor cultural. Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos (MCLUHAN, 1974, p. 37).

De fato, a televisão conquistou culturas inteiras e, em muitos momentos, ajudou a emoldurá-las. Uma razão para isso, de acordo com Machado (1990), é o fato de que a televisão apresenta como produto o seu próprio processo de criação quando transmite ao vivo. Principalmente no início do seu desenvolvimento, quando ainda não havia o *videotape*, o *ao vivo* construiu toda uma linguagem que foi, aos poucos, incorporada pelos telespectadores. Mas, para além da transmissão ao vivo, a televisão tem, na instantaneidade, uma de suas grandes vantagens enquanto meio formador de audiências e refletor de realidades sociais.

No universo da imagem, só o vídeo pode restituir o presente como presença de fato, pois nele a exibição da imagem pode se dar de forma simultânea com a sua própria enunciação. Contrariamente à tecnologia da fotografia e do cinema, a análise da imagem pela câmera e a sua síntese no monitor do vídeo se dão de forma instantânea e simultânea, dispensando todo processamento intermediário (MACHADO, 1990, p. 67).

Esse presente reconstituído pela televisão pode se dar tanto num contexto de televisão local, que oferece conteúdo relacionado aos interesses e realidades de uma determinada região, quanto no que Machado (1990) define como *televisão planetária*, cuja programação ultrapassa fronteiras nacionais. Nesse sentido, uma das mais marcantes características da televisão é a capacidade de “transmitir a pessoas situadas em lugares distantes um evento ou um espetáculo ao vivo, permitindo que o espectador os visualize enquanto eles ainda estão sendo tomados” (MACHADO, 1990, p. 68).

Para o autor, este é “um fenômeno inédito em toda a história das artes visuais” (p. 68), pois constrói a legibilidade das mensagens no mesmo momento em que ainda estão sendo enunciadas. Tal processo acabou por instalar uma espécie de repertório televisivo compartilhado por emissores e espectadores, de forma que o consumidor de televisão, em geral, já sabe o que esperar de determinados gêneros ou programas. Por isso, Machado (1990) aponta que não se pode apenas acusar a televisão de espetacularizar os acontecimentos. A

legitimação desse repertório compartilhado fez com os próprios fatos passassem a ser, de certa forma, encenados ou pensados a partir de seu potencial para a televisão.

Por sua própria natureza, como afirma Squirra (1995), a televisão não é um veículo de minorias. Ao narrar os acontecimentos a partir de uma idéia de interesse público e tempo presente, a televisão se torna ainda mais próxima das audiências. A imagem não tem fronteiras (SQUIRRA, 1995) e a ligação direta, estabelecida pela televisão com os telespectadores, auxilia na decodificação do mundo. Por isso, a televisão, sem dúvida, tem marcado a sociedade de forma irreversível, desde a sua criação.

Apesar da técnica da fragmentação, com a sucessão rápida de imagens e a sobreposição de diversos enquadramentos visuais, apontada por McLuhan (1974) como responsável pela mudança na percepção e na leitura dos indivíduos, a televisão também desenvolveu um tipo de coesão entre os que a assistem. Como mídia eletrônica, de acordo com McLuhan (1977), a televisão promoveu a perda da identidade privada, já que passou a conectar o homem, que vive na sociedade de massa, a todos os homens. Nesse sentido, cabe pensar na relação entre a constatação de McLuhan e a elaboração de Wolton acerca do que representa a televisão enquanto instituição. O primeiro autor teoriza sobre o meio quando este ainda é uma novidade no meio social. Trata-se de um momento em que a própria sociedade ainda se adapta aos impactos da inserção da televisão na vida cotidiana. Já Wolton aborda a televisão quando esta já tem meio século de existência e ocupa lugar central, principalmente nas culturas do Ocidente.

São teorias distintas, originadas em contextos e ambientes históricos diferentes, mas que demonstram dois pontos de vista fundamentais para a compreensão de como a televisão se instala no âmago da sociedade. Enquanto McLuhan (1977) discute a quebra de uma tradição letrada, a subjetividade das imagens e o afastamento da racionalidade promovido pela televisão, Wolton (1996) considera que a televisão criou uma linguagem e uma lógica próprias. Trata-se da diferença entre questionar a expansão do meio na sociedade e tê-lo como a consolidação de todo um modo de enxergar o mundo, ainda que não se deixe de investigar seus efeitos.

É por isso que Wolton (1996), além de outros autores, considera a televisão como um espelho da sociedade, no qual as pessoas podem ver representações de si mesmas. Porém, o

espelhamento promovido pela televisão não é funcional ou objetivo; ele permite diferentes relações com os telespectadores, de acordo com a cultura e o contexto social em que estão inseridos. Mais do que qualquer outra instituição da contemporaneidade, porém, a televisão teria um imenso poder agregador, justamente porque é, em geral, uma atividade de lazer, distante de obrigações.

De fato, como afirma McLuhan (1977), a televisão tem o poder de distanciar o homem de sua identidade individual por meio das representações, tantas vezes estereotipadas, oferecidas pelas imagens na tela. Mas, ao conectá-lo a todos os homens, a televisão cria uma entidade muito mais poderosa do que a noção vaga de uma massa. Por funcionar como espelho de representações sociais, a televisão estabelece a *identidade coletiva*, um conceito importante no que diz respeito à capacidade de ligar fortemente os indivíduos a um Estado, a uma filosofia, a um ideal.

Segundo Hall (2006), a identidade é o que costura o sujeito à estrutura, “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (p. 12). Trata-se de um processo, como define Martino (2010), em que um laço entre o pessoal e o social é criado. A identidade é, portanto, relacional e cultural, pois se dá de acordo com o contexto social, econômico, político e físico dos sujeitos. Hall (2006) argumenta que, na pós-modernidade, é cada vez mais difícil conceituar uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade torna-se uma *celebração móvel*: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 12-13).

Toda identidade, segundo Martino (2010), é marcada simbolicamente e reproduzida por algum sistema de representação. No contexto contemporâneo, para o autor, as identidades passam pelas mídias. De forma mais específica, os sentidos identitários passam pelas narrativas produzidas nos meios de comunicação, os quais vieram a ocupar lugar central nas sociedades.

A narrativa é uma das principais atividades humanas. O tempo todo, das maneiras mais diversas, estamos reconstruindo a realidade como um discurso. Essa realidade do discurso, isto é, o real transplantado para um outro nível de apropriação cognitiva, é compartilhada pela comunidade de um tempo e um espaço constituindo o tecido narrativo, simbólico e imaginário de um grupo (MARTINO, 2010, p. 40).

Relaciona-se com essa reflexão a afirmação de Ferrés (1998) de que a televisão agrada e atinge a tantas pessoas basicamente porque conta histórias. Para o autor, o veículo é o reino dos relatos, os quais atuam por meio do fascínio, da necessidade de fabulação e da ativação das emoções. O relato, enquanto narrativa é, segundo Ferrés (1998), a forma de excelência da televisão.

(...) o fato de que, tanto nos contos como nos filmes ou nos relatos televisivos, as histórias tendam a obedecer a umas poucas situações básicas sempre repetidas, com variações escassas e pouco relevantes, o fato de que haja uma certa uniformidade nos padrões narrativos essenciais e uma grande diversidade nos aspectos anedóticos, acidentais, torna manifesto que as narrações têm conexão com algumas necessidades humanas profundas e universais (FERRÉS, 1998, p. 93).

O relato, nesse sentido, é qualquer forma narrativa apresentada como conteúdo televisivo, a qual apela, invariavelmente para a emoção. Ferrés (1998) considera até mesmo os telejornais e outras coberturas jornalísticas como relatos, embora o jornalismo se relacione mais com a razão. Segundo o autor, esta é uma das provas do efeitos inconscientes e despercebidos provocados pela televisão: “a informação parece situar-se no âmbito do discurso e, como tal, na esfera da racionalidade e da consciência. Mas não é assim. Na verdade, nem a informação televisiva pertence sempre ao regime do discurso nem seus efeitos são sempre conscientes” (FERRÉS, 1998, p. 157).

Ao diferenciar *relato* de *discurso*, por relacioná-los, respectivamente, com emoção e razão, o autor simplifica conceitos amplamente debatidos na esfera acadêmica, mas não deixa de apontar um fato muito relevante para os estudos de televisão. Ferrés (1998) mostra que tanto relato quanto discurso estão presentes na programação televisiva e que a fronteira entre as duas formas nem sempre é clara.

Apesar de se viver numa cultura como a ocidental, que tem sido definida tradicionalmente como discursiva e racional, quando nas mensagens televisivas se dá primazia às emoções, estas tendem a se impor sobre a racionalidade. As imagens, os sons e, conseqüentemente, as imagens sonoras se conectam de maneira direta com a emotividade. E, quando a emotividade é muito intensa, pode erradicar todo vestígio de racionalidade (FERRÉS, 1998, p. 41).

O autor afirma que as emoções influem nas decisões e nos comportamentos e, portanto, qualquer imagem que gere emoção terá potencial socializador. Ter consciência da maneira não tão explícita como os conteúdos televisivos muitas vezes operam é, segundo

Ferrés (1998), fundamental para compreender os efeitos socializadores do meio. Ainda que o objetivo desta pesquisa não seja avaliar efeitos, mas sim, a produção de sentido por meio do enquadramento de um evento, é preciso considerar a influência que tal conteúdo pode ter na determinação de identidades e imaginários sociais.

É dessa maneira que se pode compreender a afirmação de McLuhan de que “culturas inteiras podem agora ser programadas, no sentido de que seu clima emocional se mantenha estável” (1974, p. 44-45). A crítica do autor é quanto ao poder hipnotizador da televisão, mas pode ser traduzida como preocupação justamente com os efeitos possíveis da socialização promovida pelo meio. Sem dúvida, em diversos momentos, o caráter dialógico da televisão contribui para a disseminação de certas idéias sobre determinados temas. Machado (2000), inclusive, aponta uma das grandes marcas culturais das décadas de 1960 e 1970 como exemplo disso. Segundo o autor, “num plano militar, ficou bastante claro às potências internacionais, depois do Vietnã, que uma guerra poderia ser decidida mais na televisão do que nos campos de batalha” (p. 128).

Toda a ideologia da chamada contracultura se desenvolveu com base em um discurso contrário à guerra; favorável aos valores de paz, amor e liberdade. No entanto, as manifestações dos jovens norte-americanos provavelmente não teriam desencadeado outras mobilizações sem a repercussão promovida pela televisão. As imagens chocantes que reportavam o sofrimento de soldados norte-americanos invadiram o cotidiano das famílias dos Estados Unidos, o que acabou por ocasionar uma pressão popular pelo fim da guerra. Em grande parte por isso, a guerra do Vietnã se tornou politicamente inviável.

Para Ferrés (1998), trata-se de um processo que vai da notícia à representação social, formadora de imagens mentais, e desta à ação. Além da guerra do Vietnã, o autor cita os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki como criadores de uma imagem social que levou ao movimento antinuclear. Da mesma forma, o desastre de Chernobyl é apontado como fundador da sensibilização mundial acerca dos riscos da radioatividade. Wolton (1996) associa esse poder de agregar opiniões e emoções à própria funcionalidade da televisão generalista, responsável por espalhar o mesmo conteúdo a um país inteiro.

No contexto da globalização, porém, a televisão ultrapassa fronteiras nacionais. Os canais por satélite podem levar as mesmas imagens e informações a diversos locais do

planeta. A característica da homogeneização, descrita por Wolton (1996) como o alcance de uma programação que, em certo momento, define a identidade coletiva de uma sociedade, torna-se, então, mais disseminada. Nesse caso, o que McLuhan (1974) enxerga como ameaça à identidade individual do homem, Wolton (1996) vê como oportunidade democrática de ação coletiva. O autor não deixa, no entanto, de admitir que há dois lados na mesma moeda.

Oposta à homogeneização, o autor reconhece a característica de atomização, definida como a possibilidade de escolha livre dos espectadores em assistir ou não, participar ou não, do conteúdo que é oferecido. Trata-se de duas dimensões contraditórias da sociedade que, segundo Wolton (1996), a televisão, enquanto instrumento de comunicação, permite gerar. Para o autor, o papel da televisão é, justamente, contribuir para o equilíbrio entre essas duas esferas. O meio deve evitar ser geral demais, a ponto de distorcer os aspectos que formam a identidade coletiva dos espectadores. Ao mesmo tempo, não deve ser individualizante demais, pois aí poderia fazer desaparecer fatores que transcendem o individualismo e constituem uma comunidade.

Ao funcionar como um “mensageiro da sociedade de solidões organizadas” (WOLTON, 1996, p. 135), a televisão é capaz de reduzir as exclusões presentes na sociedade de massa. Como afirma o autor, a televisão cumpre o papel essencial de organizar algo entre os extremos da escala social. A abrangência da televisão, como foi indicado no início deste capítulo, consegue ultrapassar barreiras sociais, econômicas e intelectuais. A transversalidade garante sua importância política e social. É essa característica que permite a designação da televisão como a principal fonte de elementos constituintes de imaginários coletivos na contemporaneidade.

De acordo com Bucci e Kehl (2004), a tamanha influência da televisão decorre do fato de o veículo industrializar a confecção de mitos e os recolocar na “comunidade falante” (p. 19). Ao fazer isso, a televisão autoriza e legitima práticas de linguagem que se instalam de forma arraigada na sociedade, tornando confortáveis e indiscutíveis determinados fatos, formatos ou valores. A enorme circulação e a constante repetição, promovida pela televisão, são apontadas pelos autores como causas para este efeito. Em outras palavras, a televisão sintetiza o mito. E este fator, por si só, já concede à televisão uma posição indispensável na sociedade da imagem.

2.2 Tecnologia do imaginário e poder: a televisão como laço social

A partir das imagens em movimento, que vinculam o indivíduo a outras tantas pessoas, dá-se o laço social. São duas unidades fundamentais, de acordo com Wolton (1996), para a compreensão e o estudo da televisão. Para o autor, o divertimento e o espetáculo oferecidos pelo meio estão vinculados à imagem. Já o potencial de laço social está ligado à própria função da comunicação. Em sua proposta de Teoria Crítica, a qual remete à tradição empírico-crítica, Wolton (1996) considera fundamental a dimensão social da televisão, emergida das características de sua imagem: identificação e representação capazes de retratar e modificar as representações do mundo.

A visão democrática, de potencial dialógico, descrita por Wolton (1996) não é unânime em relação a outros autores. Em muitos casos, a televisão e sua posição na sociedade contemporânea são vistas como uma espécie de ditadura da imagem, de idéias prontas, limitadas a promover determinados pontos de vista. Machado (2000), por exemplo, acredita que a “rotina das emissoras convencionais e seus métodos de trabalho obtusos acabam promovendo uma visão de mundo parcial e limitada” (p. 136). Tal visão seria incessantemente propagada a partir da generalização de convenções da técnica televisiva na maioria dos canais.

Ainda que a onipresença da televisão, no cotidiano contemporâneo, tenha impactos importantes na construção de sentidos e imaginários, Wolton (1996) insiste que o controle das imagens não garante o controle das consciências. Por mais que muitas pessoas assistam às mesmas imagens, ouçam as mesmas narrações e experimentem os mesmos cortes e transições, para Wolton (1996) há uma enorme possibilidade de que cada um veja algo diferente. Mais uma vez, é preciso relativizar os extremos da razão. A televisão é, sim, um espaço poderoso de influência, produzido a partir de visões de mundo específicas. Mas ela é também uma experiência individual e coletiva, quando compartilhada, de formação de sentidos.

Nesta espécie de meio termo teórico, o posicionamento de Sodré (2003) revela ainda outra característica da atuação televisiva. Segundo o autor, a televisão é a forma de ver e interpretar na sociedade contemporânea. Devido ao caráter de “visão-tele” (SODRÉ, 2003), uma potencialidade de visão desde a distância, a televisão se torna um dos locais de produção do real na sociedade ocidental (SODRÉ, 2006). O autor acredita que a imagem propagada

pela televisão tem o poder de operar “mutações na estrutura psíquica e nos modos de percepção do indivíduo contemporâneo” (SODRÉ, 2006, p. 8).

Dessa forma, ao oferecer símbolos dotados de determinados valores, o meio atua na produção de sentidos. E, apesar de subjetivos ou polissêmicos, como afirmou Wolton (1996), os sentidos produzidos inegavelmente difundem preceitos éticos e estéticos sobre as sociedades. O mesmo autor admite que a televisão não é um instrumento neutro na produção de imagens, mas lembra que o chamado *público de massa* não é apenas uma nebulosa definição e, sim, a junção do popular, da elite e do também confuso conceito de *público médio*. Por isso, Wolton (1996) reafirma, a atividade coletiva da televisão impede qualquer leitura única.

Na TV, o significado vai além da intenção na maior parte do tempo. As condições de recepção fazem parte da imagem. A imagem deixa uma via de acesso ao sentido, principalmente por intermédio do imaginário, mais igualitário, por exemplo, do que aquele permitido pela leitura, pois o acesso à imagem é mais fácil que o acesso ao texto (WOLTON, 1996, p. 68).

Volta-se, portanto, à questão do laço social, formado a partir de uma tecnologia de contato, cujas imagens remetem, inevitavelmente, a um quadro e a um contexto (WOLTON, 1996). A organização das imagens distribuídas pela televisão – e a programação que elas definem – funcionam, muitas vezes, como um ponto de referência cultural e é nesse sentido que Wolton (1996) considera a recepção como algo “não totalmente livre” (p. 70).

Segundo o autor, o público desenvolveu tamanha lealdade, quanto ao conteúdo televisivo, que é capaz de confiar na capacidade do meio de oferecer a melhor e mais coerente seleção das grandes questões do momento. Trata-se de uma autoridade digna de um imaginário implacável, construído desde a década de 1950. Para Silva (2006), ao juntar memória afetiva e potência para criação de capital cultural, tal imaginário torna-se uma usina de mitos e a televisão passa a ser o laço social virtual a conectá-los. E essa função é potencializada pela televisão, pois, como afirma Silva (2006), o imaginário social, uma fonte ao mesmo tempo racional e não-racional de impulsos, instala-se por contágio.

A televisão faz parte de um contexto de tecnologias de comunicação que, enquanto instrumentos de extensão das relações sociais, são capazes de configurar redes de poder e impactar seriamente os padrões de sociabilidade. A questão é que talvez nenhuma outra

tecnologia, nos últimos séculos, tenha alcançado um papel tão arraigado e tão definidor do homem contemporâneo. Tal processo, definido por Sodré (2010) como tecnocultura tradicional – classificada como televisão e entretenimento - tem um poder comparável à hegemonia norte-americana no Ocidente, pois possui a capacidade de “formar a agenda política e noticiosa internacional, de produzir em seus laboratórios e indústrias a maior parte dos objetos da economia midiática e de atrair as consciências para uma forma de vida sempre modernizadora, por vias do liberalismo democrático e do consumo” (SODRÉ, 2010, p. 27).

Mesmo frente aos conteúdos que se propõem internacionais, com distribuição para diversos países – como é o caso do entretenimento, por meio de seriados e filmes, e do jornalismo, através de canais de notícia internacionais -, é preciso levar em conta o fato de que a produção da maioria dos programas, principalmente jornalísticos, ainda se dá em um contexto nacional. Ainda que o capital financiador venha de diferentes localidades ou que a própria equipe de produção reúna profissionais de múltiplas nacionalidades, o ponto de partida de um produto televisivo é quase sempre uma história, um fato ou uma referência nacional.

Não há sociedade que se sustente sem formular sua própria ideologia, já afirmou Bucci (2004). Nesse sentido, os imaginários nacionais, difundidos pelos discursos televisivos e transformados em imaginários coletivos, por meio do laço social proporcionado pela televisão, são de grande importância para a manutenção de identidades nacionais e da própria soberania dos povos. Até mesmo as informações de cunho internacional, marcadas pela heterogeneidade e pela exposição da diferença, precisam ser *recodificadas* no âmbito nacional (WOLTON, 1996), pois sempre vão ser recebidas e interpretadas de acordo com os parâmetros de determinado país.

O autor acredita que o nacionalismo, antes pretexto para ódios e exclusões, é hoje um fator de integração, na medida em que a televisão atua no destaque de um espaço de identidades compartilhadas e, portanto, de efetiva comunicação. No entanto, é preciso refletir sobre esse efeito na contemporaneidade. A multiplicação de canais, apesar de render ao espectador uma sensação de liberdade e de autonomia na escolha dos conteúdos a serem assistidos, pode ser nada além que mais do mesmo. Num contexto de economia global, em que as redes de informação permitem trocas comerciais jornalísticas, muitas emissoras se tornam verdadeiras agências de notícias. Portanto, é necessário pensar nos significados dos

conteúdos transmitidos por inúmeros canais, em que são exibidas as mesmas imagens, com os mesmos cortes e, em essência, a mesma visão de mundo.

Uma hipótese é que, dessa maneira, propicia-se uma maior propagação de determinados imaginários em detrimento de outros. É como se as tecnologias de comunicação, potencializadas pelo poder da imagem televisiva, fizessem surgir no mundo aquilo que elas iluminam, idéia que encontra ressonância na obra de Sodré (2010). Segundo ele, existe um visionarismo *mítico-religioso* das imagens, o qual permeia diversos circuitos sociais, desde aspectos tecnológicos e geográficos, até as esferas política e econômica.

A produção/reprodução imagística da realidade não se define, portanto, como mera instrumentalidade, e sim como princípio (ontológico) de geração de real próprio. Daí, a socialização vicária realizada pela mídia, junto à sua capacidade de permear os discursos sociais e influenciar moral e psicologicamente a forma mental do sujeito metropolitano (SODRÉ, 2002, p. 73)

Parte daí a noção de que, mais do que refletir a realidade, a televisão é capaz de criar mundos próprios e incentivar preferências e comportamentos baseados em imagens reveladoras de determinada ideologia. A televisão tem, portanto, papéis múltiplos na sociedade contemporânea: espelha as realidades sociais, tem potencial dialógico para as representações individuais e de grupos e, por fim, é capaz de instaurar novos imaginários e identidades por meio das narrativas que produz. Inclusive, o que se considera ser o *mundo internacional* é, em grande medida, uma criação dos meios de comunicação. Pode-se considerar a consagração de um conceito *inventado* um efeito do meio que o produziu, pois, para Ferrés (1998), a televisão induz a uma espécie de mimetismo a partir da sedução por meio de estereótipos e da ativação de processos de identificação.

Criam-se, segundo o autor, representações sociais baseadas na repetição e no reducionismo. Tais representações, de acordo com Ferrés (1998), seriam construídas, na contemporaneidade, principalmente pela televisão. Como principal meio de comunicação no cotidiano da maioria das pessoas, a televisão detém o poder da informação. Nesse sentido, o autor alerta para a internacionalização dos conteúdos como forma de criar visões de mundo: “Na atualidade, não existe poder maior do que o que é exercido por aqueles que conseguem impor o seu próprio olhar sobre a realidade” (FERRÉS, 1998, p. 158).

Para tanto, a televisão utiliza mecanismos de sedução e estereótipos. Por isso, a seleção, o destaque feito pelo jornalismo em relação aos principais fatos do dia, não pode ser classificado como informação objetiva. Para Ferrés (1998), a informação televisiva está sempre dotada de ideologia. Ao se utilizar das emoções e do inconsciente, a televisão é capaz de criar modelos e categorias de sentido para os fatos, a partir de uma determinada visão de mundo. Nesse sentido, em relação à tensão entre o nacional e o internacional, cabe pensar também no papel da televisão quanto ao que Machado (2000) chama de *cerimônias televisuais de exceção*. São momentos de transmissão direta, ao vivo, cujos eventos têm o poder de quebrar a grade de programação e interromper o fluxo convencional das emissoras.

Nessas ocasiões, o país inteiro interrompe suas atividades para ver televisão e a recepção é quase que obrigatória. Quando bem sucedidas, essas transmissões mobilizam audiências esmagadoramente grandes, às vezes uma nação inteira, quando não o planeta todo, materializando a idéia mcluhaniana da *aldeia global* (MACHADO, 2000, p. 139).

Eventos desse tipo, no qual pode ser incluído o 11 de setembro de 2001, são descritos pelo autor como *celebrações coletivas ao vivo*. Em outras palavras, “rituais coletivos” que a televisão transforma em “história instantânea” (MACHADO, 2000, p. 139). Em tais casos, o conteúdo veiculado pela televisão se torna capaz de modelar a memória coletiva, de forma a integrar sociedades e organizá-las, simbolicamente, em torno de um mito. Ferrés (1998) compartilha desse ponto de vista, quando afirma que a cultura modela o olhar e que é a indústria audiovisual a responsável por educá-lo (ou deseducá-lo) para as novas gerações.

Em termos de história e de fixação da idéia de cultura nacional, as situações descritas até aqui são fundamentais para a compreensão do papel da televisão na contemporaneidade. Segundo Bucci (2004), a televisão não cessa, por sua própria natureza, de reciclar o legado histórico, transformando-o. Para o autor, tanto na notícia, como na publicidade e no entretenimento em geral, a história passou a fazer parte do *show* cotidiano apresentado pela televisão. Isso configura, para o autor, um modo de produção da memória social, em que o relato histórico se converte em passatempo da platéia. Cabe pensar, portanto, na alteração das condições de produção de tais efeitos frente ao contexto conectado e hiperinformado da sociedade em rede.

2.3 Cobertura global e televisão no 11 de setembro

Na terça-feira de 11 de setembro de 2001 foi como se o mundo inteiro parasse diante de uma única imagem. Ao menos do ponto de vista da produção televisiva, não havia outra coisa a mostrar que não as Torres Gêmeas transformando-se em escombros, a fumaça escura tomando conta de Manhattan, o choque, o medo. Pelas redes de informação, o inesperado ataque espalhou-se com tamanha velocidade que foi possível assistir ao vivo à queda da segunda torre. O 11 de setembro pode ter sido um dos primeiros eventos a firmar, no cotidiano mundial, os parâmetros da sociedade em rede proposta por Castells (2009), em que há uma interdependência global em todos os âmbitos das sociedades.

Para Martín-Barbero (2006), por exemplo, os processos, os meios e as práticas de comunicação não podem mais ser pensados sem assumir a tensão e as mudanças provocadas pelo 11 de setembro. Para além da data e do evento em si, os autores têm visões diferentes acerca dos efeitos da quase onipresença das redes de informação. Enquanto Castells (2006; 2010) enxerga uma constante batalha entre nódulos de poder e contrapoder, com a possibilidade de instalação de verdadeiras experiências de comunicação, de debate e de troca de conhecimento, Martín-Barbero antecipa um cenário de violação dos direitos de privacidade e de degradação das identidades locais, a partir da transformação de fronteiras físicas e comunicacionais.

Ainda que os dois posicionamentos gerem caminhos teóricos amplos, diversos e legítimos, ambos têm em comum a certeza de que os fatos de 2001 representam uma enorme mudança para o contexto dos meios de comunicação. E, pelo potencial de impacto característico da imagem em movimento, pode-se dizer que a transmissão televisiva foi a grande marca dessa virada no dia 11 de setembro. Segundo Ferrés (1998), “se a palavra tende a se impor por seu peso, a imagem se impõe por sua capacidade de choque” (p. 41). Na televisão, a imagem é unidade fundamental de produção de sentido.

No dia 11 de setembro, portanto, a vida foi suspensa, como afirma Carey (2002), pela e na televisão. Em questão de minutos, veículos ao redor do mundo compartilhavam a mesma agenda, cobriam o mesmo acontecimento. Assim, a data se tornou um marco, não só para a história internacional, mas também para o jornalismo (ALLAN; ZELIZER, 2002). As

empresas de comunicação se apressaram em mostrar o fato, ainda que não soubessem exatamente o que estavam mostrando.

O fator surpresa, é claro, funcionou como um grande critério de noticiabilidade¹⁸. No entanto, para aquele acontecimento, comparável a roteiros *hollywoodianos* de filmes-catástrofe, não havia um roteiro jornalístico pré-definido. Segundo Allan e Zelizer (2002) era o próprio sentido que faltava aos jornalistas. Talvez por isso a repetição quase incessante das imagens mais chocantes do dia fosse a única alternativa encontrada nas coberturas. O próprio ato de transmitir aquelas imagens pode ter sido, portanto, uma maneira de autenticar a experiência.

Mas a experiência vista ou vivida em 11 de setembro não causou dificuldade de significação apenas para os jornalistas. O evento em si extrapolou limites da linguagem e da inteligibilidade humana naquele momento (RESENDE, 2010). Por isso, também, o tamanho impacto do evento ao redor do mundo. Não era preciso ser nova-iorquino ou norte-americano para sentir os efeitos do atentado. Em um contexto de culturas disseminadas globalmente, o compartilhamento da experiência daquele dia ultrapassou fronteiras. Ainda assim, apesar da transmissão ao vivo e dos incessantes *replays*, o evento não podia ser narrado com os significados coletivos disponíveis.

De acordo com Resende, “o Onze de Setembro foi experimentado pessoal, visual, digital, virtual, global e simultaneamente como nenhum outro evento da História” (2010, p. 208). E o jornalismo foi, em grande parte, responsável por levar tal experiência para a maioria das pessoas. Especialmente o telejornalismo, que lida, não só com a transmissão ao vivo, mas com a transmissão das imagens pré-gravadas, teve um papel de extrema relevância na formação do imaginário social sobre o 11 de setembro. No entanto, o trauma social, que se instalou com a queda das torres, marcou também um trauma para a atividade jornalística. Para Allan e Zelizer (2002), é notável que o jornalismo se vista com suas verdadeiras cores quando

¹⁸ O critério de noticiabilidade está ligado aos valores-notícias definidos por cada veículo ou meio de comunicação. Wolf (2008) define noticiabilidade como “o conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção de notícias” (p. 202). Assim, os valores-notícia são considerados os critérios de relevância presente no processo de produção jornalística e que vão definir o que deve ser noticiado, com que destaque e por quanto tempo. Segundo Wolf (2008), um importante critério de noticiabilidade é a quantidade de pessoas que um acontecimento envolve.

o mundo escurece. Nesse sentido, acreditam que os jornalistas são chamados a cumprir uma tarefa muito maior do que sua função diária de informar.

Normalmente, como afirma Rosen (2002), os jornalistas não são atingidos pelos eventos. O que eles noticiam é que, sim, atinge os outros. Seria uma espécie de imunidade em relação ao real, adquirida pela própria atividade profissional. Tal habilidade tornaria possível o suposto regime de neutralidade, objetividade e distanciamento que é, em tese, praticado por jornalistas. No entanto, no 11 de setembro, essa lógica foi soterrada pela queda das torres. Allan e Zelizer (2002) lembram que, em dias traumáticos como aquela terça-feira de setembro, os jornalistas são convocados a contribuir para a reconfiguração das identidades, tanto individuais quanto coletivas, as quais se encontram temporariamente abaladas.

O impacto da destruição das torres, no imaginário coletivo, principalmente no território norte-americano, forçou a produção de um novo discurso, de uma narrativa capaz de explicar o acontecido por meio de símbolos que fizessem sentido para a população. O 11 de Setembro se tornou, então, um marco de ruptura e reestruturação, não apenas de aspectos políticos, econômicos e sociais, mas também de ferramentas cognitivas.

Em situações de crise e de ruptura, as narrativas evocam o passado imaginário da coletividade para ressignificar os sentidos contidos no *modo de vida* do grupo, adaptar e reconstituir as crenças cognitivas e as afetivas dos indivíduos sobre a realidade e sobre si mesmos. Diante da ambiguidade, da incerteza e da ansiedade provocadas pela crise, as narrativas buscam reconectar as identidades individuais e as coletivas, ressignificando a realidade e o sentido das coisas para os indivíduos (RESENDE, 2010, p. 220-221)

Naquele dia, portanto, as narrativas produzidas pelas mídias teriam uma abrangência muito maior do que as notícias corriqueiras do cotidiano jornalístico. De uma forma talvez automática, quiçá inconsciente, os jornalistas foram colocados em uma posição dupla. Além de noticiar o fato, era preciso atribuir sentido àquilo. Para Schudson (2002), o jornalismo assume um papel pastoral em momentos de tragédia e, por isso, não foi preciso instruir os jornalistas a reverenciar as vítimas do ataque terrorista ou a considerar os bombeiros e os policiais como os heróis do 11 de setembro. Trata-se, segundo o autor, de uma prosa de solidariedade, que se sobressai facilmente em relação à prosa da informação. Também para Rosen (2002), o trabalho do jornalista se tornou uma forma específica de demonstrar o patriotismo no 11 de setembro.

O roteiro, o enquadramento noticioso que faltava aos jornalistas durante o evento só poderia ser suprido, naquele momento, pelo Estado (CAREY, 2002). No próximo capítulo, a teoria do *agenda-setting* e a questão do *enquadramento (framing)* serão mais detalhadas. Por ora, cabe esclarecer a noção de *moldura*, tradução para a palavra inglesa *frame*, a qual indica, no contexto do *agenda-setting*, o ângulo de abordagem de uma ou mais matérias jornalísticas (MCCOMBS, 2009). Nesse contexto, de acordo com Carey (2002), um dos desdobramentos do 11 de setembro foi permitir que temas como história, política e natureza humana voltassem à agenda midiática. No entanto, ainda que com abordagens extensivas, o ressurgimento de tais questões teria demonstrado a incapacidade da mídia, especialmente a norte-americana, de lidar com realidades ditas novas, mas que remontam a disputas muito antigas.

Em um contexto de mídias altamente mercantilizadas, a liberdade de expressão muitas vezes esbarra em outros interesses. Por isso, Karim (2002) considera fundamental levar em conta as tendências operacionais e estruturais que seguidamente levam as mídias a reproduzir os discursos dominantes. No 11 de setembro, por exemplo, a administração do presidente norte-americano George W. Bush foi rápida em oferecer os enquadramentos e a agenda para o acompanhamento da questão. E a maioria das mídias, ainda estupefata pelo evento, aceitou de bom grado as informações do governo¹⁹.

Dessa forma, é possível concordar com Waisbord (2002) no sentido de que o entusiasmo patriótico da cobertura do 11 de setembro pode ter sido mais que uma mera resposta às intenções *anti-americanas* dos ataques. Segundo o autor, tal evento foi uma oportunidade para posicionar a identidade patriótica norte-americana por meio da articulação do *outro*. O conceito de identidade nacional, em que a cultura de um país é representada por um sistema simbólico, capaz de unir cidadãos em torno de valores e ideais comuns (HALL, 2006), está ligado à noção de identidade coletiva. Trata-se de um processo discursivo, em que o *outro* é definido como diferente e excluído da comunidade nacional. Tais conceitos são muito relevantes para a compreensão das construções conceituais proporcionadas pelos enquadramentos de coberturas televisivas.

¹⁹ Douglas Kellner, na obra “A cultura da mídia” (2001), mostra que, desde a Guerra do Golfo, em 1991, culminando no 11 de setembro, há uma espécie de pacto entre o governo e a mídia norte-americana no sentido de não questionar as posições e as informações oficiais do Estado em suas coberturas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: rumo a enquadramentos globais

A evolução dos meios de comunicação de massa e a sua crescente inserção na vida cotidiana levaram pesquisadores a questionar os efeitos de tais veículos na cognição e no comportamento dos seres humanos, enquanto indivíduos. Mas as investigações também relacionaram a possível influência das mídias com contextos mais abrangentes, como a vida em sociedade, característica do sistema estatal. Nesse sentido, os estudos foram focados basicamente na formação da opinião pública e no seu conseqüente impacto nas ações do Estado.

Trata-se de uma espécie de abordagem que leva em conta a possibilidade de efeitos a longo prazo, com incidência sobre a construção da realidade. É uma perspectiva diferente – e posterior – aos primeiros estudos das comunicações de massa, cujas teorias possuem características mais empíricas e funcionalistas. A abordagem do agendamento não afirma que a mídia tenta persuadir, mas sustenta que o entendimento das pessoas em relação à realidade social é, em grande medida, modificado pelos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a hipótese do *agenda-setting* aparece em um momento de evolução das Teorias da Comunicação, em que alguns pesquisadores passam a considerar os efeitos cumulativos ao invés dos efeitos limitados (WOLF, 2008).

3.1 *Agenda-setting* e enquadramento: contornos teóricos

Tal passagem significa não mais tratar a comunicação como um modelo de transmissão e *feedback*, mas ter como centro o processo de significação compartilhado pelo público e pelos *media*. Isso pressupõe a existência de diferentes agendas que se cruzam para a formação de sentidos. A opinião pública seria, então, um resultado da agenda política, transmitida pela agenda midiática e avaliada pela agenda do público (MCCOMBS, 2009). A realidade construída a partir do conjunto desses fatores denotaria o poder de influência das mídias.

Os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o quê pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazos, influenciar sobre o quê pensar e falar. (...) A agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social (HOHLFELDT, 2005, p. 191).

De acordo com a Teoria da Agenda, portanto, os veículos jornalísticos são capazes de estabelecer a agenda pública. E, a partir das informações fornecidas pelas mídias, o público forma imagens da realidade. É o que Walter Lippman (1922 apud McCombs, 2009) chamou de *pseudoambiente*, um mundo que existe na mente das pessoas. McCombs (2009) explica que, “quando os eventos e as situações de cada dia são refratados através das lentes profissionais das organizações noticiosas, o resultado freqüentemente é uma imagem do mundo, um pseudoambiente, que está longe de ser isomórfico” (p. 44).

Não há, portanto, neutralidade na influência exercida pelas mídias sobre a opinião pública, justamente porque toda agenda está dotada de interesses e objetivos específicos, ainda que não explícitos. Ao selecionar e destacar diariamente (ou a cada minuto, como é mais próprio na indústria jornalística contemporânea) as questões consideradas mais importantes em termos de notícias, os veículos, não só direcionam a atenção do público, como também influenciam as percepções sobre determinados fatos. Da origem do termo *esfera pública*, de Habermas (1984), ao conceito de *opinião pública*, de Lippman (1922), a Teoria da Agenda se insere em um contexto de pesquisas que leva em conta a complexidade de relações que formam, tanto um Estado, quanto um sistema de mídia de massa vinculado a aspectos industriais e culturais.

Na década de 1950, quando Maxwell McCombs iniciou as pesquisas acerca do agendamento, o objeto de seus estudos eram as eleições. O resultado do pleito era analisado em relação à cobertura midiática destinada a determinado candidato, tema ou evento. No entanto, tais averiguações consideravam mais os dados numéricos, quantitativos, do que a própria abordagem feita pelos veículos. Nesse sentido, McCombs (2009) acredita que a Teoria da Agenda se expandiu ao longo dos anos de pesquisa e passou a incorporar questões sobre influências que estabelecem a agenda jornalística, bem como o impacto de elementos específicos das mensagens midiáticas.

De acordo com o autor, um dos grandes méritos da Teoria da Agenda é a sua diversidade geográfica e cultural nas evidências que replicam os principais aspectos da influência dos veículos de comunicação de massa na sociedade. Mas, por muitos anos, a abordagem do *agenda-setting* teve, para a academia, o *status* de hipótese. A perspectiva ampla, que considera efeitos limitados e a longo prazo, carecia de comprovações ou métodos

mais palpáveis de pesquisa. Contudo, em obra revisada, o pioneiro desse tipo de estudo eleva o agendamento à condição de teoria.

De uma hipótese parcimoniosa sobre os efeitos da comunicação massiva na atenção do público acerca de temas sociais e políticos, essa teoria expandiu-se para incluir proposições sobre as condições contingentes destes efeitos, as influências que estabelecem a agenda da mídia, o impacto dos elementos específicos das mensagens da mídia, e uma variedade de conseqüências deste processo de agendamento (MCCOMBS, 2009, p. 8-9).

A partir da perspectiva de que a mídia não pode dizer *o quê pensar*, mas é bastante capaz de dizer *sobre o quê pensar*, o autor defende ainda os temas públicos como principal foco da Teoria da Agenda. Tal convicção parte do princípio de que nem sempre a agenda da mídia realmente representa o que o público precisa saber. Para o autor, bom jornalismo é mais que uma boa história: é contar histórias com utilidade cívica.

A fácil conveniência da metáfora de uma agenda composta de temas públicos forneceu uma ligação teórica forte e explícita entre a comunicação de massa e a opinião pública, uma ligação que é óbvia para qualquer um interessado em jornalismo, política e opinião pública. Segundo, existe uma forte tradição normativa de pesquisa em ciência social sobre eleições que enfatiza a importância dos temas para uma opinião pública bem informada. Finalmente, uma prática bem estabelecida de pesquisa de opinião pública, com sua ênfase em temas públicos, fornece a metodologia que tem sido mais usualmente utilizada para medir a agenda pública (MCCOMBS, 2009, p. 112).

Em muitos aspectos, a definição da agenda jornalística se confunde com critérios de noticiabilidade, devido aos critérios de relevância que definem a aptidão de cada evento em se tornar notícia (WOLF, 2008). Esses requisitos levam em conta, tanto a rotina de produção dos jornalistas, quanto um conjunto de critérios, operações e instrumentos para estabelecer o que é notícia entre tantos acontecimentos diários. Mas, em linhas gerais, o estudo do agendamento tem se baseado em alguns requisitos pontuais, presentes em uma cobertura jornalística (HOHLFELDT, 1997). São eles:

- Acumulação: capacidade da mídia em destacar e dar relevância a determinado tema;
- Consonância: apesar de diferenças e especificidades, os veículos de comunicação possuem características em comum que podem levar ao compartilhamento de agendas;
- Onipresença: quando um acontecimento, transformado em notícia, ultrapassa os espaços tradicionais destinados a ele. São eventos que aparecem em mais de uma editoria ao

mesmo tempo ou, especialmente, que dominam as agendas de todos os veículos de comunicação em determinado momento;

- Relevância: também decorre do potencial dos acontecimentos em aparecer em diversos meios de comunicação, independente do enfoque destinado a eles;

- Frame temporal: quadro de informações formado durante determinado período em relação à agenda de interesse para o pesquisador de *agenda-setting*;

- *Time-lag*: intervalo entre o levantamento da agenda da mídia e o estabelecimento da agenda do receptor;

- Centralidade: corresponde à capacidade das mídias em dar não apenas relevância, mas hierarquia e significado aos acontecimentos;

- Tematização: ligado à centralidade, trata da capacidade dos veículos de dar o destaque adequado aos temas de forma a chamar a atenção do público e, conseqüentemente, manter determinado tema em pauta;

- Saliência: conceito que se refere ao receptor, à valorização individual de determinado assunto;

- Focalização: maneira como as mídias abordam determinado assunto, da linguagem à edição e a outros recursos narrativos e visuais.

McCombs acrescenta outro fator importante, de caráter mais subjetivo: “apesar da frequência da cobertura da mídia ser usualmente o melhor indicador da saliência da agenda pública, a precisão desta precisão (*sic*) é significativamente melhorada pelo conhecimento do grau da necessidade de orientação que existe no público” (2009, p. 98). Tal colocação é de extrema relevância para o presente estudo, visto que demonstra a importância da construção da agenda midiática em relação a determinados eventos sobre os quais o público não tem muitas informações prévias. É o caso, por exemplo, do 11 de setembro de 2001, em que o discurso da mídia ajudou a produzir sentido acerca da experiência vivida naquele momento pelos norte-americanos.

A já mencionada relação da Teoria da Agenda com as rotinas e critérios que formam a noticiabilidade dos eventos leva ainda a outro aspecto importante do agendamento. A partir da saliência, da centralidade, da tematização e de outras ações realizadas por meio do processo profissional dos jornalistas, a mídia também é capaz de dotar os acontecimentos de uma moldura interpretativa. Com base na ênfase dada aos temas, forma-se um *frame*, um esquema de conhecimentos (WOLF, 2008), que dá sentido ao conteúdo disponibilizado.

Os meios de comunicação de massa fornecem algo que é mais do que simplesmente um certo número de notícias. Eles fornecem também as categorias em que os destinatários podem facilmente situá-las de modo significativo (SHAW, 1979, p. 30 apud WOLF, 2008, p.145).

O *framing*, ou enquadramento, um dos conceitos apresentados pelos estudos de *agenda-setting*, trata da perspectiva sob a qual uma história é contada e de que maneira ela pode influenciar o público a partir de tal aspecto. Um *frame*, palavra inglesa para *moldura*, traduz o ângulo de abordagem de uma ou mais matérias jornalísticas, um quadro a partir do qual um tema é pautado pelas mídias e, conseqüentemente, processado e discutido na esfera pública. É o conceito que mais concentra a proposta do agendamento de que a construção de uma idéia, imagem ou da própria opinião pública passa pela determinação do discurso jornalístico.

De acordo com Wolf (2008), em termos de teoria da comunicação, o *framing* seria uma espécie de segundo nível do processo de agendamento. Como explica o autor, após enfatizar um acontecimento e colocá-lo em primeiro plano, a mídia passa para outra fase da cobertura, mais próxima da determinação da influência cognitiva. Nesse segundo momento do agendamento, “o objeto focalizado pela atenção da mídia deve ser *enquadrado* e interpretado à luz de algum tipo de problema que ele represente” (WOLF, 2008, p. 179).

A partir do *framing*, dessa fase de delineamento do quadro interpretativo da cobertura, a mídia seria capaz de criar um vínculo entre um determinado evento e um sistema simbólico dotado de reconhecimento político e social. Ao encarar o enquadramento como uma espécie de evolução dos estudos sobre *agenda-setting*, é possível, não apenas identificar a influência da mídia, mas saber de que forma ela acontece a partir dos enfoques escolhidos para o conteúdo informativo dos meios de comunicação.

3.2 *Framing*: evolução do conceito

Compreendido também como um desdobramento do paradigma original do *agenda-setting*, o *frame* possibilita verificar a detenção de poder no texto jornalístico. De acordo com Entman (2004), *frames* são construídos e personificados nas palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas no texto jornalístico. Tal conceito resulta de um longo período de estudos, concentrados em grupos de autores norte-americanos e europeus, cujas pesquisas são estruturadas a partir de um caráter interdisciplinar. Segundo Reese (2010), “o conceito de *framing* traz uma abertura intuitivamente atraente e provocativa, um modelo de ligação que resiste à redução a um único paradigma, um programa de pesquisa que se tornou útil por sua diversidade teórica” (p.17)²⁰.

Tal variedade de aplicações para o conceito deriva justamente de seu alcance. Como lembra Reese (2010), qualquer grupo que deseje estabelecer uma agenda acerca de determinado tema, busca enquadrar questões relevantes de maneira que sua causa seja evidenciada. O *framing*, portanto, é um conjunto de propostas teóricas e metodológicas que deriva de sua larga e cotidiana aplicação nos mais diversos contextos de luta pelo poder. Porém, os enquadramentos também se fazem presentes nas sociedades de forma mais coletiva. Quando se conectam a questões ou eventos particulares e passam a refletir o poder de determinados atores, os *frames* denotam a base da cultura em que se inserem.

Nesse sentido, Reese (2010) classifica o enquadramento como uma série de princípios organizacionais compartilhados socialmente. Por serem persistentes ao longo do tempo, são capazes de estruturar os sentidos simbólicos do mundo social. O início das pesquisas sobre *framing* está ligado ao trabalho de Erving Goffman na obra “Frame analysis”, publicada em 1974. A pesquisa etnográfica examinou como indivíduos produzem sentido sobre o ambiente em que vivem e suas relações interpessoais. Segundo Goffman (1974), são os “esquemas de interpretação” que permitem aos sujeitos localizar, perceber, identificar e classificar questões e eventos.

²⁰ Tradução livre do trecho original: “The framing concept brings an intuitively appealing and provocative openness, a bridging model that resists being pinned down to any one paradigm, a program of research made useful by its theoretical diversity”.

Para além da audiência, com o desenvolvimento dos estudos sobre *framing* passou-se a considerar outras esferas de atuação dos enquadramentos. De acordo com Nisbet (2010), enquanto as audiências usam *frames* como *esquemas de interpretação* para compreender ou discutir um tema, os jornalistas os utilizam para condensar eventos complexos em notícias. Já aos atores ligados à esfera política e ao governo, os *frames* servem para definir opções na criação de políticas e na tomada de decisões (NISBET, 2010). De todo modo, o *framing* é sempre utilizado em contextos de construção de narrativas.

Por sua relação essencial com o ato de contar histórias, em que o autor seleciona e filtra os sentidos que pretende transmitir, o *framing* também possui uma ligação importante com o jornalismo e as narrativas da mídia. Nas últimas décadas, o enquadramento tem se consolidado como área de estudo em considerável desenvolvimento nas pesquisas de comunicação. A partir da noção de que determinados aspectos dos textos – verbais e visuais – podem induzir à formatação de julgamentos e decisões nos receptores, as pesquisas de enquadramento passaram a valorizar a comunicação social como fonte de estudo. O chamado *news framing* (D'ANGELO; KUYPERS, 2010), o enquadramento feito pelas mídias jornalísticas, é um dos principais objetos de avaliação acadêmica na área.

Os autores afirmam que muitas das pesquisas em *news framing* estão situadas nos subcampos da comunicação política e da comunicação de massa. No entanto, apontam para a grande variedade de temas compreendidos pelos estudos, como campanhas políticas, políticas públicas, legislação, questões judiciais e assuntos internacionais. Mas os cenários de aplicação do *framing* têm se expandido e abarcado questões como coberturas sobre saúde, esportes e religião. Contudo, a crescente popularidade acadêmica da proposta enfrenta duras críticas, muitas provenientes da própria dificuldade em unificar o enquadramento.

D'Angelo e Kuypers (2010) apontam que o conceito de *framing* já foi classificado de diversas formas por diferentes teóricos. Alguns o consideram uma abordagem, outros uma perspectiva, uma técnica de análise, um paradigma ou, inclusive, uma teoria. Segundo os autores, a tradição de especialização acadêmica, frente ao pluralismo teórico e metodológico do *framing*, levou a um entendimento fragmentado da produção do enquadramento e dos seus efeitos. No entanto, a premissa pluralista também é defendida no sentido de que cumpre a “missão da comunicação em integrar de forma significativa teorias e métodos desde as

ciências sociais e humanidades a fim de iluminar um processo complexo” (D’ANGELO; KUYPERS, 2010, p. 3).

Diante de tal complexidade, porém, é preciso reconhecer a necessidade prática de estudar o *framing* dos conteúdos distintos, para administrar a grandeza e o alcance do conceito. Há diversos modelos já aplicados por analistas de enquadramento, a imensa maioria inclinada à integração teórica com outras disciplinas. Contudo, existe uma noção central que permeia a diversidade de estudos na área. Segundo Reese (2010), a idéia de *framing* “certamente sugere a transmissão linear de influência de um local para o outro, exemplificada pelo modelo do *agenda-setting* com sua atraente estrutura para seguir a correspondência de objetos e atributos na mídia para a audiência” (p. 21)²¹.

Em geral, a questão dos efeitos do *framing* tem sido mais abordada por estudos do que a própria construção do enquadramento. A maioria das pesquisas propõe algum tipo de apreensão da recepção dos conteúdos para avaliar a consonância e a ressonância em relação aos discursos midiáticos. Porém, Reese (2010) considera mais relevante compreender, antes, a natureza dos *frames* para, então, analisar os efeitos nos cidadãos. Para o autor, entender *o quê* está no enquadramento é uma tarefa anterior à compreensão de *como* ele acontece, principalmente porque um *frame* pode funcionar como uma estrutura de significado social. Neste caso, de acordo com Reese (2010), é preciso examinar a rede de conceitos sob a narrativa, a qual exerce poder como princípio organizador.

A presente pesquisa corrobora tal visão e se propõe a examinar a construção do *framing* em duas coberturas jornalísticas. Reconhece-se, no entanto, a subjetividade presente nessa abordagem qualitativa e interpretativa. Van Gorp (2010) propõe um método para diminuí-la a partir do princípio construtivista.

²¹ Tradução livre do trecho original: “certainly suggests a linear transmission of influence from one location to another, exemplified by the agenda-setting model with its compelling matrix for tracking the correspondence of objects and attributes in media to audience.”

O construtivismo lida com o processo em que indivíduos e grupos criam ativamente a realidade social a partir de diferentes fontes de informação. Os jornalistas estão no meio desse processo dinâmico de construção de significados no qual eles apresentam camadas adicionais de interpretação a questões e eventos na forma de notícia. (...) Assim, uma maneira de abordar o *news framing* é entender a prática jornalística identificando as noções culturais que os jornalistas aplicam a fim de enquadrar os comportamentos e motivações das fontes de notícias e explicar as origens de uma questão (VAN GORP, 2010, p. 84-85)²².

Esse tipo de análise, classificada por Van Gorp (2010) como *frame-building* (construção do enquadramento), pressupõe a consideração, não só de valores de noticiabilidade, mas de noções culturais compartilhadas, geralmente expressas por meio de estereótipos, mitos e narrativas. Segundo Van Gorp (2010), no âmago da construção do *framing* pela mídia, está um processo em que valores e normas culturais são reproduzidos. Trata-se da mesma estrutura de conceitos sobre a narrativa apontada por Reese (2010), a qual pode ser observada independentemente do sujeito receptor a partir de uma análise de conteúdo. Van Gorp (2010) admite que algum nível de subjetividade é inevitável, já que a ligação entre os elementos do conteúdo jornalístico e as noções culturais dependem do pesquisador que as analisa. Porém, ao combinar técnicas quantitativas com a avaliação interpretativa do conteúdo, é possível revelar a estrutura oculta de sentido, construída a partir do *framing*.

3.3 Proposta metodológica

A rede de conceitos apontada por Reese (2010), a qual conecta os *frames* por meio de um contexto histórico enraizado na dinâmica cultural, também situa o *framing* como expressão de nódulos de poder. Enquanto categoria própria para estudos acerca das projeções de poder no jornalismo, Entman (2004) conceitua a construção do enquadramento da seguinte maneira: “selecionar e destacar algumas facetas de eventos ou questões, e fazer conexões entre elas, de modo a promover uma específica interpretação, avaliação e/ou solução”²³ (p. 5).

²² Tradução livre do trecho original: “Constructivism deals with the process in which individuals and groups actively create social reality from different information sources. Journalists are in the middle of this dynamic process of meaning construction in that they present additional layers of interpretation of issues and events in the form of a news story. (...) Thus, one way of approaching news framing is to understand journalistic practice by identifying the cultural notions that working journalists apply in order to frame the behaviors and motivations of news sources and to explain the origins of an issue.”

²³ Tradução livre do trecho original: “selecting and highlighting some facets of events or issues, and making connections among them so as to promote a particular interpretation, evaluation, and/or solution.”

O autor aponta, assim, quatro funções básicas dos enquadramentos: definir efeitos ou condições como problemáticas; identificar causas; transmitir um julgamento moral; e apoiar soluções ou desenvolvimentos (ENTMAN, 2004). No quadro de identificação proposto, também há categorias para analisar o foco do enquadramento. Um *frame*, segundo Entman (2004), pode tratar de uma questão ou tema relevante; de um evento paradigmático, com alta carga de noticiabilidade; ou ainda de atores políticos, os quais incluem, tanto indivíduos reconhecidos, como atores sociais ou grupos e Estados. A compreensão do *framing*, a partir dessas variáveis, é a contribuição de Entman (2004) para o aprofundamento teórico acerca da influência política da mídia jornalística, bem como da relação entre as elites, a mídia e o público.

O autor utiliza a cobertura midiática norte-americana sobre o 11 de setembro de 2001 para exemplificar o quadro de identificação dos *frames*. Para Entman (2004), a importância da construção de um enquadramento midiático não está apenas na compreensão de um determinado evento, mas também no seu entendimento, à luz de uma interpretação específica. Nesse sentido, o *framing* do 11 de setembro teria sido absolutamente eficaz ao *unir* o país sob as intenções do governo do presidente norte-americano George W. Bush. A resposta aos ataques, oferecida pela administração, excluiu quaisquer outros entendimentos (ENTMAN, 2004) e definiu o problema criado pelo atentado de maneira simples e emocional: um ato de guerra.

Na manhã após os atentados terroristas de 11 de setembro, 2001, o presidente George W. Bush falou. “Os ataques deliberados e mortais que foram realizados ontem contra o nosso país foram mais do que atos de terror, eles foram atos de guerra”, ele disse. “Isso vai exigir que o nosso país se una com firme determinação e propósito. (...) Esta vai ser uma luta monumental do bem contra o mal, mas o bem vai prevalecer” (ENTMAN, 2004, p. 1)²⁴.

A partir da cobertura de declarações como a citada acima e de outras facetas da atuação midiática, o autor foi capaz de detectar um complexo *frame* construído pelas narrativas da mídia em relação aos atentados terroristas. Evento, ator e questão política do 11 de setembro foram analisados de acordo com as quatro funções propostas pelo quadro de

²⁴ Tradução livre do trecho original: “On the morning after the terrorist assaults of September 11, 2001, President George W. Bush spoke. ‘The deliberate and deadly attacks which were carried out yesterday against our country were more than acts of terror, they were acts of war’, he said. ‘This will require our country to unite in steadfast determination and resolve...this will be a monumental struggle of good versus evil, but good will prevail.’”

identificação cunhado por Entman (2004). Em síntese, o desenvolvimento do enquadramento foi disposto da seguinte forma:

Evento: ataques terroristas de 11 de setembro

Problema: o ataque surpresa constitui um ato de guerra

Causa: terrorismo

Avaliação: atentados representam o mal. Foram atos irracionais, ainda que competentes. Os americanos são inocentes em relação ao fato

Solução: unidade nacional, proteção do ideal norte-americano.

Ator: Al-Qaeda / Talibã

Problema: a própria existência de grupos extremistas como a Al-Qaeda e o Talibã

Causa: ideologia extremista, inveja dos Estados Unidos da América

Avaliação: os grupos representam o mal, são opressivos e fracos. Os Estados Unidos é um país forte, representa o bem

Solução: guerra.

Questão: guerra.

Problema: é preciso destruir a Al-Qaeda para a proteção dos Estados Unidos e do mundo livre

Causa: atentados de 11 de setembro

Avaliação: a guerra prova que os Estados Unidos são de fato unidos, efetivos e morais

Solução: utilizar todos os recursos existentes e mobilizar a nação para a guerra.

As categorias propostas por Entman (2004) são centrais para a presente pesquisa, que se propõe a identificar o *framing* de duas coberturas jornalísticas acerca dos dez anos do 11 de setembro de 2001. A assertividade das frases usadas para a conformação do *framing* pode parecer um tanto simplista. Contudo, é preciso ter em mente o contexto de determinação da influência midiática que a própria Teoria da Agenda propõe. McCombs (2009) insere o enquadramento como parte do que ele chama de agendamento de atributos, o que leva o *framing* a ser considerado uma segunda dimensão do agendamento – para McCombs (2009), inclusive, o agendamento de atributos é o que mescla a teoria do *agenda-setting* com o conceito de enquadramento estudado por Entman (2004).

Os atributos, nesse sentido, tratam da construção de imagens e estereótipos responsáveis por “organizar, tanto as apresentações das notícias, como os pensamentos dos indivíduos sobre os objetos” (MCCOMBS, 2009, p. 139). No conteúdo da mensagem, os atributos podem designar conceitos muito simples ou muito complexos, mas o importante é que sejam diretos e objetivos no que diz respeito ao enquadramento de perspectivas dominantes, apresentadas pelas notícias. Estereótipos e imagens também são estruturas de significação presentes nas raízes da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

A autora apresenta uma metodologia para análise de comunicações de massa baseada na combinação de técnicas quantitativas e qualitativas. A partir de uma leitura flutuante de determinado material, é possível construir uma enumeração temática, ou por itens de significação, que levem à elaboração de categorias de análise. Segundo Bardin (1977), as unidades de registro, identificadas, são núcleos de sentido, cuja frequência ou ausência pode significar algo. Da mesma forma, o contexto em que aparecem, para além de sua repetição, é importante para a análise avaliativa. Essas unidades podem ser palavras ou imagens que induzam a ou suscitem determinadas conclusões. A sistematização proposta por Bardin (1977) será utilizada, no presente trabalho, no sentido de estabelecer o quadro de identificação do *framing* proposto por Entman (2004), o qual traz elementos importantes justamente para a descoberta de discursos dominantes em conteúdos midiáticos.

Segundo o autor, as palavras e imagens que compõem o *frame* podem ser distinguidas do restante do conteúdo pela sua capacidade de estimular apoio ou contrariedade em relação a um conflito político. De acordo com Entman (2004), por exemplo, o presidente norte-americano George W. Bush, e outros oficiais do governo, usaram as mesmas palavras muitas vezes depois do 11 de setembro. Somente durante o anual discurso para a nação (o *State of the Union Speech*), em 2002, ele teria invocado o *fogo do mal* por cinco vezes e a palavra *guerra* por 12 vezes. Esse tipo de atitude, segundo Entman (2004), foi capaz de agendar a mídia e influenciou a construção do *frame* sobre o 11 de setembro.

A repetição é, claramente, um dos fatores mais relevantes na formação de um *frame*. No entanto, mais uma vez, o exemplo do 11 de setembro serve para relativizar determinadas certezas. Entman (2004) afirma que palavras ou imagens muito ressonantes podem não precisar de tanta reprodução para se tornar fontes de enquadramentos fortes. É o caso dos aviões se chocando com o World Trade Center, em Nova York. Para o autor, o significado de

tal evento foi certamente entendido e irreversivelmente gravado na memória das pessoas com apenas uma ou duas visualizações.

O sentido do acontecimento, porém, não foi formado de maneira imediata. Resende (2010) aponta que a experiência vista ou vivida no 11 de setembro causou dificuldade de significação, pois extrapolou limites da linguagem e da inteligibilidade humana naquele momento. Segundo a autora, os significados coletivos disponíveis não davam conta de narrar o evento e, por isso, a transmissão ao vivo pela televisão e, inclusive, o recurso do *replay* foram tão importantes para a conformação da audiência em relação ao acontecido. Nesse caso, ainda que as condições para o *framing* tenham se dado assim que os atentados aconteceram, a repetição promovida pela mídia foi essencial para a construção do enquadramento.

Além da repetição de palavras e imagens – o que corresponde a um aspecto mais quantitativo do *framing* -, Entman (2004) afirma que a capacidade de determinado conteúdo para formar um enquadramento pode ser detectada pela sua ressonância cultural e magnitude.

Aqueles *frames* que empregam termos mais ressonantes culturalmente têm o maior potencial para influência. Eles usam palavras e imagens altamente salientes na cultura, o que significa torná-los *noticiáveis, compreensíveis, memoráveis e carregados emocionalmente*. A magnitude controla a *proeminência* e a *repetição* das palavras e imagens do *framing*. Quanto mais ressonante e com maior magnitude, é mais provável que o *framing* evoque pensamentos e sentimentos similares em grandes porções da audiência (ENTMAN, 2004, p. 6)²⁵.

Um *frame* substancial, segundo o autor, deve cumprir ao menos duas das quatro funções básicas apresentadas no quadro de identificação. Entretanto, é no conjunto dos elementos do enquadramento que está a maior possibilidade de efeito. Para Entman (2004), a combinação das funções é capaz de sustentar uma lógica cultural, ainda que apoiada mais por costumes e convenções do que por princípios lógicos.

²⁵ Tradução livre. Trecho original: “Those frames that employ more culturally resonant terms have the greatest potential for influence. They use words and images highly salient in the culture, which is to say noticeable, understandable, memorable, and emotionally charged. Magnitude taps the prominence and repetition of the framing words and images. The more resonance and magnitude, the more likely the framing is to evoke similar thoughts and feelings in large portions of the audience.”

Os ataques de 11 de setembro, 2001, podem ter *mudado tudo*, como o clichê da época colocou, mas ao menos à primeira impressão, uma coisa que não mudou foi a tradicional promoção por parte das mídias noticiosas dos comícios patrióticos em torno de presidentes quando a América parece estar sob ataque (ENTMAN, 2004, p. 2)²⁶.

Ao refletir o impulso de raiva e fervor patriótico representado pelas atitudes do presidente, a mídia não teria deixado muito espaço para qualquer outra interpretação dos fatos que não a oficial, sancionada pelo governo. Assim, o autor justifica a definição do problema e o apoio de uma solução como as duas funções mais importantes do *frame*. É justamente a partir desse processo que emerge a influência política da mídia, na habilidade de enquadrar as notícias, de forma a favorecer um lado ou outro do poder.

Idealmente, segundo Entman (2004), uma mídia livre teria a prerrogativa de equilibrar as visões oficiais do governo com perspectivas mais imparciais que permitissem ao público deliberar sobre as decisões do Estado. Porém, principalmente no caso das relações internacionais, a relação entre as elites governamentais e as organizações de notícias costuma ser mais próxima e cooperativa. Nesse sentido, o autor propõe um modelo para identificar as influências mais fortes entre os *framings* das diferentes agendas no jogo político: o governo, as elites e a mídia.

O modelo de cascata (*cascade model*), desenvolvido na obra *Projections of power* (2004), surge a partir da percepção de que o fim da Guerra Fria acabou com o consenso em torno de discursos patrióticos, principalmente nos Estados Unidos. Entman (2004) destaca que a diferença de pensamento e de interesses entre as elites políticas passou a ser a regra, e não a exceção. Da mesma forma, a deferência patriótica da mídia, em relação às ações do governo, não se dá mais de forma automática, pois já não há uma polaridade a defender.

O declínio e o desaparecimento do paradigma da Guerra Fria tornou as respostas do público aos assuntos internacionais menos previsíveis, e isso acentua o papel da mídia na representação. Em tempos incertos, políticos e organizações jornalísticas monitoram indicadores do sentimento do público com mais cuidado que antes – indicadores atrelados aos *frames* que estão na mídia (ENTMAN, 2004, p. 21)²⁷.

²⁶ Tradução livre. Trecho original: “The attacks of September 11, 2001, may have ‘changed everything’, as a clichê of the time had it, but at least on first impression, one thing it did not change was the news media’s traditional promotion of patriotic rallies around presidents when America appears under attack.”

²⁷ Tradução livre. Trecho original: “The decline and disappearance of the Cold War paradigm has made the public’s responses to foreign affairs less predictable, and this heightens the media’s role in representation. In unsettled times, politicians and news organizations monitor indicators of public sentiment more carefully than before – indicators bound to frames in the media.”

Paradigmas, como coloca o autor, são redes de esquemas conhecidos, usualmente aplicados para promover analogias entre grandes histórias antigas e novos acontecimentos em relação a elas. Os *frames* que se inserem em paradigmas são particularmente influentes, pois são mais rápidos em ativar efeitos cognitivos e gerar respostas, tanto das elites políticas, quanto das mídias e do público. Nesse sentido, o paradigma do terrorismo, no 11 de setembro, suscitou analogias imediatas com determinados estereótipos, o que estimulou o uso de certas palavras e imagens ressonantes na construção das notícias.

De certa forma, o evento do 11 de setembro pode ter desencadeado discursos e *frames* cujo conteúdo forme um novo paradigma, o da guerra ao terror. E nesse sentido é preciso ter consciência sobre a crescente importância da mídia na formação desses padrões culturais. Em termos de geopolítica, inclusive, Steinberger (2005) sustenta a tese de que há uma nova ordem internacional: a ordem internacional midiática, cujo poder de configurar mentalidades se torna essencial para a consolidação de qualquer projeto político de liderança internacional.

Nessa *batalha midiática*, o conceito de Estado vem sofrendo rudes golpes. A potência hegemônica mundial busca apoio diretamente nas sociedades e não nos governos. É essa mesma lógica que explica também o enfraquecimento da Organização das Nações Unidas como foro de decisões internacionais. Os Estados Unidos conseguiram impor no cenário mundial a idéia do terrorismo como inimigo internacional comum, disseminado através do mundo e desvinculado de qualquer Estado em particular (STEINBERGER, 2005, p. 34).

O que a autora propõe é que as referências geopolíticas, as visões de mundo que vão guiar sociedades e posturas políticas, são definidas cada vez mais pela mídia. Steinberger (2005) chama esse contexto de sistema pós-moderno-midiático, com referência a todos os processos de rupturas sócio-culturais ocorridas a partir da metade do século XX. A autora argumenta que é no espaço da mídia que se estabelece o valor social de uma imagem de mundo, principalmente do que se convencionou chamar esfera internacional. E esse valor social, a capacidade da mídia em estabelecer imaginários geopolíticos, aumentaria em situações de instabilidade detectadas pelo campo jornalístico, como o 11 de setembro de 2001.

Tal idéia pode ser associada aos preceitos do *agenda-setting* e do *framing*, especialmente no que diz respeito ao papel da mídia em projetar os interesses das diversas

instituições de poder das sociedades. A tese dos discursos geopolíticos de Steinberger (2005) também leva em conta o fato de que a própria mídia, enquanto instituição, é parte interessada no processo de definição dos imaginários sociais. Essa afirmação se relaciona com a principal característica do modelo de cascata proposto por Entman (2004): a de que muitas agendas, muitos centros de poder, participam de um jogo de influências na tentativa de formar os enquadramentos da mídia.

Essas guerras entre os grandes sistemas de referências que, no âmbito histórico, articulam o mundo vivido ao mundo relatado, bem como *administram* seu descolamento, traduzem-se, no âmbito social, em guerras discursivas, em guerras interinstitucionais. No que diz respeito ao imaginário jornalístico internacional, são discursos econômicos, militares, diplomáticos, culturais, todos disputando a instituição de um mundo geopolítico de acordo com suas representações (STEINBERGER, 2005, p. 23).

O método utilizado por Steinberger (2005) para localizar e formatar os discursos geopolíticos, produzidos pela mídia, é a análise de discurso, o que não é o foco da presente pesquisa. Entretanto, ainda que não se dedique às técnicas de tal metodologia, este trabalho reconhece que “toda produção de sentido é discursiva” (STEINBERGER, 2005, p. 70). Portanto, as relações estabelecidas pelo conteúdo jornalístico, os esquemas de *frames* apontados por Entman (2004), no modelo de cascata, são narrativas que refletem a formação de discursos, ainda que não se utilize da análise de discurso para detectá-los.

Em consonância com o que determina o *framing*, Steinberger (2005) afirma que, nos discursos jornalísticos, a produção de sentidos resulta justamente dos recortes feitos pelos profissionais, os destaques em meio à totalidade do conteúdo. Por isso, ainda que a metodologia desta pesquisa esteja amparada no conceito de enquadramento, num contexto de ascensão de geopolíticas midiáticas, é preciso levar em conta a premissa de que o discurso é uma forma de poder, especialmente numa sociedade que se denomina global, conectada por redes de conhecimento.

Dessa forma, a proposta de Entman (2004), apresentada até aqui, suscita também relações com o conceito de *redes de poder* construído por Castells (2009). Na sociedade em rede, segundo o autor, os nódulos de poder e contrapoder se estabelecem a partir de conexões econômicas, sociais, culturais, midiáticas ou, até mesmo, virtuais. Quanto mais numerosas e influentes as conexões, maior a detenção de poder. A classificação de Castells (2009) se dá em um nível macro, de definição da sociedade contemporânea, permeada por tecnologias e

linguagens capazes de mudar processos políticos, sociais e econômicos. Mas, em termos de detectar os nódulos de poder, a construção conceitual de Entman (2004), ainda que exposta em nível micro, nas narrativas midiáticas de determinados meios ou veículos, pode ser um indício valioso dos valores que norteiam determinados temas.

Os esquemas conceituais são também abordados por Ferrés (1998) acerca dos efeitos subliminares da televisão. Assim como o *framing* opera sob uma rede oculta de noções culturais compartilhadas, os relatos produzidos pela televisão podem carregar valores e ideologias, ainda que aparentemente estejam blindados pelo desejo de objetividade jornalística. Dessa forma, a construção do conteúdo televisivo, apontada por Ferrés (1998), pode ser relacionada ao processo de *frame-building*:

Toda representação (o discurso audiovisual é uma) baseia-se em um duplo processo de seleção. Há uma seleção de conteúdos e uma seleção de códigos para expressá-los. Neste duplo processo, expressa-se a ideologia, latente ou explícita, de seus criadores. E expressa-se, às vezes, através dos estereótipos, enquanto pressupõem uma visão tipificada e reducionista da realidade (FERRÉS, 1998, p. 137).

Portanto, como afirma Ferrés (1998), a televisão cumpre a função de agente socializador em um processo lento, mas contínuo, de apresentação de concepções estereotipadas da realidade social. Tais representações, segundo o autor, sedimentam-se de forma inconsciente e formam, por sua vez, representações mentais – indicação que pode ser relacionada aos efeitos possíveis do *framing*. Nesse sentido, Coleman (2010) critica a falta de estudos de enquadramento específicos para o universo dos meios visuais. Para a autora, mesmo quando a televisão é estudada, os *frames* tendem a ser examinados apenas a partir do conteúdo verbal.

Trata-se de uma tradição que remete a Goffman (1974). Para o autor, as palavras são gatilhos que ajudam os indivíduos a encontrar sentido em meio a visões de mundo e crenças culturais já existentes. Coleman (2010), no entanto, afirma que a informação visual, muitas vezes, pode ser tão poderosa a ponto de soterrar o sentido verbal. Em alguns casos, segundo a autora, o *framing* visual é mais importante do que o verbal em uma cobertura, pois a unidade da imagem já é uma representação construída da realidade, enquanto as palavras formam, ao longo do texto, essa representatividade.

Coleman (2010) cita o impacto das imagens do 11 de setembro de 2001 como exemplo desse tipo de construção. A autora aponta que a imagem tem qualidades especiais, as quais permitem a ligação imediata entre estereótipos visuais e estereótipos sociais, de forma que, muitas vezes, não seria culturalmente aceitável no contexto do jornalismo escrito. Como partes atuantes nesse processo, Coleman (2010) lembra desde os elementos gráficos, dispostos nas coberturas jornalísticas, até os enquadramentos, os movimentos de câmera e o posicionamento dos jornalistas e das fontes. Nesse sentido, Ferrés (1998) apresenta os parâmetros do estereótipo especificamente para o contexto da televisão.

A primeira característica, segundo o autor, é a “fragmentação seletiva” (p. 159), em que a informação da televisão foca, seletivamente, a atenção dos espectadores naquelas dimensões isoladas da realidade que tem interesse em destacar, em detrimento de outros acontecimentos ou dimensões dos acontecimentos. Há também a categoria do “conforto interpretativo” (p. 159). Para Ferrés (1998), trata-se de um efeito cognitivo reducionista, no sentido de induzir o telespectador a fazer uma interpretação da realidade fácil e de acordo com as suas expectativas. Outro ponto abordado é a “hegemonia emotiva” (p. 159) na informação televisiva, na qual são potencializados valores emotivos, espetaculares, com a intenção de aumentar a audiência, com base na convicção de que as emoções fáceis e elementares exercem atração sobre as massas.

Por isso, Ferrés ainda atribui aos estereótipos o “adormecimento da racionalidade” (1998, p. 159). A hipertrofia das emoções, segundo o autor, potencializa o caráter espetacular das informações, transformadas em simples mercadoria para ser consumida. A partir do fascínio pelo espetáculo, atrofia-se ou diminui-se a capacidade reflexiva, analítica e crítica. Dessa maneira, a televisão, enquanto meio socializador, é capaz de realizar a “transferência globalizadora”, descrita por Ferrés (1998) como a indução da informação televisiva a considerar como realidade, o que é apenas uma visão construída da mesma. “As informações televisivas baseiam-se em uma falácia semelhante à da sedução e à do estereótipo: a aparência de objetividade, apesar da escamoteação de importantes dimensões da realidade” (p. 159), afirma.

Assim, este trabalho utiliza o conceito e as propostas teóricas do *framing* para construir uma metodologia com vistas à análise de conteúdo de duas coberturas jornalísticas, uma no Brasil e outra nos Estados Unidos, acerca dos dez anos do 11 de setembro de 2001.

Para tanto, técnicas quantitativas, como a identificação de palavras-chave, repetição de imagens e elementos técnicos de apresentação das mesmas, vão ser combinadas a uma avaliação qualitativa do contexto formado por essas coberturas, a partir do modelo de Entman (2004). A construção do *framing* vai ser examinada com relação aos estereótipos apresentados por Ferrés (1998) e à conjuntura da sociedade em rede proposta por Castells (2009). Os detalhes de codificação, organização e procedimentos de análise são dispostos no capítulo a seguir, junto à descrição dos objetos de estudo.

No próximo capítulo, momentos aleatórios das transmissões, captados de hora em hora, no período em que as coberturas coincidem, vão ser estudados em relação às palavras-chave e ao conteúdo audiovisual que neles se sobressaem. Em seguida, uma análise quantitativa da frequência de termos e imagens será elaborada, no sentido de indicar os temas presentes no espectro selecionado do conteúdo das coberturas. Finalmente, após a descrição desse processo, os resultados serão analisados de acordo com parâmetros teóricos desta pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO OBJETO

Como foi apresentado nos capítulos anteriores, o aprofundamento do processo de globalização causou um profundo impacto na comunicação social. A informação, não apenas chega mais rápido a mais lugares, mas um fato marcante é capaz de fazer o mundo todo ver a mesma manchete ao mesmo tempo. Nos veículos de comunicação de massa, principalmente, os próprios fluxos e procedimentos foram alterados com a emergência da chamada sociedade em rede.

O conceito estudado por Castells (2009) trata da estrutura em rede por meio da qual as características da globalização se tornam continuamente mais presentes nas sociedades contemporâneas. Nesse contexto, a comunicação atua como um nóculo de poder central nas dinâmicas sociais da atualidade. Trata-se de um processo em que, cada vez mais, as fronteiras entre local e global se confundem na lógica dos conteúdos midiáticos.

Porém, mais do que um contexto mundial, a comunicação se encontra, em muitos aspectos, em um estágio transnacional. A partir da evolução tecnológica e da integração vertical das indústrias midiáticas, a concentração de poder nas mídias de massa corresponde, em grande parte, a um número limitado de corporações transnacionais. A CNN International, parte do grupo Time Warner, é um exemplo claro desse contexto de desregulação, fusões e aquisições no setor da comunicação internacional. Em menor escala, mas sob os mesmos princípios, a Globo News, do grupo Globo Comunicação, também faz parte dessa realidade.

4.1 CNN International e Globo News: emissoras em um contexto transnacional

A Cable News Network (CNN) surgiu em 1980 como o primeiro canal de notícias a cabo 24 horas no ar. No início, o sinal via satélite cobria apenas as Américas do Norte e Central, mas a partir de 1984 a emissora começou a desenvolver uma estrutura internacional²⁸. Contudo, a ambição do que se tornou a CNN está presente desde os primórdios da estratégia que a criou. Em 1970, o empresário Ted Turner adquiriu um canal

²⁸ A construção da CNN e da CNN International é detalhada no livro de memórias “Nós mudamos o mundo: um pioneiro revela a história da CNN” (Manole, 2006), de Sidney Pike, responsável pelas primeiras operações internacionais do canal.

em UHF, na cidade de Atlanta, nos Estados Unidos. Tanto o UHF quanto o cabo eram tecnologias desacreditadas à época, o que não impediu Turner de construir a primeira rede a cabo nacional, em 1976. A chamada *The Superstation* deu origem ao projeto CNN. Nesse momento, aspectos internacionais de transmissão e conteúdo já eram cogitados pela direção da empresa.

Nossa maior preocupação era saber se haveria notícias suficientes e com que frequências elas deveriam ser repetidas ao longo de um período de 24 horas. Isso foi solucionado, não só por meio de um sistema de centrais de notícias nacionais e mundiais, como também pelos boletins de agências de notícias e, mais tarde, pela cooperação com as estações de televisão do mundo todo (PIKE, 2006, p. 93).

Pike (2006) sustenta que a configuração internacional da CNN mudou, não só a comunicação, mas a realidade política global. Segundo o autor, graças ao satélite, o impacto da televisão aumentou drasticamente em relação às primeiras décadas de existência. O chamado *efeito CNN* já foi debatido anteriormente neste trabalho, mas a afirmação de Pike (2006) revela a intencionalidade e o propósito de quem comandava o canal, uma reflexão interna sobre o alcance dos esforços tecnológicos e empresariais de expansão da rede CNN.

Tudo isso permitiu às pessoas observarem, em suas próprias casas, como se estivessem em um camarote, o colapso do comunismo na Rússia, a queda do muro de Berlim, um jovem parado em frente a um tanque de guerra na praça da Paz Celestial, os repórteres da CNN, abrigados sob uma cama de hotel em Bagdá, comentando o primeiro ataque noturno contra a cidade – imagens que nunca teriam o imediatismo e o impacto que tiveram, e nunca ajudariam a mudar a história, se não existissem a CNN e a televisão por satélite (PIKE, 2006, p. XXII).

Em 1996, a Turner Broadcasting já constituía um conglomerado de canais de entretenimento, de conteúdo infantil e de notícias. Nesse ano, a empresa foi incorporada pela Time Warner e passou a fazer parte de um império midiático ainda maior²⁹. A mudança intensificou o processo de internacionalização da CNN, atualmente disponível em mais de 200 países e territórios. Além disso, a CNN possui mais de mil afiliadas ao redor do mundo e opera serviços de disponibilização de notícias e imagens, como o *CNN Newsource* e o *CNN Image Source*.

A principal mudança causada pela transnacionalização da comunicação foi justamente a possibilidade de ter a distribuição e a produção de conteúdo controladas pelas mesmas

²⁹ A configuração da empresa, dentro do conglomerado Time Warner, bem como todas as marcas que ela reúne, estão disponíveis em <http://turner.com>.

corporações. O aumento do uso de satélites permitiu uma rápida expansão de redes como a CNN, o que colaborou para que essas empresas distribuíssem conteúdo, não só diretamente a públicos cada vez mais internacionais, mas também o repassassem para outras empresas, como fazem as agências de notícias. No Brasil, o canal Globo News tem contrato com a CNN para utilização e retransmissão de conteúdo.

A emissora brasileira, a exemplo da CNN nos Estados Unidos, foi pioneira no país e faz parte de um contexto empresarial que antecipou a estrutura transnacional dos meios de comunicação. Antes mesmo da inauguração, em 1965, a TV Globo teve sua implantação facilitada pela associação com o grupo norte-americano Time Life, em 1962. A parceria iniciou a consolidação de um novo modelo de indústria midiática no Brasil. Segundo Borelli e Priolli (2000), além de recursos financeiros, a associação representou benefícios de ordem técnica e administrativa.

É importante salientar que o processo que levou a TV Globo a se tornar a maior e mais importante TV do país sempre foi impulsionado por uma tecnologia de ponta que se apresentou e ainda apresenta-se como um diferencial entre as emissoras de TV. A Globo, desde a sua fundação, já contou com o videoteipe, equipamento fundamental para toda uma revolução do fazer televisivo no começo da década de 60 (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 84).

Aos poucos, a Globo Comunicação se tornou o maior grupo de mídia no Brasil. Além de alcançar a liderança na audiência com o canal de televisão aberta, a empresa expandiu os negócios com provedores e produção de conteúdo na Internet, selos musicais, editoras e, notadamente, canais de televisão por assinatura³⁰. A Globo não é apenas a maior programadora de televisão paga no país; é também acionista das maiores operadoras de televisão a cabo e por satélite. A Globo News é, portanto, fruto do investimento nesse segmento de mídia.

Após sua inauguração, em 1996, a Globo News se tornou o primeiro canal de notícias 24 horas do Brasil. Em prefácio para o livro que recupera os dez anos de história do canal³¹, o vice-presidente das Organizações Globo, João Roberto Marinho, compara o impacto da criação da Globo News, em âmbito nacional, à influência da CNN no mundo todo. Segundo o empresário, em ambos os casos, trata-se de uma revolução no jornalismo:

³⁰ Informações disponíveis em <http://globoir.globo.com>.

³¹ PATERNOSTRO, Vera Íris (coord.). *Globo News: o primeiro canal de jornalismo do Brasil, 10 anos, 24 horas no ar*. São Paulo: Globo, 2006.

Não há como negar que a CNN sempre foi uma inspiração, mas até para que se soubesse o que a Globo News não deveria ser. Desde 1980, quando foi criada, o que caracterizava a CNN era uma sucessão de telejornais, interrompidos, no início raramente, para a cobertura de algum fato ao vivo (foi somente com a primeira Guerra do Golfo, em 1991, que o mundo se deparou com toda a força do jornalismo em tempo real) (in: PATERNOSTRO, 2006, p. 10).

Nesse sentido, mais do que uma revolução, as transmissões em tempo real simbolizam a globalização do jornalismo. Trata-se de um contexto em que a CNN mantém o título de líder mundial no segmento de notícias³². Porém, o fato de o canal também funcionar como fonte de conteúdo para outras emissoras representa uma influência significativa da CNN na formação de agendas jornalísticas ao redor do mundo. É inegável que esse olhar emprestado a outros países tem como origem as posturas e as molduras da cultura norte-americana, país onde a empresa está sediada. Pike (2006) admite que, “para o bem ou para o mal, a CNN também promove os valores e a cultura ocidentais e reforça o inglês escrito e falado como a língua internacional” (p. XXII).

Dessa forma, é preciso pensar na estrutura formada pela CNN como provedora global de notícias e, portanto, como agente importante na formatação da chamada comunicação internacional. Da mesma maneira que a indústria midiática acompanha as mudanças mundiais nos setores econômico e empresarial, as alterações estruturais das mídias também são capazes de modificar relações sociais e, até mesmo, políticas no campo internacional. De certa forma, a dissolução de fronteiras para a distribuição de conteúdos midiáticos – e a conseqüente aproximação de visões de mundo por meio deles – reflete o novo paradigma que tem se instalado no sistema internacional.

Assim como a globalização levou a relações econômicas mais amplas e descentralizadas, o mesmo ocorre no campo das relações internacionais. O sistema internacional enfrenta a emergência de uma nova estrutura, em que o poder se encontra cada vez mais descentralizado dos Estados, para reconhecer a existência de outros atores que influenciam os acontecimentos mundiais. Nesse sentido, o impacto de determinados eventos

³² Thussu (2006) cita um antigo *slogan* do canal para demonstrar a liderança da CNN: “*the world’s only global, 24-hour news network*” (tradução livre: “a única rede de notícias global, 24 horas, do mundo”). Segundo dados de 2005, apresentados pelo autor, a CNN International atingia 260 milhões de moradias no mundo, o maior índice entre emissoras de notícias.

também se torna mais global, a exemplo do atentado terrorista de 11 de setembro, cujas conseqüências se espalharam imediatamente por todo o mundo.

No entanto, a intensificação do processo de globalização e a própria manifestação de uma sociedade mais interligada não deixam de pressupor que determinados Estados ou atores detenham mais poder que outros. Os fluxos da sociedade em rede, descrita por Castells (2009), dependem de nódulos de poder consolidados. E os principais nódulos inseridos nesse contexto não são tão diferentes daqueles legitimados pela estrutura moderna do sistema internacional. As fontes de poder, no mundo contemporâneo, ainda são representadas por Estados-nação de forte atuação e liderança, seja na política, seja na economia ou na cultura.

O que muda no contexto da globalização profunda é muito mais a legitimação desses nódulos de poder do que a sua própria existência. A dificuldade em manter o poder, por meios físicos e objetivos, como guerras injustificadas perante a opinião pública, aumenta a importância dos discursos legitimadores de práticas e ideologias. Por isso, as mídias, enquanto representantes do braço cultural da globalização, são atores tão fundamentais para a manutenção de nódulos de poder. Dessa forma, a identificação de discursos legitimadores nos produtos midiáticos é essencial para compreender os fluxos de poder na contemporaneidade. A grande questão, perseguida na presente pesquisa, é se os fluxos transnacionais de produtos e conteúdos midiáticos implicam na existência de um enquadramento transnacional acerca de eventos considerados globais, neste caso, a passagem dos dez anos do 11 de setembro. Importa também refletir acerca das implicações da emergência de tal configuração para os rumos de uma suposta sociedade global.

O atentado terrorista de 2001, mais do que um evento global, configurou-se em um propulsor para procedimentos e mudanças de impacto mundial. Para além de alterações nas medidas de segurança em aeroportos e alfândegas, o surgimento da chamada *guerra ao terror* levou a conflitos bélicos – notadamente as guerras do Afeganistão e do Iraque - e também a relações diferenciadas entre muitos países no cenário internacional. A reação imediata dos Estados Unidos perante as outras nações foi criar uma polarização entre bem e mal numa escala nunca mais vista desde a Guerra Fria.

Tal postura foi sustentada durante quase dez anos e culminou com a resposta de boa parte da população norte-americana à notícia da morte do líder do grupo terrorista Al-Qaeda,

Osama bin Laden. Muitas pessoas saíram às ruas para comemorar, antes mesmo de o fato ser confirmado pelo presidente norte-americano ou por qualquer outra fonte oficial. O registro em vídeo da CNN International³³, de 1º de maio de 2011, mostra uma multidão reunida em frente à Casa Branca. Em meio às manifestações, ouvem-se os gritos: “USA! USA! USA!”. Ainda não se sabia das circunstâncias da morte de bin Laden, mas após alguns detalhes da operação terem sido revelados, a mídia em geral não questionou o fato de ele ter sido assassinado, sem chance de defesa, pelos Estados Unidos. A população foi às ruas com base na antecipação jornalística acerca de uma morte anunciada há quase uma década³⁴.

Cabe aqui lembrar que qualquer reação popular é baseada em um código cultural, no qual estão inseridos os valores e as identidades de uma sociedade, e que, por sua vez, guia também o Estado e as práticas governamentais. Nesse sentido, a essência da reação das pessoas, na capital federal, Washington, e em outras partes do país, é correspondente ao conteúdo da primeira frase do tão esperado discurso de Barack Obama, transmitido ao vivo pela CNN International³⁵: “Boa noite. Hoje à noite, eu posso dizer ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos realizaram uma operação que matou Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda e um terrorista que é responsável pelo assassinato de milhares de homens inocentes, mulheres e crianças”.

A partir desse anúncio, o posicionamento adotado pelos Estados Unidos voltou a ser a imediata divisão retórica entre aliados ou inimigos. Em 2001, essa separação foi identificada pela oferta ou recusa de apoio às guerras no Oriente Médio. Na época, o discurso contra o terrorismo, posto em prática pelo governo norte-americano, representava uma necessidade de superar o trauma e recriar a ordem após o 11 de setembro. Já em 2011, a fala de Barack Obama vinha em nome dos vencedores da guerra. E ainda que a *guerra ao terror* não tenha terminado com a morte de bin Laden, a operação contra o líder da Al-Qaeda foi noticiada pela mídia com a mesma relativa falta de controvérsia dedicada à cobertura das invasões do Afeganistão e do Iraque.

³³ Disponível em:

<http://edition.cnn.com/video/#/video/us/2011/05/02/bin.laden.wh.bigcrowds.cnn?iref=videosearch>

³⁴ O ex-presidente norte-americano George W. Bush anunciou, após os atentados de 11 de Setembro, que iria capturar Osama Bin Laden, vivo ou morto.

³⁵ Disponível em:

<http://edition.cnn.com/video/#/video/bestoftv/2011/05/02/exp.sot.obama.bin.laden.cnn?iref=videosearch>

Assim como em 2003, quando invadiu o Iraque sem respeitar a resolução contrária da Organização das Nações Unidas, os Estados Unidos mostraram, com a morte de Osama bin Laden, mais um sinal de desrespeito às normas do direito internacional. Em nome da vitória na *guerra ao terror*, consolidada durante uma década de intensa cobertura midiática sem muito espaço para o contraditório, o assassinato do terrorista foi tratado pelos veículos jornalísticos com assustadora naturalidade. Afora a surpresa inicial e a expectativa pela confirmação do acontecimento, as circunstâncias em que se deu a morte de bin Laden não foram contestadas. Em geral, as mídias norte-americana e internacional não estranharam o fato de o terrorista ter sido morto na própria casa, invadida, sem chance de defesa, ao invés de ter sido capturado e levado a julgamento pelos atentados de 11 de setembro de 2001. Se houvesse, em algum momento, maior reflexão acerca do homicídio, caberia perguntar o que exatamente define um ato como terrorista e se a ação dos Estados Unidos não se aproxima desse conceito.

Em linhas gerais, este é o contexto contemporâneo em que se insere o sistema midiático transnacional. Nessas condições, cabe avaliar se é papel da mídia, em nível internacional, acatar o discurso da *guerra ao terror* ou questioná-lo? Em condições ideais, levando em consideração os princípios básicos do jornalismo e da democracia, a resposta seria: questionar. E, sem dúvida, houve veículos que o fizeram desde 2001, mas nenhum com o alcance e a influência, por exemplo, da CNN International. Em outras palavras, o ponto que se coloca é o seguinte: se os fluxos globais de comércio, produção e distribuição de conteúdos midiáticos são capazes de determinar o posicionamento das coberturas jornalísticas de diferentes países, é possível que não apenas os processos, mas os discursos geopolíticos das mídias tenham se tornado transnacionais.

Esse contexto começa pela aplicação da teoria do *agenda-setting*. Determinados eventos, fatos e acontecimentos estão, jornalisticamente, aptos a se transformar em notícias de grande alcance. Como apontado no capítulo anterior, o agendamento está ligado ao processo de significação e de construção da realidade social, compartilhada pelo público e pela esfera midiática. Nos eventos citados anteriormente, tidos como eventos globais cujas, características de noticiabilidade tornavam impossível a sua não-divulgação, a agenda midiática internacional se voltou a um só tema. A constituição de uma agenda única, em que a notícia principal é a mesma em quase todas as mídias, é uma prática cada vez mais presente no contexto globalizado da chamada sociedade em rede. Nesses momentos, o que é capaz de

definir a inclinação do discurso midiático de determinado veículo não é o agendamento do fato em si, mas o enquadramento dedicado ao tema.

A partir da identificação dos *frames* de determinada cobertura jornalística, é possível encontrar indícios de discursos vinculados e interesses nacionais sob a aparência de agenda internacional. Nesse sentido, cabe ter cuidado com o significado do termo *transnacional*. Mais do que uma construção de sentido coletiva, que transcenda as fronteiras entre nacional e internacional, o termo, em muitos casos, vem dotado de interesses e ideologias vinculados a determinadas nações. Não há como negar o fato de que os norte-americanos, seja através da política externa, seja através da mídia, formam a maioria dos *frames* da sociedade ocidental contemporânea. Dessa maneira, a cobertura da CNN International, compartilhada por outras emissoras, nos momentos que antecederam a confirmação da morte de Osama Bin Laden, bem como a transmissão ao vivo relativa aos atentados em 11 de setembro de 2001 e, principalmente, a programação especial desenvolvida para marcar os dez anos do evento, podem ser reveladoras de uma determinada visão de mundo.

A categoria teórica do *framing*, proveniente da teoria do *agenda-setting*, é particularmente eficaz no sentido de indicar visões de mundo imbricadas em discursos midiáticos. Ao combinar técnicas quantitativas (a repetição de palavras e imagens nos conteúdos das mídias) e qualitativas (as redes de sentido formadas por tais palavras e imagens), a busca do enquadramento em uma cobertura jornalística pode revelar conteúdos e ações que visam criar empatia em relação a certos temas ou generalizar a aceitação de políticas públicas, projetos ou ideologias.

Este trabalho tem como foco a cobertura, não só da CNN International, mas também do canal brasileiro Globo News, no dia 11 de setembro de 2011. A partir da identificação do *framing* composto pelos conteúdos transmitidos nestas duas emissoras de televisão, é possível detectar valores e conceitos que denotem determinadas visões de mundo. As redes de sentido, formadas pelos componentes dos enquadramentos, são capazes de indicar aproximações com núdulos de poder do sistema internacional. Então, pode-se analisar a posição da emissora brasileira perante o conteúdo compartilhado com a rede norte-americana e verificar a existência de um enquadramento geopolítico transnacional ou a emergência de um enquadramento local a partir da agenda jornalística internacional.

Para tanto, foram gravadas ambas as transmissões ao vivo da cerimônia dos dez anos de 11 de setembro. O material totalizou doze horas de vídeo, seis da Globo News e outras seis da CNN International. A fim de encontrar uma amostra do todo e evitar avaliações repetidas ao longo do conteúdo, o escopo do objeto foi reduzido. Foi estabelecido, para análise, portanto, o tempo de cinco minutos a cada início de hora, em ambos os canais, no período em que as transmissões coincidiram. O recorte das coberturas totalizou 50 minutos de material televisivo. A avaliação do objeto foi iniciada com a identificação do conteúdo jornalístico apresentado em cada um dos momentos coletados. Uma decupagem³⁶ detalhada do tempo total de análise foi elaborada, com a descrição dos elementos de áudio e vídeo dos trechos.

A partir disso, organizou-se uma análise quantitativa do conteúdo com base em critérios clássicos da informação jornalística³⁷. Visto que o aspecto *o quê* se torna claro na própria definição do objeto de pesquisa, os dez anos do 11 de setembro, a divisão quantitativa dos termos utilizados nas coberturas teve como foco as categorias *quem, quando, onde, como e por quê*. Nessa etapa, também constituíram categorias termos e imagens com alto potencial de ressonância cultural, tais como símbolos oficiais e arquitetônicos da nação norte-americana. O conteúdo audiovisual ainda foi analisado acerca da emotividade que, segundo Ferrés (1998), carrega o grande potencial socializador da televisão. Nesse sentido, foram destacadas palavras, imagens e sons que denotassem a expressão de emoções.

Cabe salientar que, no estudo de *framing*, mesmo a investigação quantitativa é imbuída de aspectos menos objetivos e mais inclinados à análise qualitativa, especialmente em relação à avaliação das imagens veiculadas. Por exemplo, citar a expressão *cooperação internacional* diversas vezes pode não atingir o mesmo nível de produção de sentido do que a exibição, durante horas, de imagens da bandeira norte-americana. Da mesma forma, expressões como *sacrifício*, ainda que ditas poucas vezes, podem ter grande impacto, se proferidas por determinadas autoridades. Portanto, a subjetividade do tema e da abordagem das coberturas também foi levada em consideração na tabulação dos dados quantitativos.

³⁶ Exemplos da descrição elaborada para o conteúdo televisivo estão no anexo A.

³⁷ Segundo Erbolato (1991), qualquer notícia deve responder a seis perguntas clássicas: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? No jornalismo impresso, tais respostas estão usualmente no *lead*, parágrafo inicial de uma matéria. No entanto, os critérios da informação jornalística servem para qualquer um dos meios de produção de notícias.

Em seguida, com o aporte de tais indícios, uma análise qualitativa e comparativa foi empregada nas coberturas. A construção de sentidos explícitos e implícitos levou à estruturação de um quadro de referência em relação ao enquadramento de cada uma das emissoras. A elaboração do *frame-building*, nos moldes propostos por Entman (2004), apresenta o problema, a causa, a avaliação e a solução proposta para os principais ator, evento e questão envolvidos nas coberturas jornalísticas. Por fim, os *framings* constituídos pelos canais foram analisados a partir da fundamentação teórica apresentada neste trabalho.

4.2 As coberturas dos dez anos do 11 de setembro

No domingo de 11 de setembro de 2011, a CNN International dedicou mais de dez horas da programação a produtos especiais relacionados ao evento de 2001. Desse tempo, cerca de seis horas foram de transmissão ao vivo na cobertura das homenagens oficiais em três locações: o World Trade Center, em Manhattan, onde as Torres Gêmeas foram atingidas; o Pentágono, em Washington, alvo de outro avião seqüestrado pelos terroristas; e Shanksville, uma pequena cidade no estado da Pensilvânia, em cujos campos caiu o avião que supostamente se dirigia à Casa Branca. O mesmo procedimento, de atenção máxima aos dez anos do 11 de setembro, foi adotado pela Globo News.

Durante toda a semana anterior, o canal brasileiro também exibiu programas especiais e ancorou telejornais da cidade de Nova York. Mas o destaque da programação sobre a data, inclusive com chamadas nos dias anteriores, foi a cobertura ao vivo. Foram cerca de seis horas de transmissão direta em acompanhamento à cerimônia oficial. Convidados e especialistas participaram da cobertura no estúdio e, de Manhattan, a correspondente fez diversas intervenções. A emissora, no entanto, começou a transmissão às 8h pelo horário brasileiro, 7h nos Estados Unidos. A cerimônia oficial começaria apenas às 8h46min pelo horário norte-americano e a cobertura da CNN Internacional, às 8h. Nos momentos *não-oficiais* de transmissão, quando a cerimônia ainda não havia começado, ou quando outros assuntos eram abordados, é possível que a Globo News tenha utilizado imagens próprias, ainda que sem crédito. Na maioria da cobertura, porém, as seqüências transmitidas eram as mesmas do sinal da CNN International, em alguns momentos, inclusive, com os caracteres e elementos gráficos da emissora norte-americana.

Em geral, contudo, a Globo News usou seu próprio selo³⁸ para identificar a cobertura especial. As palavras “10 anos – 11/9”, envoltas por um quadro de fundo vermelho – como é característico dos elementos gráficos do canal -, apareciam no canto esquerdo inferior da tela, ao lado da faixa em que passavam as últimas notícias ou os destaques de assuntos em pauta. O material da CNN International, também disposto no canto esquerdo inferior, consistiu em um quadro em tons de azul, em referência ao céu com nuvens brancas, com as palavras “10 years later” estampadas. Com efeito de animação, a frase gira e se transforma na data “9/11”. Embaixo, a completar o logo da transmissão, está fixa a palavra *remembering*³⁹.



Figura 1: Logo da cobertura especial do canal Globo News.



Figura 2: Elementos presentes no logo da cobertura especial do canal CNN International.

³⁸ Ilustração que identifica assunto ou notícia (BARBEIRO; LIMA, 2002).

³⁹ Em tradução livre, os elementos do logo significam o seguinte: “10 anos depois”, “11/9”, “lembrando”.



Figura 3: Início da cobertura da CNN International. À direita, no canto inferior, a indicação de que a transmissão é ao vivo, do World Trade Center. No centro, uma tarja preta passa os nomes dos mortos nos atentados de 11 de setembro de 2001.

Já no canto inferior direito da tela, as palavras *live World Trade Center*⁴⁰ acompanham o logo da emissora. Assim que teve início a cobertura da CNN International, uma tarja preta entre os dois elementos – o logo da transmissão e o logo da emissora – passou a mostrar os nomes das vítimas dos ataques de 2001 e do atentado terrorista de 1993 ao World Trade Center. Esses nomes, que seriam lidos por familiares durante a cerimônia oficial em homenagem aos dez anos do 11 de setembro, foram também um dos principais destaques do início das transmissões da CNN e da Globo News. No complexo do World Trade Center, o Marco Zero, local transformado em memorial para o 11 de setembro e aberto a um público seletivo pela primeira vez naquele dia, o espaço onde ficavam as Torres Gêmeas recebeu duas grandes piscinas, em cujas bordas foram gravados os nomes de todos os mortos.

Naquele domingo, o espaço do World Trade Center deu lugar ainda a inúmeros estúdios de televisão improvisados. No local reservado à mídia pela organização da cerimônia, as emissoras dividiram espaços para suas transmissões. Em uma dessas divisões, estava a equipe da CNN International com dois âncoras⁴¹, Anderson Cooper e Candy Crowley. Na cobertura da Globo News, quem ocupou o espaço foi a correspondente Sandra Coutinho. Ambas as coberturas receberam convidados e analistas ao longo da transmissão,

⁴⁰ Tradução livre: “ao vivo do World Trade Center”.

⁴¹ Um âncora, segundo Barbeiro e Lima (2002), é mais do que um apresentador. Na condição de condutor do programa jornalístico, ele tem ainda influência sobre o processo de confecção do telejornal e pode revelar sua opinião.

mas, de forma geral, as coberturas foram guiadas pela programação da cerimônia oficial dos dez anos do 11 de setembro.



Figura 4: Na cobertura da Globo News, a correspondente Sandra Coutinho participa ao vivo do World Trade Center e os apresentadores recebem convidados no estúdio.

Ao longo da manhã e até o início da tarde daquele domingo, seis momentos de silêncio marcaram a cerimônia, seguidos de discursos de autoridades como o presidente norte-americano Barack Obama, o ex-presidente George W. Bush e o prefeito de Nova York, Michael Bloomberg. As homenagens às vítimas dos atentados também contaram com apresentações de artistas como Yo-Yo Ma, James Taylor e Paul Simon. No Pentágono, em Washington, e em Shanksville, na Pensilvânia, autoridades também discursaram e corais locais foram responsáveis por apresentações artísticas. No World Trade Center, contudo, a maior parte da cerimônia consistiu na leitura dos nomes dos mortos por duplas de familiares.

No entanto, para além dos momentos factuais agendados para as coberturas, da história contada pelos próprios momentos oficiais da homenagem, há que se considerar os períodos mais subjetivos das transmissões, em que comentários e debates são capazes de revelar indícios dos enquadramentos jornalísticos. Por isso, a fim de identificar o *framing* construído em cada emissora e sua relação com um enquadramento transnacional, foram definidos trechos aleatórios para análise das coberturas. Como explicitado anteriormente, de hora em hora, no tempo em que as transmissões coincidem, foram avaliados cinco minutos do material levado ao ar, totalizando 50 minutos de análise, como mostra a seguinte tabela:

TABELA 1 - Coberturas ao vivo dos dez anos do 11 de setembro

Horário (EUA)	Horário (Brasil)	CNN International	Globo News
08h	09h	Abertura: âncoras Anderson Cooper e Candy Crowley recuperam os ataques de 2001, anunciam etapas da cerimônia oficial e falam sobre a estrutura do memorial no World Trade Center.	Convidados no estúdio: analista de assuntos internacionais, Sabrina Medeiros, e embaixador Marcos Azambuja. Correspondente Sandra Coutinho mostra jornais do dia e lembra caso de pai e filho envolvidos nos atentados de 2001.
09h	10h	Os âncoras anunciam 2º momento de silêncio. Leitura dos nomes é apresentada em um longo sobe som. 2º momento de silêncio é seguido de discurso do ex-presidente Bush.	Leitura dos nomes é apresentada enquanto Sabrina Medeiros fala sobre diversidade de crenças e os ideais de fundação dos EUA. O embaixador comenta a insegurança mundial. 2º momento de silêncio é seguido de discurso do ex-presidente Bush.
10h	11h	Ex-governador de Nova Jersey discursa após 4º momento de silêncio. Flautista interpreta “Amazing Grace”. Performance é interrompida para cobertura de homenagem em Shanksville, Pensilvânia, com John King. Momento de silêncio é seguido de coral infantil. Vice-presidente Joe Biden discursa em Washington.	Ex-governador de Nova Jersey discursa após 4º momento de silêncio. Flautista interpreta “Amazing Grace”. Performance é apresentada na íntegra. Em Nova York, 5º momento de silêncio homenageia as vítimas do avião que caiu em Shanksville, na Pensilvânia. Segue discurso do ex-governador de Nova York, George Pataki.
11h	12h	Anderson Cooper entrevista Jeff Parness, coordenador de ONG em Joplin, Missouri. A organização recupera bandeiras dos Estados Unidos. Candy Crowley	Sabrina Medeiros comenta diretrizes do governo Obama na política internacional. Sandra Coutinho lembra despreparo das autoridades norte-

		chama correspondente do Afeganistão, Suzanne Malveaux, para comentar a notícia de um bombardeio contra base da OTAN.	americanas em 11/9/2001. Ex-governador de New Jersey, Donald Di Francesco, discursa. Segue leitura dos nomes por familiares das vítimas.
12h	13h	Wolf Blitzer, em Washington, conduz discussão sobre islamismo nos Estados Unidos com pesquisadora Geneive Abdo e o deputado Keith Ellison, de Minnesota. Clipe de imagens narrado por Candy Crowley recupera principais momentos da cerimônia.	Presidente Obama chega à Pensilvânia. Sandra Coutinho comenta outro caso sobre vítima dos atentados nas Torres Gêmeas. Luciano Cabral recupera informações sobre tragédia com avião em Shanksville. Embaixador comenta a construção de memoriais.

A transmissão do canal norte-americano recebeu o nome *Remembering 9/11: a decade on*⁴². Às 8h, pelo horário de Nova York, uma rápida vinheta acompanhou fotos com efeitos de aproximação (*zoom in*⁴³) ou movimento (*travelling*⁴⁴) do dia 11 de setembro de 2001. Nas imagens, bombeiros correm em direção à fumaça, às torres em chamas. O som ambiente revela gritos e pedidos de ajuda. Na seqüência, o fogo dá lugar à foto de uma mulher, coberta por poeira, sentada em uma sarjeta. O âncora Anderson Cooper diz em *off*: “As imagens ainda chocam, o coração quebrado ainda dói. Por dez anos nós temos vivido com as cicatrizes, com o medo de momentos ruins”⁴⁵. A foto em que foi aplicado um efeito de movimento destaca pessoas abraçadas em homenagens em torno dos escombros, com velas acesas.

A cobertura da CNN International começa, portanto, com uma recuperação dos atentados de 2001. A data 11 de setembro (9/11, na língua inglesa) é repetida 14 vezes nos momentos avaliados nesta pesquisa, duas vezes nesses primeiros cinco minutos de transmissão. O mesmo destaque é conferido aos atentados: palavras como *attacks*, *blow* e *hit*⁴⁶

⁴² Tradução livre: “Lembrando o 11/9: uma década adiante”.

⁴³ Segundo Squirra (1995), trata-se de um movimento ótico da câmera que proporciona efeito de aproximação da cena em quadro.

⁴⁴ Também de acordo com Squirra (1995), trata-se de um movimento em que a câmera se desloca para capturar a imagem.

⁴⁵ Tradução livre. Trecho original: “The images still shock, the heartbreak still hurts. For ten years we've lived with the scars, the fear of bad moments”.

⁴⁶ Tradução livre: ataques, golpe, choque ou impacto.

são mencionadas 12 vezes, três delas logo no início da cobertura. São termos que se referem tanto à data do atentado de dez anos atrás, quanto à maneira como ele se deu.

TABELA 2 – Onde e quando na cobertura CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
9/11	2			7	5	14
New York / Manhattan	8			1		9
WTC	3			1		4
Pentagon / Washington	5	1	2	1	1	10
Shanksville / Pennsylvania	5	1	5	1		12
Afghanistan				3		3

TABELA 3 – Como e por que na cobertura da CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Attack / Attacks / Blow / Hit	3		2	7		12
Terror / Terrorism			1	2	2	5
Plane / Planes / Flight	1		8			9
Security / Security concerns	1			1		2
Faith					3	3
Religious tolerance					2	2
Arab awakening					1	1
West					1	1
Democracy					2	2

No contexto da construção do enquadramento na narrativa jornalística, esses são indícios iniciais de como os aspectos de problema e causa são abordados pelo canal, especialmente ao considerar também a repetição, ao longo da transmissão, de outros termos, como *airplanes*⁴⁷ e *terrorism*⁴⁸ – ou ainda a variação *terror*⁴⁹. Resende (2010) lembra que o

⁴⁷ Tradução livre: aviões.

11 de setembro extrapolou, na época, os sistemas de significação disponíveis. Nem as relações internacionais, nem o jornalismo tinham roteiros prontos, baseados em experiência prévias, para lidar com a situação. A perplexidade diante dos atentados foi ainda maior devido ao fato de parte dele ter tido transmissão ao vivo, em um nível global. Nesse sentido, a autora aponta que nem mesmo os *replays* apresentados pelas televisões durante a longa cobertura foram capazes de amenizar o choque e levar à compreensão dos fatos.

Uma década depois, como fica claro nos primeiros minutos de análise do conteúdo do canal CNN International, o evento dos atos terroristas ainda tem grande relevância para a mídia norte-americana. A cobertura dos dez anos do 11 de setembro começa com uma volta ao passado, com uma espécie de *replay* de um acontecimento cujo significado coletivo ainda não está totalmente determinado. Na sequência desses primeiros cinco minutos de cobertura, mais do que homenagear vítimas e refletir sobre a década que passou, a transmissão trouxe novamente o impacto dos ataques terroristas. São mostradas, não apenas as imagens das colisões do avião com as torres, mas a cidade atingida pelos escombros.

A seguir, imagens de vídeos do dia 11 de setembro de 2001 destacam pessoas fugindo da nuvem de fumaça, que chega como uma onda, e bombeiros levantando uma bandeira norte-americana, em meio aos escombros do World Trade Center. O âncora Anderson Cooper volta a narrar: “11/9/2001. Nessa manhã, tiramos tempo para lembrar, para ouvir histórias raramente contadas, para ver como começamos a reconstruir e para testemunhar a determinação, a resiliência da América dez anos depois⁵⁰”.

Neste início de cobertura, e também ao longo dos períodos analisados, a lembrança dos atentados é bastante marcada pelo conteúdo apresentado na CNN International. Palavras como *remember*, *never forget*, *reflection* e *memories*⁵¹ são repetidas 16 vezes. São indicações do *framing* em relação à solução para o trauma dos atentados, mas não deixam de remeter a uma necessidade latente de ainda buscar sentido para o evento, com as imagens ao vivo de uma nova estrutura no Marco Zero, misturadas às imagens de arquivo de uma década atrás.

⁴⁸ Tradução livre: terrorismo.

⁴⁹ Tradução livre: terror.

⁵⁰ Tradução livre. Trecho original: “9/11/2011. This morning we take time to remember, to hear stories seldom told, to look at how we started to rebuild and to witness the determination, the resilience of America ten years later”.

⁵¹ Tradução livre: Lembrar, nunca esquecer, reflexão e memórias.

TABELA 4 – Lembrança e homenagem na cobertura da CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Remember	1		2			3
Memories	1	1				2
Never forget				2		2
Memorial	3			1		4
Reflection	3					3
Remembrance	1		1			2
Moment of silence		1	3			4
Console / Consolation		2				2

Contudo, no momento, também são exaltados os sentimentos acerca da reação norte-americana aos ataques. Os termos *determination* e *resilience*, bem como *rebuild*⁵² são citados. Para além das palavras, essa espécie de ação positiva dos Estados Unidos, em relação aos atentados, ainda é mostrada em imagens do memorial do 11 de setembro, no World Trade Center. Toda a transmissão da CNN International é permeada por imagens, em diferentes ângulos, da nova torre em construção e das fontes colocadas no local onde ficavam as Torres Gêmeas. Os dois elementos são mostrados mais de 30 vezes nos momentos analisados e mostram como o direcionamento à lembrança é combinado, na cobertura da CNN International, com a necessidade de seguir em frente dez anos após os atentados. Ainda na abertura da transmissão, Cooper sintetiza a idéia nas seguintes frases:

Bom dia para você! O sol está à espreita pelos arranha-céus aqui no sul de Manhattan, na cidade de Nova York. Dez anos atrás, nesse momento, era um dia assim como esse, um dia como qualquer outro, exceto pelas duas torres, 110 andares, que por cerca de 30 anos definiram essa linha do horizonte, essa cidade, esse país. Hoje, uma década depois da queda dos prédios, uma paisagem diferente emerge, as memórias estão em um santuário ao lado de novas torres, ascendendo a novas e maiores alturas.⁵³

⁵² Tradução livre: determinação, resiliência e reconstruir.

⁵³ Tradução livre. Trecho original: “Good morning to you! The sun peeking from the skyscrapers here in lower Manhattan, New York City. Ten years ago, this moment, it was a day just like this, a day like any other, except for the two towers, 110 stories, that for nearly 30 years defined this skyline, this city, this country. Today, a decade after the buildings fell, a different landscape emerges, memories are in shrine alongside new towers, rising to new and greater heights”.

TABELA 5 – Sentimentos na cobertura da CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Heartbreak	1	1				2
Fear	1				1	2
Determination	1				1	2
Resilience	2					2
Sorrow		1			1	2
Consolation/ Comfort		1	2			3
Sacrifice		2				2
Freedom		1				1

Em menor quantidade, mas com os mesmos ângulos, imagens da nova torre e das fontes também foram exibidas pela Globo News. Nos momentos escolhidos para avaliação, no entanto, elas não são tão evidentes quanto na cobertura na emissora norte-americana. Nos primeiros cinco minutos de análise, por exemplo, das 9h às 9h05min, pelo horário brasileiro, a Globo News não exibe nenhuma imagem ao vivo do Marco Zero, com exceção da participação da correspondente Sandra Coutinho.

É importante lembrar, porém, que, nesse momento, o canal entrava na segunda hora de transmissão e já havia explorado bastante as imagens do memorial. Às 9h01min, a cobertura da Globo News volta do intervalo comercial justamente para uma participação da correspondente de Nova York. Sandra Coutinho comenta as capas de jornais do dia, com edições especiais sobre os dez anos do 11 de setembro. Nelas, também estão imagens da nova torre e das fontes construídas no World Trade Center, bem como dos nomes das vítimas gravados nas bordas dos monumentos. Em seguida, a repórter anuncia as etapas da cerimônia oficial:

Exatamente às 08h46min começa a cerimônia com o primeiro minuto de silêncio. Em seguida, começa a leitura dos nomes de todas as pessoas que morreram aqui. Às 09h03min tem outro minuto de silêncio, quando bate o segundo avião na segunda torre. Esses minutos de silêncio marcam os horários em que aconteceram os atentados naquele dia 11 de setembro. Às 08h46min é o primeiro avião que se choca com a primeira torre, às 09h03min é o segundo avião que se choca contra a segunda torre. Haverá outro minuto de silêncio para cada torre, no momento em que cada torre desabou, um minuto de silêncio também quando um avião se chocou com o Pentágono e o sexto minuto de silêncio será para homenagear as pessoas que derrubaram aquele avião, voo 93 da companhia United, que caiu em Shanksville, na Pensilvânia.

Além do serviço sobre as homenagens aos dez anos do 11 de setembro, a fala da correspondente denota um aspecto muito importante de ambas as coberturas, da CNN International e da Globo News: a valorização dos momentos de silêncio. Apenas na passagem acima, a expressão *minuto de silêncio* é dita seis vezes, mais do que durante todos os trechos analisados na cobertura norte-americana. Contudo, para além da citação desses momentos, ambas as transmissões respeitaram a solenidade dos minutos de silêncio após as badaladas do sino e foram guiadas por eles.

TABELA 6 – Lembrança e homenagem na cobertura da Globo News

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Nunca esquecer	1					1
Memorial	1				1	2
Minuto de silêncio	6	2	1			9
Consolar / Confortar		2	2			4
Lágrimas				2		2

Segundo Ferrés (1998), as palavras se impõem em uma narrativa pelo seu peso, enquanto as imagens o fazem por sua capacidade de choque. Na definição do *framing* proposta por Entman (2004), ambas as maneiras são relevantes, seja pela repetição de termos carregados de significados culturais, como pela proeminência de imagens ressonantes. No entanto, há uma infinidade de sons, principalmente em uma cobertura midiática ao vivo, cujo impacto não é tão forte quanto o silêncio. Em termos de saliência nas transmissões, um minuto em silêncio já seria algo memorável nas coberturas, visto que o áudio raramente cessa em qualquer programa televisivo. Mas seis momentos de silêncio, acompanhados pelos microfones das emissoras com a captação apenas do constante som ambiente da água das fontes do memorial, representam algo mais relevante para o enquadramento conferido ao conteúdo jornalístico.

Segundo Entman (2004), quanto maior a magnitude de um elemento na narrativa, maior a probabilidade de que o *framing* provoque sentimentos e pensamentos na audiência. O silêncio, mais por sua presença efetiva nas coberturas do que pela repetição do seu anúncio, configura um indício importante, tanto sobre a avaliação, quanto sobre a solução presentes no *frame-building* da questão abordada nas coberturas. Nesse sentido, silenciar é uma

oportunidade para a reflexão acerca de temas como a insegurança do mundo contemporâneo, mas é também uma maneira de honrar os mortos e manter em voga a memória dos atentados de 11 de setembro. Na transmissão da Globo News, as antigas Torres Gêmeas ainda serviram como referência para a lembrança do dia dos ataques. Os prédios foram citados dez vezes em toda a cobertura, quatro nos primeiros cinco minutos analisados.

TABELA 7 – Símbolos citados na cobertura da Globo News

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Torres Gêmeas	4	2			4	10
Nova torre	1					1
Fontes / Monumentos	2				1	3

A fala de Sandra Coutinho, abordada anteriormente, revela as Torres Gêmeas como um dos elementos fundamentais para a narrativa de recuperação dos atentados de 2001. As torres norte e sul do complexo do World Trade Center, como também os aviões responsáveis pelos ataques, são mencionados diversas vezes nessa passagem e quase 30 vezes durante todos os trechos examinados. Na cobertura da CNN International, o destaque também é feito, mas com menos citações. Em compensação, o canal norte-americano recupera as imagens dos choques mais vezes do que o brasileiro, nos momentos analisados. Ainda que a nova torre e as fontes do memorial sejam bastante enfatizadas nas coberturas, não é surpreendente que os atentados e os elementos inerentes a eles sejam igualmente ressaltados. Afinal, o impacto dos aviões nas torres é o que foi mostrado ao vivo nos Estados Unidos e no resto do mundo, em 2001. São imagens que adquiriram ressonância cultural instantânea, em nível global, especialmente a partir do segundo ataque, quando ainda se tentava entender a primeira colisão. Dessa forma, os aviões e as extintas Torres Gêmeas se tornaram personagens irrefutáveis de qualquer narrativa sobre o 11 de setembro de 2001.

Outro personagem central, na época, foi o então presidente norte-americano George W. Bush. Na cobertura da CNN International, ele é lembrado já no início, com o trecho de uma visita do republicano aos escombros do World Trade Center. Com um megafone em mãos, ao lado de bombeiros, Bush diz: “E as pessoas que derrubaram esses prédios vão ouvir todos nós em breve”⁵⁴. Dez anos depois, no mesmo local, o ex-presidente sobe ao palco da

⁵⁴ Tradução livre. Trecho original: “and the people who knocked these buildings down will hear all of us soon”.

cerimônia para um discurso após o segundo minuto de silêncio das homenagens. Ambas as coberturas compartilham praticamente a mesma seqüência de imagens nesse momento, inclusive um erro de transmissão: um chicote⁵⁵ do palco para o púlpito onde subia o ex-presidente resultou em uma imagem confusa. A seguir, as emissoras transmitem o discurso na íntegra, no mesmo enquadramento, sem cobrir a fala de Bush com nenhuma imagem. Na Globo News, há tradução simultânea da fala.



Figura 5: Na transmissão da CNN International, ex-presidente George W. Bush discursa após segundo momento de silêncio.



Figura 6: Na transmissão da Globo News, ex-presidente George W. Bush discursa após segundo momento de silêncio.

⁵⁵ Segundo Squirra (1995), trata-se de um movimento de câmera muito rápido.

Na cobertura da Globo News, o som ambiente da cerimônia é abafado pela voz da tradutora, mas na transmissão da CNN International é possível ouvir, claramente, aplausos no início do discurso, quando Bush citou o custo do sacrifício diante do desgosto enfrentado pelo país. Em seguida, leu uma carta do ex-presidente Abraham Lincoln, enviada a uma senhora que perdeu cinco filhos durante a Guerra Civil norte-americana, no século XIX.

Querida senhora, foi-me mostrado nos arquivos do departamento de guerra uma declaração do general adjunto em Massachussets de que você é a mãe de cinco filhos que morreram gloriosamente no campo de batalha. Eu sinto o quanto devem ser fracas e infrutíferas quaisquer palavras minhas, que deveriam tentar distraí-la da dor de uma perda tão esmagadora. Mas eu não posso evitar sugerir-lhe a consolação que pode ser encontrada no agradecimento da República que eles morreram para salvar. Eu rezo para que nosso Pai Celestial possa amenizar a angústia da sua perda e deixá-la apenas com a querida lembrança dos amados e perdidos, e o orgulho solene que você deve possuir em ter feito um sacrifício tão custoso perante o altar da liberdade. Seu, sincera e respeitosamente, Abraham Lincoln⁵⁶.

O ex-presidente utiliza, nesse discurso, uma palavra de profunda ressonância cultural na sociedade norte-americana, a liberdade. Ligada aos ideais de fundação do país, a expressão também foi evocada para justificar a guerra ao terror instalada após os atentados, pelo governo Bush. O sacrifício pelo bem maior da nação, citado duas vezes, representa uma justificativa para as ações militares que, ao longo de dez anos, mataram mais cidadãos americanos do que os atentados de 11 de setembro⁵⁷. A mesma retórica sobre o orgulho norte-americano e os ideais a serem repartidos com o mundo foi utilizada, como aponta Entman (2004), na legitimação da guerra ao terror no Iraque e no Afeganistão.

Nesse sentido, a recuperação do passado da nação, na figura de um dos políticos mais respeitados e representados na história cultural dos Estados Unidos, remete aos mecanismos de sedução dos estereótipos apontados por Ferrés (1998). Ao tomar emprestada a credibilidade de Abraham Lincoln, George W. Bush dota a sua fala de mais autoridade e

⁵⁶ Tradução livre. Trecho original: “Dear madam, I have been shown in the files of the war department a statement of the adjunt general in Massachussets, that you are the mother of five sons who have died gloriously on the field of battle. I feel how weak and fruitless must be any words of mine, which should attempt to beguile you from the grief of a loss so overwhelming. But I cannot refrain from tendering to you the consolation that may be found in the thanks of the Republic they died to save. I pray that our Heavenly Father may assuage the anguish of your bereavement, and leave you only the cherished memory of the loved and lost, and the solemn pride that must be yours to have laid so costly a sacrifice upon the altar of freedom. Yours, very sincerely and respectfully, Abraham Lincoln.”

⁵⁷ De acordo com a Biblioteca Americana de Guerra, entre 2003 e o início de 2012, na chamada *guerra ao terror*, mais de quatro mil e quatrocentos norte-americanos foram mortos. Nos atentados ao World Trade Center, em 2001, o número não chegou a três mil mortos. Dados disponíveis em: <http://www.americanwarlibrary.com/allwars.htm>

apela para o inconsciente emocional da audiência a fim de transmitir ideias que justifiquem a perda de vidas em nome da hegemonia do país. Na análise desta passagem, emerge um dos principais efeitos subliminares da televisão apontados por Ferrés (1998), a primazia da emotividade disfarçada de discurso racional. No ano em que houve a retirada de tropas norte-americanas do Iraque, o próprio fato de o ex-presidente que iniciou a guerra sem informações concretas sobre a existência de armas de destruição em massa no país, ter sido aplaudido, representa o alerta do autor para a emotividade intensa, capaz de sobrepor os indícios da racionalidade.

Antes da participação de Bush na cerimônia, enquanto a CNN International comentava a presença de familiares no memorial, com quase dois minutos de transmissão da leitura dos nomes das vítimas, na Globo News os convidados debatiam os efeitos da guerra ao terror em relação à segurança mundial. Às 10h, pelo horário brasileiro, a analista Sabrina Medeiros falou sobre os estereótipos em relação ao islamismo e ao terrorismo. Ao indicar a importância do ecumenismo, presente na cerimônia do memorial, ela também citou os ideais de fundação do país, defendidos pelos *founding fathers*⁵⁸ e discursos que simbolizam o que essa nação quis pra si desde a sua fundação como Estados Unidos. A fala revela a abordagem em relação a um aspecto importante do *frame-building*.

Os Estados Unidos, enquanto nação, sociedade e governo, são o principal ator citado, tanto na cobertura da Globo News, como na da CNN International. As referências ao país somam 17 citações nos trechos analisados da emissora brasileira e 20 na transmissão norte-americana, somando expressões como *nosso país* e *essa nação*, além da designação do nome do país e da nacionalidade de seus habitantes. As tabelas comparativas a seguir mostram como essa categoria se destaca em relação a outros atores presentes nas coberturas da cerimônia. Com exceção dos muçulmanos, na CNN International, e das vítimas, na Globo News, nenhum outro ator se aproxima do número de menções destinadas aos Estados Unidos.

⁵⁸ Referência aos líderes políticos que lutaram pela independência do país, no século XVIII, e assinaram a constituição norte-americana.

TABELA 8 – Atores citados na cobertura da CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Victims	1			1		2
Family members	3	1		1		5
Loved ones	2	1		1		4
America / USA / this country American / Americans Nation /	3	1	1	7	8	20
Heroes			4			4
Muslim / Muslims					22	22
Islam					4	4
Taliban				3		3
Hijackers			2			2

Tal constatação remete à função de espelho da sociedade, atribuída à televisão por Wolton (1996). Ainda que esta não seja a única atuação do meio sobre os imaginários coletivos, ela é bastante relevante no que diz respeito à representação de visões de mundo. O caráter de soberania, o qual, segundo o autor, sempre liga a televisão a uma nacionalidade, torna natural o fato de o canal norte-americano refletir a identidade do próprio país na narrativa da cobertura. O que causa estranhamento é verificar que a emissora brasileira reproduza da mesma maneira a nação estrangeira, sem filtrar a narrativa jornalística pelos prismas nacionais. O processo é considerado inerente, por Wolton (1996), ao gênero de notícias internacionais, mas não é verificado em diversos trechos da cobertura da Globo News.

Nesse sentido, as condições transnacionais de produção de conteúdo indicam também um enquadramento comum às duas nações em determinados aspectos da narrativa. De certa forma, o espelhamento da sociedade local, promovido pela CNN International, foi refletido pelo canal brasileiro, a partir da experiência global compartilhada ao vivo pela transmissão da cerimônia dos dez anos do 11 de setembro. Assim, o poder agregador da televisão, também apontado por Wolton (1996), em relação ao caráter de lazer do meio, pode funcionar como agente legitimador de um discurso que ultrapassa fronteiras nacionais e enfoca atores ligados a um nóculo de poder fundamental no contexto da globalização.

TABELA 9 – Atores citados na cobertura da Globo News

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Vítimas/ mortos/ que morreram/ que perdemos	1	2		3	6	12
Sobreviventes		1				1
Familiares/ parentes/ parentes de vítimas	2			1		3
EUA/nação/ sociedade americana/ governo americano/ norte- americanos	2	8		5	2	17
Cantor Fitzgerald	3					3
<i>Founding fathers</i>		2				2
Heróis			2		2	4
Seqüestradores					2	2
União Soviética /Guerra Fria				6		6

A relevância dos outros atores para as coberturas será avaliada mais adiante, neste capítulo, mas antes é preciso voltar ao debate prévio ao discurso de George W. Bush. Aí encontramos outra referência aos ideais na nação norte-americana e à reação perante os atentados de 11 de setembro está presente na pergunta da apresentadora Raquel Novaes ao embaixador Marcos Azambuja.

Nesta semana mesmo, o presidente Barack Obama deu uma entrevista ao jornal USA Today e ele disse que os autores desses atentados “queriam nos aterrorizar, mas não conseguiram diante da nossa resistência. Hoje, nosso país está mais seguro e nossos inimigos mais frágeis”. Quer dizer, a própria afirmação de que o país está seguro diante dessas imagens mostra que realmente ainda há um medo em relação à insegurança nos Estados Unidos.

A introdução ao tema da segurança global é realizada com referências à força dos Estados Unidos, mas também com vistas à solenidade e às demonstrações de tristeza das pessoas presentes na cerimônia oficial dos dez anos do 11 de setembro. A contradição desse contexto é comentada pelo embaixador:

A retórica sempre tem que ser uma expressão de confiança e de louvor, mas os fatos desmentem isso. Quer dizer, nós vivemos num mundo mais inseguro, mais aterrorizado. Os riscos ficaram mais insidiosos. A capacidade do terrorismo de usar armas de destruição em massa, químicas ou biológicas, ou mesmo nucleares. Nós vivemos num mundo mais inseguro, realmente.

A fala do embaixador completa as referências do canal brasileiro a termos semelhantes como *terror*, *terrorismo* e *aterrorizar*. São palavras repetidas poucas vezes durante a cobertura da Globo News, mas cujo sentido também está presente na narrativa, por meio das vinte repetições de outras expressões como *atentados*, *ataques* e *choque*. Da mesma forma, *segurança* e seu antônimo, são citados sete vezes durante a cobertura. O conjunto desses termos remete à categoria de avaliação do enquadramento de evento construído pela emissora.

TABELA 10 – Como e por que na cobertura da Globo News

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Atentados/ ataques/ ataque suicida/choque/ colisão/atingir	5	5	1	6	3	20
Terror/ Terrorismo/ Aterrorizar		3				3
Avião/ Aviões/ Vôo	5	3	1		8	17
Crença/ Fé/ Religiosidade/ Teor ecumênico		8	1			9
Segurança/ Insegurança/ Seguro/Inseguro		6		1		7
Seqüestro				4	2	6
Intervenção				1		1
Cooperação/ Cooperação internacional				5		5
Resgates				2		2

Na CNN International, porém, questões referentes à segurança mundial, na esfera das relações internacionais, são citadas apenas duas vezes. Ainda que a postura da transmissão brasileira, nesse sentido, ofereça um contraponto à idéia de que os Estados Unidos e os países aliados estão mais seguros após a instauração da guerra ao terror, a afirmação do embaixador não deixa de legitimá-la. Ao dizer que o mundo se tornou mais inseguro, justamente devido à

capacidade de grupos terroristas, ele abre uma margem de concordância com o posicionamento norte-americano frente ao combate dos mesmos.

Essa característica da fala do embaixador fica mais explícita pelo fato de que, enquanto ele criticava a afirmação do presidente norte-americano sobre o aumento da segurança no país, a Globo News mostrava imagens de familiares, emocionados, na leitura dos nomes das vítimas de 11 de setembro. A tristeza e o choro de alguns, bem como a saudade demonstrada por outros, reforçam os impactos dos atentados de 2001, mesmo dez anos depois. Nesse momento, as duas emissoras exibem as mesmas imagens.



Figura 7: Familiares lêem nomes das vítimas dos atentados na cerimônia oficial transmitida pela CNN International.



Figura 8: Familiares lêem nomes das vítimas dos atentados na cerimônia oficial transmitida pela Globo News.



Figura 9: Outra dupla de familiares lê nomes das vítimas. Transmissão da CNN International .



Figura 10: Outra dupla de familiares lê nomes das vítimas. Transmissão da Globo News.

Mais uma vez, a hegemonia emotiva, referida por Ferrés (1998), é salientada nas coberturas jornalísticas. Contudo, além desse aspecto do estereótipo, os pontos das transmissões, descritos anteriormente, revelam o reducionismo conceitual deferido a questões complexas de relações internacionais e também a repetição utilizada para tanto. A ativação de processos de identificação, facilitada pelos estereótipos, aparece ainda no destaque de outros atores relevantes nas transmissões.

As vítimas dos atentados e os familiares estão presentes em todos os trechos analisados, de ambas as coberturas, seja na fala dos apresentadores e convidados, seja nas

imagens da cerimônia. Na CNN International, *victims*, *family members* e *loved ones*⁵⁹ são citados mais de dez vezes, enquanto na Globo News as expressões equivalentes são mencionadas quinze vezes. Ao longo das transmissões, cenas de pessoas no memorial, assistindo à cerimônia, são tão comuns quanto as de familiares lendo os nomes nos púlpitos montados no palco. Imagens em *close*⁶⁰ de crianças e adultos chorando, de mãos tocando os nomes gravados nas fontes, e de pessoas segurando cartazes com fotos de vítimas também são exibidas em diversos momentos. Em muitos deles, como na passagem que antecedeu o discurso de George W. Bush, os planos exibidos são os mesmos nos dois canais.

O drama dos familiares das vítimas do 11 de setembro, também é referido no discurso do governador de Nova Jersey, Chris Christie. Às 10h horas, pelo horário de Nova York, 11 horas no horário brasileiro, ele lê um poema após o quarto minuto de silêncio da cerimônia. As palavras da poetisa Mary Lee Hall incitam os familiares a voltar à vida, a acreditar que o consolo está em honrar os mortos com melhores ações. A superação pela fé também é tema da popular canção norte-americana “Amazing Grace”, cuja performance instrumental segue o discurso de Christie. Mais uma vez, as duas emissoras compartilham os mesmos planos e enquadramentos. No entanto, na seqüência do trecho analisado, a Globo News exibe a apresentação da flautista Emi Ferguson na íntegra, acompanhada de imagens que denotam a emoção dos familiares no memorial.

⁵⁹ Tradução livre: vítimas, membros das famílias e entes queridos.

⁶⁰ Segundo Squirra (1995), *close* é a nomenclatura em inglês para o plano aproximado ou de detalhe.



Figura 11: *Close* de mão sobre nomes gravados nas fontes. Transmissão da Globo News.



Figura 12: Emoção durante performance de "Amazing Grace". Transmissão da Globo News.



Figura 13: Mulher chora durante performance de “Amazing Grace”. Transmissão da Globo News.

Enquanto isso, a CNN International levou a transmissão a Shanksville, na Pensilvânia. O quinto momento de silêncio, programado pela cerimônia oficial, marcou o momento em que um dos aviões seqüestrado caiu na parte rural da pequena cidade, derrubado pelos próprios passageiros. Um pouco antes do minuto de silêncio, o correspondente John King relembra o episódio:

Eles agora recém tocaram os sinos e leram os nomes dos 40 passageiros e tripulação do vôo United 93. Ele caiu nesse campo, em uma bola de fogo, precisamente às 10h03min. Nós chegaremos lá em apenas um momento e teremos um momento de silêncio para esses heróis que mudaram a história. Os seqüestradores queriam levar aquele vôo a Washington D.C.. Depois, o governo chegou à conclusão que eles queriam jogá-lo contra a abóboda do Capitólio e realizar ainda outro ataque a um símbolo do poder americano. Ao invés disso, heróis a bordo do avião decidiram que eles iam mudar a história⁶¹.

Novamente, aviões e ataques são citados, mas o mais relevante nessa passagem é a repetida menção aos “heróis que mudaram a história”. A fala de John King é acompanhada de imagens da cerimônia em Shanksville, Pensilvânia. Na cobertura da CNN International, a pequena cidade ganha atenção especial e é citada doze vezes nos trechos avaliados – mais do

⁶¹ Tradução livre. Trecho original: “They just now tolled the bells and read the names of the 40 passengers and crew of the United flight 93. It came down in this field, in a fireball, at precisely 10h03min. We’ll get there in just a moment and have a moment of silence for those heroes who changed history. The hijackers wanted to take that flight to Washington D.C.. Later, the government came to the conclusion that they wanted to fly it into the Capitol dome and deliver yet another blow to a symbol of American power. Instead, heroes aboard that plane decided they would change history”.

que a cidade de Nova York, mencionada dez vezes. Em muitos momentos, as atividades em Shanksville também são mostradas pelo canal, em tela dividida, paralelamente à cerimônia em Nova York ou em Washington.

O destaque destinado à pequena cidade da Pensilvânia é particularmente importante nos dez anos do 11 de setembro. Passado o choque inicial dos atentados e o luto pelos quase três mil mortos naquele dia, o exemplo do avião que caiu em Shanksville remete à reação do povo norte-americano. Mais adiante, na mesma passagem, John King lembra que o ex-presidente Bush chegou a afirmar que a ação dos passageiros foi o primeiro contra-ataque ao terrorismo. Os chamados *heróis* representam também um ideal de conduta para essa sociedade.

Na cobertura da Globo News, a localidade da Pensilvânia não recebeu a mesma atenção até o último trecho analisado, o qual será abordado em seguida. Durante a transmissão, Nova York é citada o dobro de vezes em relação a Shanksville.

TABELA 11 – Onde e quando na cobertura da Globo News

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
11/9	1		1			2
Nova York	2		1	2	1	6
WTC	2	1				3
Marco Zero	1					1
Washington/ Pentágono	1					1
Shanksville/ Pensilvânia	1		1		1	3
New Jersey				2		2

No entanto, os *heróis* são mencionados com a mesma frequência da cobertura norte-americana. Após a apresentação musical de “Amazing Grace”, enquanto a CNN International continuava a mostrar a cerimônia em Shanksville, a Globo News exibiu o quinto minuto de silêncio e, em seguida, o discurso do ex-governador de Nova York, George Pataki. A fala começa com um pedido para que Deus abençoe os heróis perdidos em 11 de setembro. As palavras de Pataki têm tradução simultânea no canal brasileiro:

Os homens corajosos, as mulheres, os heróis que perdemos defendendo a nossa liberdade. E os homens e mulheres que defendem nossa liberdade aqui e no exterior. Vou ler o poema chamado “Os nomes”, do poeta Billy Collins. Ele escreveu esse poema um ano depois dos ataques e dedicou-o àqueles que morreram e aos sobreviventes. O último verso é o seguinte: “um nome cruzando uma ponte, outro passando por um túnel (...) nomes de cidadãos, de mães, de pais, de filhos, nomes em ordem alfabética num campo verde”.

Além de *heróis* perante os atentados, o ex-governador menciona os *heróis* que continuam o combate pelos ideais norte-americanos. Assim como o ex-presidente George W. Bush, Pataki também cita a defesa da liberdade nos Estados Unidos e no resto do mundo. Mais do que outro momento de justificativa à guerra ao terror, a passagem mostra que, mesmo em um trecho em que o conteúdo das transmissões diverge, a temática é a mesma.

Já no trecho seguinte, as coberturas se desencontram de forma significativa. Às 11h, pelo horário de Nova York, a CNN International exhibe uma entrevista com Jeff Parness, responsável por uma fundação que recupera bandeiras norte-americanas e reparou a bandeira que esteve nos escombros do World Trade Center. Durante cerca de três minutos, diversas imagens do trabalho desenvolvido em Joplin, no Missouri, mostram diferentes ângulos da bandeira e das pessoas dedicadas a costurá-la. Essas imagens são intercaladas com cenas da cerimônia em Nova York, onde bandeiras norte-americanas também são destacadas, tanto na nova torre em construção quanto em miniaturas, fixadas nas bordas das fontes. Enquanto isso, Jeff Parness explica a razão do trabalho voluntário: “Nós nunca esqueceremos a tragédia, nós nunca esqueceremos as imagens. Elas são tão importantes para ensinar e inspirar e educar e ativar nossas crianças para a geração 12/9, os próximos dez anos. E a melhor maneira de honrar todos aqueles que perdemos é tomar uma ação positiva, fazer algo voluntário”⁶².

TABELA 12 – Símbolos citados na cobertura da CNN International

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Skyscrapers	1					1
Two Towers	2					2
Pools / Fountains	4					4
Skyline	1					1
Flags				7		7

⁶² Tradução livre: “We will never forget the tragedy, we will never forget the images. They are so important to teach and inspire and educate and activate our children for the 9/12 generation, the next ten years. And the best way to pay honor to all those who were lost is to take positive action, do something volunteer”.

A bandeira, neste caso, é apresentada como o maior símbolo patriótico dos Estados Unidos e também uma marca da resistência norte-americana frente aos atentados terroristas, visto que a bandeira em questão *sobreviveu* aos escombros. Além disso, mais uma vez, as vítimas dos ataques são utilizadas como razão para uma conduta em consonância com os valores dos Estados Unidos, enquanto nação.



Figura 14: Voluntários reparam bandeira dos escombros do 11/9 em Joplin, Missouri. Transmissão da CNN International.

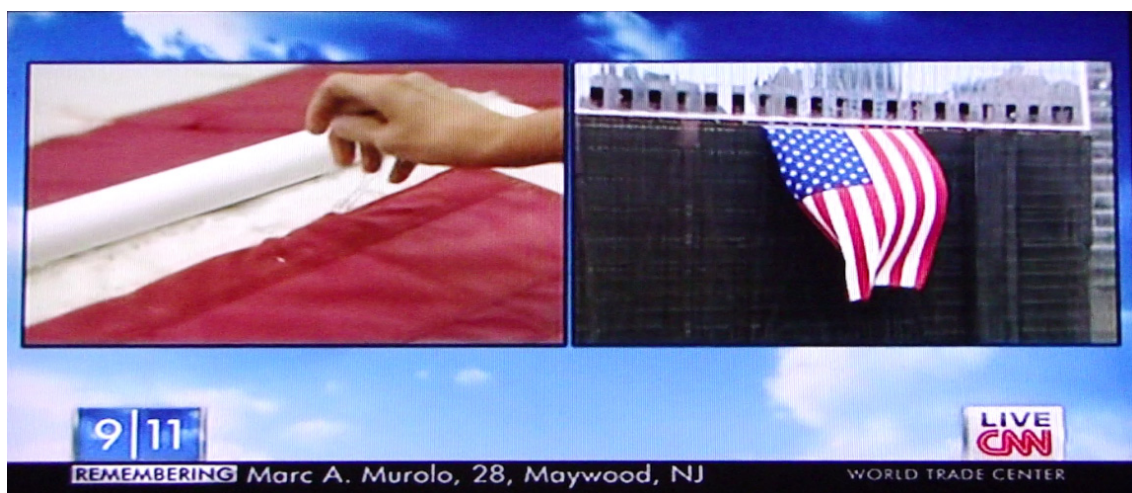


Figura 15: Tela dividida mostra, à esquerda, *close* da restauração de bandeira em Joplin, Missouri. À direita, *close* do símbolo norte-americano fixado na nova torre em construção no World Trade Center. Transmissão da CNN International.



Figura 16: Bandeiras norte-americanas em miniatura fixadas entre os nomes de vítimas gravados na borda de uma das fontes do memorial do 11/9. Transmissão da CNN International.

Tanto a exibição da bandeira norte-americana, quanto as referências aos heróis que emergiram dos atentados, fazem parte de uma visão de mundo cuja lógica cultural tem sido cada vez mais compartilhada por meio das mídias no contexto da globalização. Nesse sentido, há uma relação com a afirmação de Castells (2009) de que o poder da comunicação está no centro da estrutura e da dinâmica da sociedade contemporânea. O autor, contudo, não acredita que uma cultura global seja, necessariamente, uma cultura norte-americana. No entanto, devido às muitas semelhanças entre as coberturas analisadas neste trabalho, é justamente um favorecimento dos valores dos Estados Unidos que emerge em alguns trechos das transmissões.

Porém, há também alguns momentos de discordância entre os conteúdos apresentados pelas emissoras. Um exemplo disso é o fato de a exaltação ao patriotismo norte-americano não ser compartilhado na cobertura da Globo News em uma das ocasiões em que as bandeiras são largamente mostradas na CNN International. Nesse período, no canal brasileiro, a analista Sabrina Medeiros fala da postura dos Estados Unidos em relação à política internacional:

Nós sabemos que o governo Obama tem uma nova diretriz. Essa nova diretriz, em torno inclusive da saída estratégica dos Estados Unidos dessa hegemonia, do controle dessas decisões no âmbito internacional do ponto de vista da intervenção, é muito relevante, a exemplo do que aconteceu na Líbia, quando os Estados Unidos quiseram, por meio do Obama, exatamente sair o mais rápido possível da liderança e passar ela direto para a OTAN. Então, nesse sentido, essa cooperação, essa tendência à cooperação internacional pode facilitar os Estados Unidos sob que ponto de vista: quando, então, podem ser implementados acordos de cooperação, ou bilaterais ou multilaterais, que possam fazer com que medidas de confiança mútua acabem sendo aprofundadas.

A expressão “cooperação internacional” é citada cinco vezes nesse trecho da transmissão. Também é mencionada a hegemonia dos Estados Unidos na esfera internacional, ainda que, segundo a analista, amparada por uma postura mais branda no governo Obama. Nesse momento, a continuidade da guerra ao terror é abordada na CNN International, com a notícia da explosão de um carro-bomba em uma base da OTAN, no Afeganistão. A correspondente Suzanne Malveaux cita a autoria do Talibã e a necessidade de ataques com o enfraquecimento do grupo terrorista.

A insistência da analista da Globo News em enfatizar a necessidade de cooperação demonstra o aspecto da solução em todas as categorias do *frame-building* da cobertura do canal. Cooperar e refletir sobre os resultados de um atentado terrorista de grande porte são sugestões diplomáticas da narrativa jornalística do canal brasileiro e constituem um dos únicos momentos em que os interesses do país são representados na transmissão, em detrimento da visão de mundo norte-americana. A contextualização do cenário contemporâneo das relações internacionais é uma diferenciação da cobertura e reflete um prisma do posicionamento nacional nas questões de política externa. Contudo, o reconhecimento do Estados Unidos como o ator mais importante do sistema internacional e a preocupação com a insegurança global, apontada anteriormente na fala do embaixador Marcos Azambuja, denotam um alinhamento da Globo News ao enquadramento produzido pela cobertura da CNN International.

No último trecho de análise do canal norte-americano, por exemplo, o fortalecimento do islamismo no país é debatido. O correspondente Wolf Blitzer, de Washington, conversa com uma pesquisadora e um deputado sobre o aumento de muçulmanos nos Estados Unidos. As palavras *Islã*, *islamismo* e *muçulmanos* são mencionadas mais de vinte vezes. Para além da repetição, são abordadas as relações de grupos religiosos extremistas com o terrorismo e a reação negativa da maioria dos norte-americanos à expansão do islamismo no país. A

distinção entre as palavras *americanos* e *muçulmanos* é reiterada no discurso dos entrevistados, enquanto as imagens mostram os cenários do memorial do 11 de setembro, principalmente a nova torre em construção e as fontes.

Há uma contradição entre o discurso dos entrevistados e o sentido das imagens exibidas. O fortalecimento do islamismo e a necessidade de uma sociedade mais ecumênica são contrapostas a imagens da força de reconstrução da nação norte-americana. A grandeza das novas fontes do memorial do 11 de setembro é mostrada de perto, em uma imagem com movimento da esquerda para a direita. Da mesma forma, uma imagem aérea do memorial mostra a magnitude do espaço inaugurado naquele dia. Bandeiras norte-americanas e a altura da nova torre ainda são explorados. Entretanto, intercaladas a essas, estão cenas que mostram a dor e a tristeza ainda presentes na sociedade, devido aos atentados de 2001. Pessoas, na platéia do memorial, seguram fotos de vítimas, um homem chora, pessoas se reúnem em contemplação na borda de uma das fontes.

Portanto, ainda que as palavras proferidas sejam no sentido de esclarecer sobre o papel do Islã e diferenciá-lo da corrente extremistas que provocou os ataques, o sentido geral da passagem remete a uma causa comum às três categorias do *framing* da CNN International. Evento, ator e questão são abordados a partir da ação terrorista de extremistas ligados aos Islã. O trecho analisado ainda demonstra um aspecto da avaliação do enquadramento: o fato de que os atentados deixaram medo, tristeza e dor, mas não destruíram a sociedade norte-americana, pois o país é capaz de se reconstruir e a determinação do povo revela heróis em tempos de necessidade.

Em seguida, a transmissão volta a Nova York, com uma breve recuperação dos atentados de 2001. A âncora Candy Crowley cita novamente o terror daquele dia e a união do povo norte-americano gerada pelos ataques. Além de imagens de arquivo das torres em chamas, as palavras de Crowley são cobertas por cenas gravadas naquela manhã de 2011, em que o presidente Obama e o ex-presidente Bush, junto com as respectivas famílias, chegam ao memorial e observam as fontes. Na seqüência, imagens em *close* dos rostos de um militar e de uma criança com lágrimas nos olhos acompanham a frase da âncora: “Dez anos depois, ainda que apenas por essa manhã, o senso de unidade, determinação e tristeza está de volta”⁶³.

⁶³ Tradução livre. Trecho original: “Ten years later, if only for this morning, the sense of unity, determination and sorrow is back”.



Figura 17: Torres Gêmeas em chamas são lembradas na cobertura dos dez anos do 11 de setembro. Transmissão da CNN International.



Figura 18: Ex-presidente George W. Bush e presidente Barack Obama, acompanhados pelas famílias, chegam ao memorial no World Trade Center. Transmissão da CNN International.



Figura 19: Menino se emociona durante a cerimônia em homenagem aos dez anos do 11 de setembro. Transmissão da CNN International.

De certa forma, no espectro de análise desta pesquisa, a cobertura da CNN International termina da maneira como começou: com referência aos atentados de 2001, ao sofrimento e à lembrança, mas também à necessidade de reconstruir. Já na Globo News, o trecho a partir das 13h, pelo horário brasileiro, 12h, no horário de Nova York, o enfoque é a chegada do presidente Barack Obama à Shanksville, na Pensilvânia. Durante cinco minutos, uma longa seqüência de imagens é exibida, em que o presidente e a primeira dama cumprimentam e conversam com as pessoas presentes no memorial. O apresentador Luciano Cabral recupera a queda do avião em Shanksville e cita novamente os passageiros *heróis*. Esse momento da transmissão termina com a fala do embaixador Marcos Azambuja em relação à grandeza dos memoriais construídos e à preocupação de que, no futuro, a origem dessas homenagens seja esquecida. Trata-se de mais um momento de consonância entre o discurso produzido pelas duas coberturas.



Figura 20: Barack e Michelle Obama chegam a Shanksville, na Pensilvânia. Transmissão da Globo News.

A partir dos dados descritos neste capítulo, reunidos na análise quantitativa e qualitativa de cinco trechos das transmissões de cada emissora, foi possível elaborar os quadros de enquadramento das coberturas. Os *framings* da CNN International e da Globo News são demonstrados a seguir.

4.3 *Frame-building* e enquadramentos transnacionais

O quadro de identificação do *framing* proposto por Entman (2004) envolve três categorias e quatro funções. Os enquadramentos de evento, ator e questão são detectados a partir do problema, da causa, da avaliação e da solução propostas pelos conteúdos midiáticos. Com base na descrição apresentada do material analisado em relação às coberturas dos dez anos do 11 de setembro, bem como nas tabelas construídas sobre os principais termos e imagens repetidos ao longo das transmissões, os seguintes quadros foram desenvolvidos.

TABELA 13 – *Framing da CNN*

	EVENTO	ATOR	QUESTÃO
	Atentados de 11/9/2001	Estados Unidos e memorial do 11/9	Lembrar e homenagear
PROBLEMA	Ataques inesperados aos Estados Unidos	Ataques inesperados aos Estados Unidos	Atentados deixaram muitas vítimas e destruíram símbolos do país
CAUSA	Terrorismo, extremistas ligados ao Islã	Terrorismo, extremistas ligados ao Islã	Terrorismo, extremistas ligados ao Islã
AVALIAÇÃO	Atentados deixaram medo, tristeza e dor na sociedade norte-americana	Atentados deixaram muitas vítimas e marcas, mas não destruíram o espírito da nação	Apesar das mortes e da destruição, os atentados também revelaram heróis e a determinação da nação
SOLUÇÃO	Nunca esquecer, seguir em frente, reconstruir	Nunca esquecer, seguir em frente, reconstruir	Lembrar, consolar, honrar mortos com o silêncio

TABELA 14 – *Framing da Globo News*

	EVENTO	ATOR	QUESTÃO
	Dez anos do 11 de setembro de 2001	Estados Unidos: governo e sociedade	Insegurança global
PROBLEMA	Ataques inesperados aos Estados Unidos	Ataques aos Estados Unidos deixaram muitas vítimas e destruição	Novos atentados ainda podem acontecer
CAUSA	Terrorismo, polarização do poder internacional	Terrorismo	Terrorismo e postura internacional dos Estados Unidos
AVALIAÇÃO	O mundo ficou mais inseguro após os atentados de 11 de setembro	Muitas pessoas morreram e símbolos foram destruídos, mas a nação não foi atingida, o país apontou na reconstrução	Estados Unidos é o ator mais importante do sistema internacional. Cerimônia é oportunidade para refletir sobre papel da nação
SOLUÇÃO	Cooperação internacional	Lembrar ataques, cooperar	Cooperação e reflexão

O *frame-building* de cada uma das coberturas traz diferenças importantes, mas também semelhanças que denotam a construção de um enquadramento transnacional, a começar pelo problema identificado nas categorias a partir da análise quantitativa de termos e imagens repetidos ao longo das narrativas jornalísticas. De acordo com as tabelas apresentadas neste capítulo, e com outros quadros de referência disponíveis em anexo⁶⁴, foi possível verificar que as transmissões, não apenas lembraram os atentados dez anos depois, mas trouxeram seu impacto ao presente, reafirmando a natureza global dos ataques e reforçando o caráter nocivo dos eventos. A causa apontada para o 11 de setembro, o terrorismo, também foi abordada de forma dicotômica e estereotipada por ambos os canais.

Passada uma década, a visão de mundo norte-americana, de acordo com o *framing* da CNN International, retomou a superioridade dos valores ocidentais sobre o mundo islâmico. Ainda que de forma mais branda, reconhecendo nas palavras dos apresentadores e entrevistados a legitimidade da fé muçulmana, as imagens da cobertura não refletem a conjuntura contemporânea do sistema internacional, em que novos atores são considerados relevantes no jogo político. Tal contexto, abordado no primeiro capítulo desta pesquisa, engloba a crise do conceito tradicional de Estado-nação, em que questões de fronteiras e soberania são relativizadas pela contínua conquista de legitimidade por atores como grupos políticos supranacionais, comunidades culturais e organizações não-governamentais.

Trata-se de um fenômeno global, em que os Estados, como estruturas políticas, perdem espaço, enquanto fontes supremas de poder no âmbito internacional. Por outro lado, os conjuntos de expressões culturais ligadas aos valores e normas de determinados Estados são cada vez mais relevantes para a identificação e disseminação de nódulos de poder. Neste caso, o poder imagético da televisão, fundamental para a construção de sentidos na contemporaneidade, conquista maior capacidade de influência a partir dos conteúdos apresentados, especialmente no que diz respeito aos efeitos subliminares apontados por Ferrés (1998).

Nesse sentido, a emotividade presente nas coberturas corresponde a um enorme potencial de desencadeamento de efeitos inconscientes, proveniente, em grande parte,

⁶⁴ Ver anexo B.

segundo o autor, da função socializadora da televisão. Para além dos discursos das fontes e dos próprios âncoras, alinhados ao preceito jornalístico de apresentação do contraditório, o conteúdo da cobertura da CNN International foi intensamente marcado pelos relatos constituídos pelas imagens. Diante do choro de crianças e adultos, da expressão de saudade em fotos e cartazes, da grandiosidade dos monumentos construídos, a razão foi soterrada pela emoção.

Tal constatação é especialmente preocupante no que diz respeito à cobertura da Globo News. Apesar de o canal brasileiro ter feito um esforço conceitual acerca da conjuntura transnacional e da complexidade do mundo contemporâneo, a discussão sobre cooperação internacional e o questionamento à hegemonia norte-americana foram contraditos justamente pelas imagens exibidas nesses momentos. O conteúdo imagético compartilhado pelas duas coberturas constitui o principal ponto de convergência em relação a um enquadramento transnacional. Os esquemas conceituais formados pelas transmissões satisfazem necessidades de sentido justamente pelo que Ferrés (1998) aponta como necessidades afetivas.

Um dos parâmetros do estereótipo descrito pelo autor, a hegemonia emotiva, é, portanto, a base das coberturas dos dez anos do 11 de setembro. Dessa forma, o aspecto da fragmentação seletiva também é desencadeado. De maneira mais evidente, ele aparece no *framing* de ator, em que os Estados Unidos são destacados enquanto nação, sociedade e governo. O enfoque nas vítimas, nos familiares, no sofrimento causado pelo 11 de setembro, retoma uma dicotomia entre bem e mal que marginaliza outras dimensões do acontecimento. Assim como se passou uma década dos atentados, quase o mesmo período se passou em relação ao início da guerra ao terror. Mais do que uma “hipertrofia das emoções” (FERRÉS, 1998), há, nesse sentido, um adormecimento da realidade, já que a atenção das coberturas foi voltada justamente às homenagens, ao consolo, a uma espécie de catarse coletiva sobre a experiência de 2001.

Ao respeitar os diversos momentos de silêncio previstos na cerimônia oficial, as coberturas também se calam diante da complexidade do mundo contemporâneo. Da mesma forma, o destaque às localidades norte-americanas e, principalmente, a repetição de imagens do memorial do 11 de setembro, da nova torre em construção e das fontes, também remetem ao enquadramento de ator de forma a exaltar a força dos Estados Unidos. Talvez esse seja o aspecto em que fica mais evidente o compartilhamento de valores por meio do

compartilhamento de imagens nas coberturas jornalísticas, pois a frequência e a significação das imagens exibidas esmagam qualquer tentativa de debate acerca de assuntos como cooperação internacional ou tolerância religiosa.

O canal brasileiro promoveu esse tipo de discussão durante a cobertura dos dez anos do 11 de setembro, mas, ao mesmo tempo, deixou de apresentar um prisma nacional ou regional dos temas. A soberania nacionalista da televisão (WOLTON, 1996) deu lugar à transferência globalizadora (FERRÉS, 1998) do imaginário geopolítico norte-americano, por meio de um imaginário jornalístico que se pretende global. Os efeitos socializadores das imagens transmitidas, permeados pelo reducionismo e pela repetição inerentes ao estereótipo, refletiram nessas coberturas a ideologia dominante da contemporaneidade.

Confirma-se, neste caso, a afirmação de Castells (2009) de que uma nação não é necessariamente um Estado. As comunidades culturais, formadas nas mentes das pessoas por meio do compartilhamento de discursos e narrativas, legitimam identidades coletivas que ultrapassam fronteiras físicas. Nesse sentido, a capacidade democrática dos nódulos de contrapoder, prevista pelo autor, no contexto da sociedade em rede, fica ameaçada pela hegemonia interpretativa oferecida pelos conteúdos midiáticos.

Assim, ao invés de abrir uma janela para o mundo, como apontou Wolton (1996), a televisão acaba por abrir uma janela para um mundo construído em torno de valores norte-americanos. Não necessariamente porque haja um imperialismo cultural ou porque esta seja a ideologia dominante na sociedade contemporânea, mas devido ao fato de que as estruturas que levam aos enquadramentos transnacionais estão ligadas a nódulos de poder sustentados pela visão de mundo dos Estados Unidos, enquanto nação. O *efeito CNN*, portanto, é um exemplo claro do alcance das interligações dominantes do poder na sociedade em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de enquadramentos transnacionais, nas coberturas dos dez anos do 11 de setembro de duas emissoras, uma brasileira e uma norte-americana, confirmou a hipótese em que há consequências da estrutura internacional de produção de notícias para a construção de sentidos das narrativas jornalísticas. Mais do que o compartilhamento de imagens e temas entre os canais, a pesquisa encontrou indícios da legitimação de uma narrativa nacional norte-americana, ainda que apoiada em valores universais e democráticos. Tal constatação remete a importantes questões latentes na contemporaneidade, tanto para o ambiente acadêmico, quanto para o contexto da produção midiática.

A partir de uma reflexão sobre os contornos da globalização e seu impacto na transcendência de fronteiras dos eventos midiáticos, esta dissertação buscou, nas características da televisão, a possibilidade da produção transnacional de enquadramentos jornalísticos. De acordo com esta pesquisa, foi possível explicitar que há um paradoxo ideológico na produção contemporânea do gênero internacional de notícias. Os fluxos da globalização, origens da sociedade em rede, intensificaram a existência paralela de processos nacionais e transnacionais no trabalho jornalístico dos veículos de massa. A rapidez da circulação da informação, a corrida pela audiência e a necessidade de abordar temas cada vez mais complexos levam a uma estrutura transnacional de troca comercial de conteúdo. Nessa conjuntura, poucos produzem material jornalístico e muitos apenas reproduzem os fatos apurados.

Para além do mito da objetividade da informação jornalística, tal contexto esbarra na necessidade de interpretação dos acontecimentos. A importação por um olhar produzido fora das fronteiras nacionais, em detrimento da captação própria de entrevistas e imagens, conduz, muitas vezes, à reprodução de valores que suprimem a vocação jornalística de apresentar o contraditório e retiram da pauta as possíveis visões locais sobre os temas e suas consequências. No caso da televisão, veículo tradicionalmente vinculado à representação do local e do nacional, os filtros das narrativas culturais dos países deixam de existir em muitas das ocasiões em que o conteúdo é importado de organizações jornalísticas de alcance internacional.

O uso de agências de notícias e a relação comercial com outras emissoras cuja apuração jornalística é mais abrangente em termos geográficos é prática adotada, de forma rotineira, tanto por canais de televisão aberta quanto por assinatura. No entanto, o contexto transnacional fica evidente especialmente nos canais de televisão por satélite, os quais ultrapassam também as fronteiras físicas das audiências locais e atingem públicos de diferentes nacionalidades e culturas com o conteúdo jornalístico. De certa forma, a própria linguagem jornalística tornou-se parte do código de uma cultura global, facilmente identificada por membros das mais diversas nações. Entretanto, a aparência democrática da popularização de tal linguagem pode esconder disparidades de poder na formação das narrativas hegemônicas na contemporaneidade.

Mais do que os imaginários sociais compartilhados na entidade tradicional do Estado-nação, o imaginário formado pelo próprio jornalismo atua como legitimador de saberes na pós-modernidade. Além das visões de mundo conectadas a espaços geopolíticos, os valores de objetividade e autoridade, ligados ao jornalismo são, cada vez mais, compartilhados pelas audiências do contexto global. Contudo, está aí uma potencial armadilha da estrutura da sociedade em rede. A possibilidade técnica de convivência de diferentes discursos e de compartilhamento de informações, aparentemente desprovidas de interpretação, não garante o fortalecimento de uma consciência global independente e desconectada do pensamento cultural dos Estados-nação.

A lógica do mercado de comunicação, em geral, ignora tais ponderações. Por isso, em muitos casos, não só o local é sobreposto pelo global, mas o debate é esvaziado na esfera midiática. Nesse sentido, cabe pensar no estudo do enquadramento midiático como forma de detectar nódulos de poder nos conteúdos jornalísticos. Pontualmente, a própria falta de divergência entre quadros interpretativos indica a emergência de um enquadramento comum, transnacional. Devido aos fluxos da globalização, as agendas de governos, de grupos políticos e de outros tantos atores do sistema internacional, entre eles a própria mídia, tornaram-se cada vez mais internacionalizadas e correspondem, em muitos temas, a interesses igualmente conectados de maneira transnacional. Faz parte de uma construção cultural, portanto, que haja maior semelhança nos fatos noticiados pelas mais diversas emissoras ao redor do mundo. O que não é justificável, porém – ou não deveria ser, com vistas aos preceitos jornalísticos de apresentação de opostos e dos diversos lados de uma história –, é que grande parte dos

acontecimentos receba o mesmo tratamento por parte de veículos inseridos em contextos tão distintos.

Na sociedade em rede, portanto, o enquadramento, enquanto fenômeno midiático, é um indicativo dos nódulos de poder presentes na contemporaneidade. Ao unir técnicas quantitativas e qualitativas, o *framing* contempla necessidades de análise para a complexidade das produções midiáticas no mundo atual. Trata-se de um contexto em que as narrativas do jornalismo não podem mais ser avaliadas apenas a partir de categorias objetivas; há que se procurar pelos sentidos ocultos na subjetividade de matérias, reportagens e coberturas. O enquadramento permite encontrar, com bom nível de materialidade, essas significações sociais, políticas e ideológicas e, ao mesmo tempo, permite leituras mais aprofundadas do contexto em que aparecem.

Nesse sentido, o enquadramento é um importante caminho teórico para estudar conteúdos jornalísticos transmitidos de forma transnacional e verificar a reprodução das ideologias dominantes da cultura ocidental, como demonstrou o caso estudado nesta dissertação. Na cobertura dos dez anos do 11 de setembro de 2001, a retransmissão do conteúdo captado pela emissora norte-americana limitou a construção de uma narrativa independente, com questionamentos e análises ligadas aos interesses nacionais, pelo canal brasileiro. Não apenas devido à dimensão técnica das produções jornalísticas, mas também por causa delas, a comparação das narrativas entre ambas as emissoras leva à configuração de um enquadramento transnacional, capitaneado pela visão de mundo dos Estados Unidos.

Tal constatação é particularmente preocupante no que diz respeito à recuperação histórica dos atos terroristas de 2001 e a sua interpretação perante a conjuntura atual. No caso estudado, a cobertura norte-americana beirou o espetacular; apresentou impressões ao invés de fatos, e apoiou a produção de sentidos na emotividade do evento. A transmissão brasileira, por sua vez, não conseguiu se distanciar desse discurso. Apesar de colocar, em alguns momentos, a discussão sobre a cooperação internacional e da tolerância religiosa, a complexidade do terrorismo não foi abordada. Ao contrário, o fenômeno foi tratado da forma mais simplista que o estereótipo ocidental reconhece: a divisão entre o bem e o mal, entre vítimas e criminosos.

As coberturas se deram meses depois do assassinato de Osama bin Laden, fato que não foi, em nenhuma ocasião, questionado. Neste caso, a universalização dos direitos humanos, esforço promovido historicamente pelos países de cultura ocidental, com a liderança dos Estados Unidos, enfrenta uma grande contradição. Ao lidar com um terrorista, o governo norte-americano também agiu como tal e colocou a vingança imediata à frente da busca por justiça. As forças militares do país invadiram a casa de Osama bin Laden e o mataram sem chance de defesa, quando o esperado de uma nação que prega a aplicação de princípios dos direitos humanos seria capturá-lo e levá-lo a julgamento pelos atos cometidos.

A única pergunta levantada acerca da morte do ex-líder da Al-Qaeda foi se o mundo estava realmente mais seguro após essa operação. No entanto, nem mesmo esse questionamento foi feito a partir de argumentos racionais. A emotividade foi a condutora de toda a narrativa jornalística. Simplesmente, um sistema midiático que permite e incentiva tal comportamento, por parte dos veículos de jornalismo, não é condizente com uma sociedade que se propõe cada vez mais democrática e plural. É preciso atentar para o fato de que a globalização não se dá apenas do lado ocidental do mundo e que essa própria dicotomia já não se sustenta na contemporaneidade. Uma sociedade global, em essência, pressupõe a coexistência das mais diversas culturas, provenientes dos mais diversos contextos geopolíticos. Para tanto, é fundamental que haja aceitação do diferente, mas é impossível compreender o outro por meio da hegemonia emotiva do estereótipo. Na prática, portanto, a globalização e suas representações midiáticas, têm consistido em diminuir o oriente em sua grandeza cultural e produzir desinformação acerca dos conflitos internacionais que envolvem princípios político-ideológicos.

Já não é possível segregar os países orientais do contexto político e, principalmente, do jogo econômico global. Mas a mídia ocidental continua a tratá-los com a simbologia da desconfiança, do irracional, do extremismo. Nesse sentido, se as narrativas midiáticas, na esfera transnacional, são comandadas por valores norte-americanos, cabe avaliar se este não é justamente um sinal do enfraquecimento da hegemonia dos Estados Unidos em outros aspectos. A centralidade de corporações, como a CNN International, e seu poder em disseminar discursos para além de fronteiras nacionais pode ser, hoje, a grande fonte de legitimação do poder norte-americano em relação ao restante do mundo. Num momento em que a economia da tradicional potência está abalada e sua supremacia política começa a ser

questionada, talvez seja a mídia o fator remanescente para a manutenção da hegemonia dos Estados Unidos.

Por isso, cabe pensar, por exemplo, na persistente influência da televisão na realidade social contemporânea. A lógica das redes, a capacidade de insurreição de nódulos de contrapoder, a partir das mídias sociais, ainda não se compara aos efeitos socializadores promovidos pela televisão em relação aos imaginários coletivos. A representação dos dez anos do 11 de setembro, identificada neste estudo, é um exemplo de como a televisão ainda é capaz de organizar simbolicamente os olhares em relação a determinados temas. Principalmente nas transmissões ao vivo de grandes eventos, que reúnem interesses coletivos das sociedades, a televisão permanece relevante como produtora instantânea de fatos históricos e ponto de convergência dos mais variados nichos de audiência.

Entretanto, a televisão perde, nesse contexto, uma de suas principais características enquanto veículo de comunicação de massa. Ela deixa de espelhar os anseios e os valores das sociedades em que se insere, principalmente no que diz respeito à avaliação local de temas internacionais. No caso da projeção do poder norte-americano, por meio de narrativas midiáticas, há uma hipertrofia de outro aspecto importante dos efeitos da televisão: a criação de mundos próprios. Historicamente, as duas funções ocuparam espaço concomitante nos produtos televisivos, mas, na contemporaneidade, é provável que a última tenha se tornado mais presente, não só na ficção, como no jornalismo.

De todo modo, porém, a televisão mantém sua característica de onipresença na sociedade contemporânea, especialmente nas cerimônias televisuais de exceção, sejam elas grandes eventos programados ou notícias inesperadas, apuradas ao vivo. A congregação das audiências, nesse sentido, acontece sem que a localização geográfica dos receptores seja um fator fundamental. Não há dúvida de que uma espécie de consciência global emerge da crise dos Estados-nação e das grandes narrativas. Mas há que se refletir acerca do fato de que o transacional não é necessariamente transcendente e nem deixa de carregar sentidos unilaterais às suas representações midiáticas.

De certa forma, foi o que ocorreu em relação ao objeto de estudo desta pesquisa. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, a mídia norte-americana adotou a versão do governo sobre os fatos e colocou a postura patriótica acima do questionamento. Com braços

internacionais, a agenda midiática dos Estados Unidos, fornecida por posições oficiais da Casa Branca, foi assumida também por veículos jornalísticos de outros países. O efeito cascata de tal enquadramento é um fator central na formação de um imaginário jornalístico transnacional, no que diz respeito à hegemonia norte-americana, nas questões de política externa e no comando dos valores culturais compartilhados pelas sociedades ocidentais.

Tanto a jornalistas quanto a pesquisadores, cabe a atenção reforçada sobre esses fluxos ideológicos mascarados sob o discurso de uma esfera pública global. Em outras palavras, o debate sobre as desigualdades do poder internacional não está superado. Cada vez mais, a complexidade desse contexto deve ser investigada a partir das conexões propostas pela estrutura transnacional, sem desconsiderar os interesses e as intenções das unidades nacionais em um mundo ameaçado pela homogeneização de valores e pela apatia diante das disparidades da globalização. Mais do que isso, é necessário não ser condescendente com um sistema jornalístico e midiático que não se desvincula do senso comum em questões absolutamente relevantes para o futuro das condições do sistema internacional.

Por fim, é preciso atentar para as lógicas culturais sustentadas pelos produtos midiáticos e para as ideologias que elas representam. Não se trata de apontar imperialismos, mas de ter cautela quanto a ideias transmitidas sob a tutela de uma cultura global. Apesar dos fluxos transnacionais da sociedade em rede, as narrativas da mídia ainda representam fontes de poder, legitimadas por discursos ligados a atores e Estados relevantes no sistema internacional. Acima de tudo, é necessário perceber que a incorporação da lógica global na produção de sentido das narrativas jornalísticas, pode significar justamente o enfraquecimento de ideais democráticos. Como demonstrado neste estudo, o discurso transnacional emerge ao custo do debate, da apresentação do contraditório e do questionamento ético sobre questões da contemporaneidade.

Certamente, a análise qualitativa das coberturas dos dez anos do 11 setembro na Globo News e na CNN International representa apenas um recorte de um contexto, a fotografia de um momento no jornalismo internacional. A avaliação produzida neste trabalho, portanto, não pode ser tomada como conclusão definitiva sobre a posição midiática na conjuntura global. Mas, de acordo com o proposto nesta dissertação, os aspectos observados a partir da identificação do enquadramento jornalístico podem auxiliar na elucidação de fenômenos sociais e políticos da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean. *Power inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BORELLI, Silvia H. S. ; PRIOLLI, Gabriel. *A Deusa Ferida: porque a Rede Globo não é mais a campeã de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.
- BUCCI, E.; KEHL, M. (Org.) *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BUCCI, E. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, E.; KEHL, M. (Org.) *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 127-140.
- _____, E. A História na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BUCCI, E.; KEHL, M. (Org.) *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CANNITO, Newton. *A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio*. São Paulo: Summus, 2010.
- CAREY, James W. American Journalism on, before and after September 11. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B. (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. p. 73-115.
- CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 225-231.
- _____, Manuel. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CHOMSKY, Noam. *11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- COLEMAN, Renita. Framing the pictures in our heads: exploring the framing and agenda-setting effects of visual images. In: D'ANGELO, P.; KUYPERS, J. (Ed.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York and London: Routledge, 2010. p. 233-262.
- D'ANGELO, P.; KUYPERS, J. (Ed.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York and London: Routledge, 2010.
- DERIAN, James Der. Global Events, National Security, and Virtual Theory. *Millenium – Journal of International Studies*. n. 30, p. 669-690. 2001.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ENTMAN, Robert. *Projections of power: framing news, public opinion and U.S. foreign policy*. Chicago: The Chicago University Press, 2004.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDES, Ana Paula M. *Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa (1993-1997)*. Coimbra: Edições Minerva, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FLUSSER, Vilém. O que é comunicação. In: *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FUKUYAMA, Francis. *The end of history and the last man*. New York: The Free Press, 1992.

GADINI, Sérgio. *Tematização e agendamento cultural nas páginas dos diários portugueses*. 2002. 55 p. Estudo (Programa Doutorado Sanduíche da Capes - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo e Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: na essay on the organization of experience*. New York: Harper & Row, 1974.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V.V. (Org.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 187-240.

_____, A. Os estudos sobre a hipótese do agendamento. *Revista Famecos*. Porto Alegre, nov. 1997. n. 7, p. 42-51.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. RJ: Objetiva, 1996.

JACKS, N.; CAPPARELLI, S. (Coord.). *TV, família e identidade: Porto Alegre “Fim de Século”*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JACKSON, R.; SORENSEN, G. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

KARIM, K. H. Making sense of the “Islamic peril”: journalism as cultural practice. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. p. 101-116.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MCLUHAN, Marshall. Monday Conference on ABC. 1977. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=ImaH51F4HBw

NEUMANN, Iver. Diplomacy and the linguistic turn. *Millenium – Journal of International Studies*. n. 3, vol. 31, p. 627-651. 2002.

_____, Iver. Self and other in IR. *European Journal of International Relations*. London, n. 2, vol. 2, p. 139-174. 1996.

NISBET, Matthew. Knowledge into action: framing the debates over climate change and poverty. In: D’ANGELO, P.; KUYPERS, J. (Ed.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York and London: Routledge, 2010. p. 43-83.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d’Água, 1996.

PONIEWOZIK, James. Lights, camera, traction: a few pivotal moments proved that live TV still matters. *Time Magazine*. New York, p. 63-64, 19 nov. 2012.

REESE, Stephen D. Finding frames in a web of culture. In: D’ANGELO, P.; KUYPERS, J. (Ed.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York and London: Routledge, 2010. p. 17-42.

RESENDE, Erica. Aporia e trauma na crise de significados do Onze de Setembro. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, vol. 32, no 1, jan/jun 2010, p. 205-238 .

RIEGERT, Kristina. Pondering the future for foreign news on national television. *International Journal of Communication*. n. 5, p. 1567-1565, 2011.

ROBINSON, Piers. *The CNN effect: the myth of news, foreign policy and intervention*. London: Routledge, 2002.

ROSEN, Jay. September 11 in the mind of American Journalism. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. p. 27-35.

SCHLESINGER, Philip. The nation and communicative space. In: TUMBER, H. (ed.). *Media power, professionals and policies*. London: Routledge, 2000.

SCHUDSON, Michael. What's unusual about covering politics as usual. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. p. 36-47.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 2003.

_____, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

_____, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 5 ed.

_____, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THUSSU, Daya Kishan. *International communication: continuity and change*. New York: Bloomsbury, 2006. 2 ed.

VAN GORP, Baldwin. Strategies to take subjectivity out of framing analysis. In: D'ANGELO, P.; KUYPERS, J. (Ed.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York and London: Routledge, 2010. p. 84-109.

WAINBERG, Jacques A. *A pena, a tinta e o sangue: a guerra das idéias e o Islã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

WAISBORD, Silvio. Journalism, risk and patriotism. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. p. 201-219.

WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

_____, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ANEXO A – Exemplo da decupagem dos trechos analisados

DECUPAGEM – CNN

HORA	VÍDEO	ÁUDIO
8h	<p>Início transmissão: REMEMBERING 9/11: A DECADE ON 8h em NY / 10h no Brasil</p> <p>canto esquerdo: 10 years later - anima vira 9/11. remembering em baixo (logo) canto direito: live World Trade Center + logo CNN</p> <p>GC: Nomes de vítimas já passam na tela em uma tarja preta no inferior.</p> <p>Imagens do dia: fotos animadas. Bombeiros correndo em direção à fumaça/ torres em chamas, mulher coberta de cinzas, sentada, desolada.</p> <p>Pessoas abraçadas choram com velas acesas. / Imagens vídeo: pessoas correndo da fumaça, bombeiros levantam bandeira nos escombros.</p> <p>Ao vivo: Ground Zero</p> <p>imagens do dia: embarque para fugir /</p> <p>foto: pessoas do outro lado do rio foto: pessoas cobertas de cinzas aérea manhattan azulada coberta de fumaça / pessoas na cerca / sentadas num barco / rio, barcos.</p> <p>Time-lapse: construção ground zero. GC: courtesy earthcam.com / fusão cross em black / Imagens antigas: Bush palanque nos escombros, com alto-falante manual</p>	<p>Trilha: cordas, resilience pequeno SOBE SOM: Save me! / I copy that! - rádio</p> <p>Cooper: The images still shock, the heartbreak still hurts.</p> <p>For ten years we've lived with the scars, the fear of bad moments.</p> <p>9/11/2011. This morning we take time to remember, to hear stories seldom told.</p> <p>SOBE SOM (rádio): hey, I wanna help with the evacuation along Manhattan...</p> <p>voz Tom Hanks (off): when that call came on the radio, they were coming.</p> <p>Cooper: To look at how we started to rebuild and to witness the determination, the resilience of America ten years later.</p> <p>SOBE SOM: (Bush): and the people who knocked these buildings down will hear all of us soon.</p>

<p>Vinheta: céu azul com nuvens brancas GC: 9/11/ten years later</p> <p>Passeio / pan esquerda para direita: prédios de Lower Manhattan, raios de sol vindos de trás / abre aos poucos para geral do Ground Zero: à direita, nova torre em construção; mais à frente, reflecting pools e memorial. / fusão: cross /</p> <p>novo passeio: zoom em uma das piscinas abre para esquerda e vira pan, de baixo para cima, do novo prédio, com bandeira americana estendida / fusão: cross / apresentadores no cercado, no alto, com Ground Zero ao fundo.</p> <p>tela dividida: apresentadores + memorial - zoom máquinas no novo prédio, duas bandeiras americanas estendidas em colunas da torre / abre devagar para mostrar piscina / fusão: alto de torres remanescentes, passeio para direita</p> <p>tela dividida: fusão - aberta memorial, passeio para esquerda fusão: close piscina, água caindo</p>	<p>SOBE SOM: trilha aumenta volume e intensidade</p> <p>Cooper: Good morning to you! The sun peeking from the skyscrapers here in lower Manhattan, New York City. Ten years ago, this moment, it was a day just like this, a day like any other, except for the two towers, 110 stories, that for nearly 30 years defined this skyline, this city, this country. Today, a decade after the buildings fell, a different landscape emerges, memories are in shrine alongside new towers, rising to new and greater heights.</p> <p>Cooper: Good morning, we'd like to welcome our viewers here in the United States and watching around the world to CNN special coverage commemorating the tenth anniversary of the attacks on 9/11. I'm Anderson Cooper, I'm proud to be here alongside my senior colleague, Candy Crowley, whose <i>CNN State of the Union</i> normally is seen each Sunday. What an incredibly glorious morning it is here this sunday.</p> <p>Candy: It is. And, you know, you should never be afraid of a beautiful morning. And yet we saw, ten years ago, how that just turned, it changed. So, I love it, but it's also just so yearly reminiscent of that day that was so cloudless in both, by the way, Washington D.C. and New York City and in Shanksville, the three places that were hit. This is a day to me and we want to move forward and talk about the resilience of the country. This is a gorgeous place that's shaping up here, we saw the memorial fountains, but it's just a</p>
--	--

	<p>GC: #911whereiwas</p> <p>Sai divisão de tela - close: piscina, raios de sol, restos de construções.</p> <p>Lapada: azul e branco Tela dividida: âncoras à esquerda, Wolf Blitzer no alto, à direita, e John King, embaixo, à direita.</p> <p>Imagem do alto: memorial GC: Lado esquerdo superior: quadro atrações cerimônias</p>	<p>day that just sort of bricks on your chest.</p> <p>Cooper: Yeah, it's interesting. I was coming down here and New York is obviously, the streets are largely empty, the traffic, it's really a morning on a Sunday, it's not surprising, but given the security concerns as well, I think a lot of people are kind of staying off the streets. I took a subway down here and you just see so many family members. Family members who lost loved ones on that day. Some of them were wearing t-shirts with the pictures of the loved ones that they lost. They have all gathered here and are gathering around, in the streets around this area for what is just going to be an extraordinary day of remembrance, as Candy said, not just here in New York, but also in Shanksville and at the Pentagon.</p> <p>Candy: Nearly three thousand people died that day, fellow Americans as well as people from other countries working here at the World Trade Center, at the Pentagon and in Shanksville. Because we know New York City was not the only city that suffered on 9/11. Soon after that second plane hit the south tower, here in New York, and we realized this was no accident, word came of the attack on the Pentagon and the crash in little Shanksville, Pennsylvania. Those locations have ceremonies of their own this morning. We have our Wolf Blitzer and John King covering those. We'll hear from them in just a moment. But, first, here's what we can expect to see today in New York City: the ceremony begins in just about thirty minutes. Family members of the victims will read</p>
--	---	--

<p>WORLD TRADE CENTER CEREMONY</p> <ul style="list-style-type: none"> - Family members will read names of all who died on 9/11 and 1993 - Readings by Pres. Obama and Pres. George W. Bush - Opening of World Trade Center Memorial <p>Âncoras em quadro.</p> <p>Imagem aproximada de uma das fontes.</p> <p>Imagem geral do memorial: panorâmica lenta da esquerda para a direita. Bandeira norte-americana estendida em prédio à esquerda. Mesma imagem aproximada de uma das fontes.</p> <p>Movimento lento de aproximação na imagem geral do memorial, até centralizar uma das fontes.</p> <p>Close da água caindo em uma das fontes, seguido de movimento de afastamento até enquadrar toda a</p>	<p>the names of every person lost that day, those who died here in New York, as well as in Washington and Pennsylvania. Plus, those who died here in the World Trade Center bombing in 1993. We will also hear from president Obama and former president George W. Bush. This is not a day for political speeches, we're told, but for reflections. Today also is the day the World Trade Center memorial opens. Family members will be seeing the names of their loved ones etched in stone for the first time.</p> <p>Cooper: Just look at those images, I mean, there's been so much intention over the years about what should be done at this sight and it is...I think all that expression idea has been put aside into actually see progress, finally, after so many years. There's been so much frustration, but then you look at this images, those giant reflecting pools, beautifully designed. I wasn't clear how the design was going to work. When you see them, not only during the day, but at night, they are approximately two hundred feet in length on each side of the memorial pool, the two of them. You're looking at, I believe, the north one right now. The design is called "reflecting absence", designed by Michael Aaron and Peter Walker. But throughout the day, as the light changes, the reflection on the water changes as well, and even at night it almost looks like the water sometimes is going in the opposite direction, like it's going up. It's really extraordinary.</p> <p>Candy: It is. And what I think you can see here, because here is this beautiful sort of park like area, it</p>
---	--

	<p>fonte.</p> <p>Imagem geral do memorial: panorâmica da esquerda para a direita</p> <p>Imagem em frente ao palco da cerimônia. Multidão aguarda início da solenidade, muitos seguram cartazes com homenagens.</p>	<p>has all these trees that soften up some of the hardscape that you see, with the fountains. But mainly, surrounding, are working buildings, I mean, buildings that people are going to work in here. And that's what they struggled with, as you well know, all over this ten years, was how do you integrate what so many people see as hollow ground into a busy downtown area.</p> <p>Cooper: And as you said, family members will be seeing the names of their loved ones, etched for the first time by these memorials.</p>
--	--	--

DECUPAGEM – GLOBO NEWS

HORA	VÍDEO	ÁUDIO
9h01min	<p>Imagem geral do estúdio: Luciano à esquerda, Sandra no telão, ao centro, Raquel e convidados à direita.</p> <p>Close no embaixador.</p> <p>Imagem geral.</p> <p>GC: Memorial do 11 de setembro vai ser inaugurado oficialmente hoje</p>	<p>Raquel: Estamos de volta, agora em companhia de Sabrina Medeiros e também do embaixador Azambuja. Como vai? Tudo bem?</p> <p>Embaixador: Oi.</p> <p>Luciano: Bom dia, embaixador.</p> <p>Embaixador: Oi, como vai?</p> <p>Raquel: A gente volta, antes de conversar com o embaixador, a Nova York. Sandra Coutinho, a gente acompanhando já muita gente aí no Marco Zero, cartazes, comentários de saudades da família, dos parentes que foram perdidos, de amigos. E também uma bela imagem do sol já batendo na fonte aí, como foi projetada pelos arquitetos. Queria que você contasse como tá agora o movimento. Já tá aumentando bastante o número de gente por aí, né?</p>

	<p>Sandra em Nova York, no alto, com memorial ao fundo.</p>	<p>Sandra: É, bastante. Existem várias barreiras para as pessoas se identificarem. Então vai demorar bastante a entrada desses convidados, né, dos parentes das vítimas. Muitos deles estão levando cartazes, “mamãe, sinto saudade”, “nunca vou me esquecer”. Só que a barreira policial é um pouco distante, a pessoa tem que se identificar e depois tem que passar por uma nova barreira, onde ela mostra os documentos novamente e, aí sim, recebe o credenciamento especial para a entrada ali. Eu queria mostrar, Raquel, os jornais de hoje. Todos eles com edições especiais, alguns com cadernos especiais, esse aqui é o New York Post. Tem também o Daily News. Todos trazendo a prova da noite. Esse aqui mostra a estátua da liberdade com a torre do World Trade Center número 1 ao fundo. O New York Times também vem com uma edição especial, é claro, todos mostrando aqui. Essa aqui é aquela, são as bordas dessas fontes que vão ser parte do memorial, né. Os nomes das pessoas, a gente vê. Alguns nomes das pessoas aqui. A gente continua acompanhando o movimento por aqui, exatamente às 08h46min começa a cerimônia com o primeiro minuto de silêncio. Em seguida, começa a leitura dos nomes de todas as pessoas que morreram aqui. Às 09h03min tem outro minuto de silêncio, quando bate o segundo avião na segunda torre. Esses minutos de silêncio marcam os horários em que aconteceram os atentados naquele dia 11 de setembro. Às 08h46min é o primeiro avião que se choca com a primeira torre, às 09h03min é o segundo avião que se choca contra a segunda torre. Haverá outro minuto de silêncio para cada torre, no momento em que cada torre desabou, um minuto de silêncio também quando um avião se chocou</p>
--	---	--

	<p>Imagem geral estúdio. Volta enquadramento de Sandra Coutinho.</p>	<p>com o Pentágono e o sexto minuto de silêncio será para homenagear as pessoas que derrubaram aquele avião, vôo 93 da companhia United, que caiu em Shanksville, na Pensilvânia. Eu to falando horários aqui de Nova York, sempre uma hora a mais pelo horário de Brasília. Eu ouvi no intervalo vocês conversando com a Sabrina Medeiros. Sabrina, eu queria, eu vi que você tava falando do Cantor Fitzgerald, né. Era a maior empresa, a maior empresa de negociação de títulos do governo americano. Foi a empresa que mais teve perdas aqui. 670 dessas pessoas, das pessoas que morreram aqui World Trade Center, trabalhavam na Cantor Fitzgerald, que era esse maior financista de negociação de títulos do tesouro americano, e é. Há pouco tempo saiu uma grande reportagem aqui sobre o Cantor Fitzgerald, que foi uma empresa que renasceu das cinzas.</p>
--	--	---

ANEXO B – Outras tabelas de referência

CNN

AÇÃO POSITIVA

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Rebuild	1					1
New towers	1					1
Rising	1					1
Move forward	1					1
Progress	1					1
Repair / Repairing				2		2

SÍMBOLOS

Palavra	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Skyscrapers	1					1
Two Towers	2					2
Pools / Fountains	4					4
Skyline	1					1
Flags				7		7

IMAGENS – ARQUIVO 11/9

Imagem	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Bombeiros/ Resgate	4				1	5
Cidadãos atingidos	5					5
Céu azul					1	1
Torres em chamas	1				1	2
Prédios	1				1	2
Fumaça nas ruas	2					2
Escombros	2					2
Bandeira	1					1
George W. Bush	1					1

IMAGENS – PESSOAS

Imagem	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Anderson Cooper	2		1	1		4
Candy Crowley	2		1	1		4
Wolf Blitzer	1					1
John King	1		1			2
Michelle Obama		1			1	2
Barack Obama		1			1	2
Laura Bush		2			1	3
George Bush		3			1	4
Famíliares no palco		6		1	4	11
Platéia no memorial/NY	1	1				2
Platéia/Shanksville			3			3
Cenas de pessoas no memorial/NY		2		1	5	8
Chris Christie			1			1
Emi Ferguson (flautista)			1			1
Coral infantil - Shanksville			2			2
Joe Biden			1			1
Militares em NY					3	3
Jeff Parness (fonte)				1		1
Suzanne Malveaux				3		3
General Allen (fonte – gravado)				1		1
Geneive Abdo (fonte)					1	1

IMAGENS – CENÁRIOS E OBJETOS

Imagem	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Memorial WTC – plano geral	6		1	3	3	13
Fontes/piscinas	8		1	5	10	24
Bandeira	3	1	1	14	2	21
Palco – WTC	1	1	2		1	5
Nova torre	3	1	1	3	2	10
Obras	2				2	4
Palco - Shanksville			2			2
Pentágono			1		1	2

IMAGENS - CLOSES

Imagem	8h	9h	10h	11h	12h	Total
Água das fontes	1			1	1	3
Emoção/choro		2			2	4
Crianças					3	3
Rostos	2		2		5	5

GLOBO NEWS

SENTIMENTOS

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Tolerância		1				1
Resistência		1				1
Sacrifício		2				2
Liberdade		1	2			3

AÇÃO POSITIVA

Palavra	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Construção/ Reconstruir					3	3
Renovar					1	1
Restaurar					1	1

IMAGENS – PESSOAS

Imagem	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Luciano Cabral	2					2
Raquel Novaes	2					2
Sandra Coutinho	4			1		5
Sabrina Medeiros	3			1		4
Embaixador Azambuja	3				1	4
Michelle Obama		1			1	2
Barack Obama		1			1	2
Laura Bush		2				2
George Bush		3				3
Familiares no palco		8		7		15
Platéia no memorial/NY		1				1
Platéia/Shanksville						
Cenas de pessoas no memorial/NY		1	1	6		8
Chris Christie			2			2
Emi Ferguson			3			3
George Pataki			2			2

Donald DiFrancesco				2		2
-----------------------	--	--	--	---	--	---

IMAGENS – CENÁRIOS E OBJETOS

Imagem	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Memorial WTC – plano geral		1		3		4
Fontes/piscinas			2	6		8
Bandeira				1		1
Palco – WTC		2	2			4
Nova torre						
Sinos			2			2

IMAGENS – CLOSES

Imagem	9h	10h	11h	12h	13h	Total
Água				1		1
Emoção/choro		2	1			3
Crianças						
Mãos		1	1			2
Rostos		2	3			5
Sinos		1	1			2
Nomes				1		1